



UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA – UNIVERSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA
DO BRASIL - MESTRADO

ESCOLAS MODERNAS FUNDADAS POR ANARQUISTAS
NO BRASIL COM BASE NA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA
DE FERRER Y GUARDIA

PAULO EDUARDO SILVEIRA SISINNO

NITERÓI

Novembro de 2016



UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA – UNIVERSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA
DO BRASIL - MESTRADO

ESCOLAS MODERNAS FUNDADAS POR ANARQUISTAS
NO BRASIL COM BASE NA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA
DE FERRER Y GUARDIA

PAULO EDUARDO SILVEIRA SISINNO

Projeto de pesquisa do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marly de Almeida Gomes

Vianna

NITERÓI

Novembro de 2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

S622p Sisinno, Paulo Eduardo Silveira.

“Escolas modernas fundadas por anarquistas no Brasil com base na pedagogia libertária de Ferrer y Guardia” / Paulo Eduardo Silveira Sisinno - Niterói, 2016.

114 p.

Bibliografia: p. 110-114

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em História - Universidade Salgado de Oliveira, 2016.

Orientador: Dsc. Marly de Almeida Gomes Vianna.

1. Brasil - História. 2. Educação - Brasil - História. 3. Educação - Aspectos sociais. 4. Libertarismo - Brasil - História.
5. Ferrer y Guardia, Francisco, 1859-1909. 6. Anarquismo e

Bibliotecária: Elizabeth Franco Martins CRB 7/4990

À minha mãe, Vera.

Aos meus avós, *in memoriam*.

E a todos os educadores libertários, que em todas as épocas sempre buscaram mais do que instruir, ajudar a formar cidadãos conscientes, questionadores e independentes.

AGRADECIMENTOS:

Aos meus pais, Leonardo e Vera, especialmente minha mãe, que sempre foi a maior incentivadora deste trabalho.

Às minhas irmãs Cristina Lúcia e Ana Raquel e minha tia Marília, e toda minha família, inclusive na Itália, pelo carinho e pelo estímulo que sempre me deram.

À minha companheira Anita Rink, que participou de forma decisiva neste trabalho, seja na realização concreta, seja no encorajamento emocional e apoio moral em todas as horas.

À minha Orientadora de Mestrado, Marly Vianna, primeiramente por ser uma pessoa que eu tanto admiro, seja como pessoa, seja como profissional, e que me proporcionou grande honra ao aceitar-me como seu orientando. Além disso, por compreender minhas dificuldades, por um lado, e por desafiar-me a ultrapassar meus limites, por outro.

A Ingrid Rink, Eileen Mitrano Rink, Bjarke Rink e Mara Rink, por seu inestimável afeto e incentivo constante de meu trabalho.

“A história da humanidade começa com o ato de desobediência do homem, que representa ao mesmo tempo o princípio de sua liberdade e de desenvolvimento de seu raciocínio”. Erich Fromm

RESUMO:

A importância da educação para o desenvolvimento pessoal e social é uma realização relativamente recente no mundo. No passado, a falta de cultura e instrução era um dos fatores predominantes de sujeição dos homens às forças que detinham os poderes de comandar o rumo da sociedade de acordo com os seus interesses. Por este motivo, também interessava à classe dominante que a educação continuasse sob o controle dos membros mais privilegiados da sociedade. O ensino, portanto, deveria ser administrado por aqueles que compactuassem com esta forma de entender o mundo e ofertado para aqueles que pudessem pagar por tal privilégio. As escolas, então, acabariam por manter a desigualdade social, por apresentar uma visão conservadora do mundo e da sociedade. Este quadro não diferia muito entre os vários países do mundo, assim como também existia no Brasil. A compreensão de que o acesso à instrução e cultura pode promover mais igualdade entre os cidadãos das diversas classes sociais levou à luta dos trabalhadores, entre outros, pela disponibilidade de mais quantidade e melhor qualidade da educação. Ao longo do tempo, podemos observar a ação de inúmeros indivíduos e grupos políticos neste trabalho de desenvolver a educação no mundo e no Brasil. A busca por novos modelos pedagógicos, que considerassem também os interesses e os direitos da classe trabalhadora também fez parte deste processo. Da mesma forma, a tentativa de ampliar a rede de oferta de educação para todos, não só para aqueles que pudessem pagar para ter instrução e formação acadêmica. Trata-se de uma luta que tem interessado e envolvido tanto os trabalhadores como os seus líderes e representantes, em diversos lugares e épocas. Como exemplo, podemos recordar o pensador e ativista político russo Mikhail Bakunin, também um destacado nome da corrente política do Anarquismo. Em sua longa trajetória de lutas em favor dos trabalhadores, Bakunin também propôs e propugnou uma nova forma de pedagogia, que ele chamou de Educação Integral. Assim, sob a classificação geral de Pedagogia Libertária, encontramos um conjunto de novas formas de ensino concebidas por grupos de ativistas políticos e educadores que buscavam uma real emancipação da classe operária. Não somente um tipo de instrução rudimentar e voltado exclusivamente para o trabalho manual, mas uma forma de educação que pudesse promover uma ampla reforma social, ou mesmo uma revolução, para criar uma sociedade mais justa, com menos desigualdade e privilégios, com mais oportunidades para todos igualmente. No contexto do presente trabalho, procurou-se pesquisar as experiências pedagógicas colocadas em prática nas Escolas Modernas fundadas no Brasil nos primeiros anos do século XX por educadores, ativistas políticos e trabalhadores anarquistas, com base na Pedagogia Libertária de Francisco Ferrer y Guardia, anarquista e educador espanhol.

Palavras-chave: Pedagogia Libertária, Anarquismo, Escolas Modernas, Educação Integral, Anarquistas, Educação.

ABSTRACT:

The importance of education for personal and social development is a relatively recent understanding. In the past, the lack of instruction and knowledge was one of the main causes for submission of the people to the ruling classes that held the power to command society according to their interests. For this reason, it was also interesting for the ruling class that education remained under the control of the most privileged members of society. Education should, therefore, be administered by those who shared this way of conceiving the world and be delivered only for those who could pay for such privilege. Thus, schools, ended perpetuating social inequality, by presenting a conservative viewpoint of the world and the society. This situation was similar in many countries around the world, as well as in Brazil. The understanding that the access to instruction and knowledge can create more equality among citizens of different social classes led to the struggle of workers, among others, for more availability and better quality of education. History has regarded the actions of numerous individuals and political groups that have worked to develop education around the world, as well as in Brazil. The search for new pedagogic models, which also considered the interests and the rights of the working class has been part of this process. Similarly, there has also been the struggle for increasing the offer of education for all citizens, not only for those who could pay for having instruction and schooling. This has been a struggle which has interested and involved the workers, their leaders and representatives in several places and times. As an example, we can mention the Russian thinker and political activist Mikhail Bakunin, who was also an outstanding member of the political ideology known as Anarchism. In his long list of actions in favor of the working class, Bakunin also conceived and worked for implementing a new kind of pedagogy, which he called Integral Education. Therefore, under the general classification of Libertarian Pedagogy, it is possible to find various new ways of teaching, created by groups of political activists and educators who looked for a real emancipation of the working class. Not only a type of basic instruction, aimed exclusively at preparing for work, but a kind of education that would enhance a wide social change, even a revolution, to create a fairer society, with less inequality and privilege, with more opportunity for everyone equally. In the scope of this work, it was researched the pedagogic experiences carried out in the Modern Schools created in Brazil, in the first years of the twentieth century, by anarchist educators, activists and workers based on the Libertarian Pedagogy of Francisco Ferrer y Guardia, Spanish anarchist and educator.

Keywords: Libertarian Pedagogy, Anarchism, Modern Schools, Integral Education,

Anarchists, Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
BASE DOCUMENTAL.....	02
OBJETIVOS.....	03
HIPÓTESES.....	03
CAPÍTULO I.- A Pedagogia Libertária e alguns de seus representantes.....	05
Élisée Reclus.....	06
Paul Robin.....	08
Leon Tolstoi.....	10
José Oiticica.....	11
Michail Bakunin.....	12
Pierre-Joseph Proudhon.....	18
Piotr Kropotkin.....	19
Francisco Ferrer Y Guardia.....	20
CAPÍTULO II - A Pedagogia Libertária na América Latina.....	26
Anton Makarenko e a Colônia Gorki.....	41
CAPÍTULO III - A Pedagogia Libertária no Brasil.....	44
A repressão às escolas operárias.....	51
A importância da educação e cultura na organização da classe operária.....	61
Escolas Modernas fundadas por anarquistas no Brasil.....	67
As Escolas Modernas na imprensa libertária do Brasil.....	70
CONCLUSÃO.....	84
Referências bibliográficas.....	96
Anexos.....	89
Fontes.....	110
Bibliografia.....	110

INTRODUÇÃO

Na atualidade, já é uma noção comumente aceita a importância universal da educação para a emancipação individual e coletiva dos sujeitos. No passado, porém, este entendimento não era tão amplamente divulgado e aceito. A educação permaneceu por muito tempo um privilégio das classes mais abastadas economicamente. O ensino, em geral, era gerido e oferecido por uns poucos grupos que procuravam manter em mãos o seu controle, especialmente certas vertentes religiosas. Esta situação criava e perpetuava uma desigualdade não apenas econômica, mas também sociocultural entre os cidadãos. Tal panorama era comum a muitos países do globo e também, de forma bem acentuada no Brasil.

A luta pelo acesso ao ensino para todos os cidadãos, e mais ainda, a oferta de um tipo de educação que promovesse a igualdade de condições para pessoas de todas as classes sociais, de todas as raças, gêneros e credos tem sido uma das mais características e duradouras reivindicações dos trabalhadores em todo mundo, inclusive no Brasil.

Ao longo dos anos, muitos movimentos políticos influenciaram diretamente o processo de educação no mundo e no Brasil, incluindo a busca por um novo modelo pedagógico, mais inclusivo e abrangente. Por exemplo, o teórico político russo Mikhail Bakunin, um dos mais proeminentes nomes da história do Anarquismo no mundo, cunhou o termo Educação Integral, para a proposta pedagógica concebida por ele.

A Pedagogia Libertária foi um dos instrumentos considerados básicos por um grupo de ativistas políticos para alcançar uma verdadeira emancipação da classe trabalhadora e uma ferramenta indispensável para uma revolução social que pudesse criar um mundo mais justo e com mais igualdade de oportunidades para todos os cidadãos.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é procurar conhecer mais e entender melhor as propostas e as experiências postas em prática por educadores, pedagogos e também por leigos na área da Pedagogia Libertária no Brasil, no início do século XX.

Com base em investigação previamente realizada, observamos a carência de um maior conhecimento e entendimento sobre este tema específico, o qual, entretanto, é de grande interesse para muitas pessoas e não somente para os profissionais da área de Educação.

Isto demonstra a importância de aprofundar uma pesquisa sobre o tema citado, porque merecem ser mais conhecidas as propostas e experiências de ensino marcadas por uma ênfase na via libertária da emancipação do indivíduo e da coletividade.

Além disso, essa pesquisa quer auxiliar na divulgação e esclarecimento das propostas e experiências libertárias, investigando os possíveis mal-entendidos, distorções e preconceitos criados e divulgados contra elas, seja pelos meios de comunicação tradicional, seja por outros meios.

Desta forma, pretendemos contribuir para um melhor entendimento e divulgação das ideias e ações de educadores e outros trabalhadores e indivíduos que lutaram em prol de uma forma de educação mais livre e libertária.

A proposta deste projeto enfoca a história das práticas pedagógicas no Brasil por meio da pesquisa de experiências educacionais dos libertários, incluindo tanto aquelas que lograram obter resultados mais duradouros como aquelas que tiveram pouco êxito ou curta duração. Para fins de um desenvolvimento mais eficiente do trabalho, o foco da pesquisa delimitou-se às décadas iniciais no século XX, e principalmente ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Paralelamente, foi feita uma investigação de como estas experiências educacionais foram compreendidas ou não pelo público e, mais particularmente, como foram reportadas pelos meios de comunicação de sua época, através de pesquisas em fontes primárias como documentos e jornais da época, e fontes secundárias como livros específicos sobre este tema.

Acreditamos que esta pesquisa pode ajudar a divulgar melhor estas experiências históricas na área da Educação, e contribuir ainda mais para a melhoria do ensino em nosso país.

BASE DOCUMENTAL

As fontes para esta pesquisa foram, em sua maioria, compostas de livros, revistas, jornais de grande circulação da mídia tradicional e também publicações independentes produzidas pelos próprios agentes educadores e pelos trabalhadores e ativistas envolvidos na causa, tais como boletins, jornais independentes, jornais de sindicatos e associações de classe, muitos deles encontrados nos arquivos históricos de Edgar Leuenroth, na Unicamp.

Grande parte do material impresso da época pesquisada está disponível apenas em algumas bibliotecas, como a Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). Tratando-se de

um tema especificamente ligado às lutas populares e causas dos trabalhadores, particularmente aos anarquistas no caso em questão, foram pesquisadas as publicações produzidas por sindicatos e associações de trabalhadores na década estudada. Algumas destas publicações são encontradas em bibliotecas mais ligadas ao tema, como a Biblioteca Social Fábio Luz, do Rio de Janeiro, e a Biblioteca Terra Livre, de São Paulo e na coleção de jornais anarquistas dos primeiros 30 anos do século XX, encontrados no Arquivo do Movimento Operário Brasileiro – ASMOB, do CEDEM – Centro de Documentação e Memória, da UNESP.

OBJETIVOS

3.1 – Objetivo Geral

- Elaborar um levantamento crítico sobre os problemas enfrentados pelos educadores libertários, tais como a repressão às ideias anarquistas, principalmente nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

3.2 – Objetivos Específicos

- Realizar um levantamento bibliográfico histórico sobre obras de historiadores abordando as experiências em educação dos anarquistas no Brasil no início do século XX;

- Realizar uma investigação de como estas experiências educacionais foram compreendidas (ou não) pelo público e, mais particularmente, como foram reportadas pelos meios de comunicação de sua época, quais foram seus êxitos e derrotas, e quais foram as causas que influenciaram tais resultados.

O presente trabalho teve como objetivo investigar se as experiências pedagógicas dos anarquistas no Brasil não tiveram resultados mais abrangentes e profundos por causa de alguns obstáculos enfrentados por aqueles que buscaram realizar em nosso país um modelo de ensino baseado nas ideias libertárias de pensadores como Michail Bakunin e Francisco Ferrer Y Guardia.

HIPÓTESES

Nossa hipótese inicial foi que isso ocorreu porque as escolas tiveram que enfrentar a oposição de determinadas forças, como da Igreja, que se organizaram em oposição às tentativas dos anarquistas de por em prática um tipo de pedagogia que, além

de buscar a emancipação da classe trabalhadora, lutava por um ensino laico. Por exemplo, a Igreja Católica sempre disputou a predominância na oferta da formação escolar no Brasil, até o início do século XX. Para aquela instituição, a concorrência na área do ensino não era confortável, ainda mais se considerarmos que os princípios anarquistas diferem extraordinariamente daqueles oferecidos pelos colégios católicos em toda parte.

Além da Igreja, outros setores da classe dominante certamente sentiram-se incomodados e até ameaçados com uma nova forma de educação e conscientização dos trabalhadores e de seus filhos. Outra dificuldade para o desenvolvimento das escolas modernas foram os preconceitos sociais e ódios de classe, que se articularam e foram divulgados através da imprensa brasileira da época.

Também procuramos investigar sobre o apoio da própria classe operária a este movimento.

Através de pesquisas em documentos e jornais daquele período, bem como livros específicos sobre este assunto, buscamos a comprovação dessas hipóteses.

CAPÍTULO I - A Pedagogia Libertária e alguns de seus representantes

Há diferentes formas de entender e trabalhar com educação na sociedade: uma atitude conservadora utiliza a educação como uma mera ferramenta de reprodução de padrões e conceitos pré-estabelecidos, o que ajuda a manter e reproduzir o estado das coisas tal como se apresenta. Uma outra atitude, questionadora e renovadora, entende que a educação é um valioso meio para transformar a realidade. A pedagogia libertária encaixa-se neste último modo de olhar e trabalhar com a educação.

De minha atuação como professor, observo a importância de se optar por este tipo de pedagogia, a fim de colaborar numa efetiva mudança que possa levar, no final, a uma sociedade mais aberta, inclusiva e com mais justiça social.

Visto que as escolas são o principal local onde se confrontam, na prática, estes dois diferentes tipos de pedagogia, a conservadora e a libertária, considero importante estudar a história das chamadas Escolas Modernas. Estas foram instituições de ensino não governamental, criadas por trabalhadores, em sua maioria adeptos do anarquismo, no início do século XX, em diversos países, inclusive no Brasil. Assim, o termo Escola Moderna usado neste trabalho refere-se, especificamente, a estes estabelecimentos de ensino criados e mantidos pelos trabalhadores e baseados, essencialmente, na pedagogia libertária elaborada pelo educador catalão Francisco Ferrer y Guardia. Esta pesquisa refere-se principalmente às Escolas Modernas surgidas no eixo Rio-São Paulo, nas décadas iniciais do século passado. Para efeito comparativo, também veremos brevemente as experiências das Escolas Modernas de outros países da América Latina.

Para reforçar a importância de estudar as escolas e sua pedagogia a fim de melhor compreender a educação e a própria sociedade, Sonia de Castro Lopes¹ recorda o trabalho do historiador Antonio Nóvoa. Para ele, uma das possibilidades de entender a história das instituições escolares consiste em pensá-las como espaços que refletem os sistemas de educação. Essa abordagem consiste em utilizar as instituições escolares para ancorar os pressupostos da história da educação, partindo da hipótese de que a escola é um lugar social e simbólico, no qual estão em jogo projetos de indivíduos ou grupos, onde se concretizam processos de produção e reprodução social e se organizam as práticas de mobilidade e/ou controle social. Esse tipo de análise dedica uma atenção especial ao local onde a escola se insere, especialmente sob o ponto de vista político e econômico.

¹ LOPES, Sonia de Castro. Oficina de mestres, história, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939) - Rio de Janeiro: DPBA: Faperj, 2006, p.42.

Antes de estudar o caso das Escolas Modernas brasileiras baseadas na pedagogia libertária de Francisco Ferrer y Guardia, vejamos uma breve revisão bibliográfica sobre a pedagogia libertária, alguns de seus idealizadores, seus conceitos e suas propostas. Muitos destes intelectuais, professores e ativistas da pedagogia de tipo libertário representaram referências essenciais para os educadores brasileiros que criaram as primeiras Escolas Modernas no Brasil. O resumo das principais ideias destes libertários está baseado no livro *La (A) en la pizarra - Escritos anarquistas sobre educación*². A tradução dos textos citados é de minha autoria.

Élisée Reclus

Geógrafo e anarquista, nascido em 15 de março de 1830 em Sainte Foy la Grande (França). Junto com seu irmão, Élisée Reclus participou nas turbulências políticas da revolução de 1848 na França. Conheceu Karl Marx e Mikhail Bakunin, sentindo-se mais favorável ao anarquismo, que se vincula mais intimamente com o modo de entender o homem dentro da Geografia.

Reclus participou na Comuna de Paris, (1871), tendo que exilar-se na Suíça após sua derrota. Em 1894 mudou-se para a Bélgica, colaborando na fundação da Universidade Livre ou Universidade Nova, onde foi docente. Faleceu em Thouront em 4 de julho de 1905 e foi enterrado na localidade de Ixelles.

Em todas as suas obras estão mescladas a dimensão do geógrafo e a do anarquista militante, revelando o amor que sentia pelo homem e pela natureza. Isto possibilitou que seu pensamento anarquista sobrevivesse através de sua obra como geógrafo, difundindo-se por todo o mundo.

Em um extrato do capítulo XI de *O homem e a terra*, Reclus demonstra o seu grande interesse nas escolas e na educação, ao mesmo tempo em que confirma o valor de uma pedagogia de tipo libertário para questionar os poderes constituídos e o status-quo, quando afirma:

Antes de tudo, o vício capital das escolas é o de todas as instituições humanas, o caráter de infalibilidade que costumam atribuir-se os professores. Aos olhos dos leigos, parece que possuem o direito natural, em virtude da autoridade que lhes dão os anos e os estudos anteriores. As crianças, vendo a figura séria de seu pai ou de quem o substitui, ficam dispostas a inscrever em suas memórias a palavra solene que sai de sua boca: assim oferecem um terreno muito favorável à fé cândida e

² Sem autores mencionados – *La (A) en la pizarra – Escritos anarquistas sobre educación*. Madrid – La Malatesta Ed., 2011.

espontânea que tanto agrada aos mestres; assim se forma facilmente uma espécie de religião, cujos pontífices se consideram os donos da verdade. À sua infalibilidade pessoal se juntam outras que, segundo os diferentes países, culturas e classes, dão à primeira uma consagração mais alta. Os ensinamentos mudam, porém, em outros países, a ponto de serem absolutamente opostos uns aos outros. Pátrias, religiões, castas, têm suas supostas verdades, que são o ponto de partida de toda a educação, a chave de todo o sistema. Porém, a evolução geral que aproxima os homens, apagando cada vez mais os conflitos de raças, de ideias e de paixões, tende a igualar também os métodos de ensino, atenuando gradualmente seu caráter despótico, dando às crianças uma maior iniciativa.³

Reclus também é um dos pioneiros na iniciativa de estimular um tipo de educação inclusiva e aberta a meninos e meninas, desafiando preconceitos de gênero ainda muito fortes em fins do século XIX. Com uma visão inovadora, que questionava a misoginia muito comum à época, ele advogava a igualdade dos gêneros, como podemos ver no trecho a seguir:

Também em virtude do princípio da dependência da mulher em relação ao pai e ao esposo, na maioria das nações modernas estabeleceu-se a prática de educar as meninas separadas dos meninos. Logicamente se estava preparando as meninas para a subordinação e o ensino que se dava a elas era sempre adulterado com mentiras e astúcias. Havia sido convencionalizado que os homens necessitavam de precisão e as mulheres de certa frivolidade, supostamente mais moral. Porém, compreendido o respeito devido à ciência e ao direito de todos a conhecer a verdade pura, não há razão plausível para a diferença de alimento intelectual para ambos os sexos. As poucas escolas da França e Espanha em que as crianças de ambos os sexos são educadas juntas com perfeita solícitude demonstram que o conjunto de estudos e jogos criam uma atmosfera propícia ao desenvolvimento normal das funções durante a crise da puberdade.

Da aproximação dos sexos em um mesmo meio de estudo resulta que a ignorância mútua e a hostilidade forçada entre homens e mulheres se atenuam gradualmente; o abismo aberto em outro tempo pelas maldições da igreja se preenche aos poucos e a diferença de evolução de um sexo ao outro diminuída medida que o tesouro comum de riquezas científicas vem a ser propriedade de todos; verifica-se uma espécie de nivelamento entre alunos e alunas.⁴

³ RECLUS, Elisée. *O homem e a terra*. in *La (A) en la pizarra - Escritos anarquistas sobre educación*. Recopilación varios autores (1ª Ed.). – Madrid: LaMalatesta Editorial, 2011, p. 13.

⁴ Idem, p. 22.

Paul Robin

Nasceu em Toulon (França) em 3 de abril de 1837 e recebeu uma rígida educação católica. Fez bacharelado em Bourdeaux. Começou a estudar Medicina, mas interrompeu o curso para inscrever-se na Escola Normal. Professor de Matemáticas e Ciências no Liceu de Brest, cedo entrou em contradição com seus superiores por sua postura darwinista, ateia e simpatizante do socialismo. Obrigado a demitir-se, estabeleceu-se em Bruxelas, onde viveu dando aulas particulares e relacionou-se com diversos grupos políticos progressistas, colaborando em periódicos, conferências e cursos para trabalhadores. Além disso, publicou um opúsculo no qual propunha um novo método de ensino de fonética para a leitura e atuou ativamente em diversos projetos docentes durante toda a década de 1860.

Durante aqueles anos, Robin passou a ser membro do conselho nacional belga da Associação Internacional dos Trabalhadores (a Primeira Internacional), em cujo Congresso de 1868 apresentou uma moção a favor do ensino integral. Expulso da Bélgica por seu apoio a uma greve, mudou-se para Genebra com sua mulher, onde tornou-se amigo de Bakunin e Aleksandr (ou Alexander) Herzen, escritor, pensador político e ativista russo. De volta à França, assumiu o cargo de secretário do conselho geral da Internacional. Expulso posteriormente da Internacional por seu apoio a Mikhail Bakunin, colaborou no semanário suíço *L'Egalité* até que, em janeiro de 1870, foram expulsos da AIT os partidários de Bakunin.

Mais tarde, Paul Robin foi convidado a retornar à França, por Ferdinand Buisson, ardente defensor do ensino laico, que lhe conseguiu um posto de inspetor de educação primária. Para poder atuar com mais liberdade, entretanto, Robin aceitou ser diretor do orfanato de Cempuis, em 1880, onde desenvolveu profundamente suas ideias pedagógicas inovadoras e humanísticas até que, diante da enorme pressão dos setores conservadores, teve que deixar o posto em 1894. Seus princípios pedagógicos influenciaram até mesmo Francisco Ferrer y Guardia. Como fervoroso partidário da emancipação das mulheres, em 1889 Robin criou, também em Paris, o primeiro centro de informação sobre produtos anticoncepcionais. Depois disso, ensinou Pedagogia na Universidade Nova de Bruxelas, fundando o periódico *A instrução integral* (1895). Ao retornar ao seu país, Paul Robin recebeu uma condenação de um ano de prisão por ter escrito o opúsculo “A saúde da mulher”, julgado escandaloso. A pena recebida transformou-se em exílio na Nova Zelândia, de onde retornou em 1900, após uma anistia. Em 1896 fundou, junto com outros ativistas, a “Liga da Regeneração Humana”,

uma organização de orientação neomalthusiana e à qual se uniram posteriormente outros pensadores, como Sebastien Faure, Eugen Humbert, Jeanne Dubois e Luis Bulffi de Quintana.⁵

Finalmente, ante a deterioração crescente de sua saúde e suas enormes dificuldades econômicas, suicidou-se de forma planejada e documentando cientificamente todo o processo, em 1912.

No artigo escrito por Paul Robin e intitulado “A educação das crianças”, publicado em 1870, pode-se perceber uma evidente crítica ao sistema capitalista e à exploração dos trabalhadores, um tema primordial em sua época. E, segundo ele, a ferramenta para mudar tal situação negativa era a educação, a instrução integral, como se pode ver neste trecho:

Desde que a ciência é uma humilde serva do capital, demasiado frequentemente ela não é mais do que cúmplice dos opressores dos trabalhadores.

Como acabar com isto? Tirando da burguesia o monopólio da ciência. Por isso é preciso a revolução social e a organização da instrução integral. Falamos em revolução social porque todos os privilégios da burguesia estão garantidos pelos governos, que distribuem a instrução seguindo a vontade das classes privilegiadas e que, por consequência, se queremos livrar-nos da dominação burguesa, é preciso suprimir os governos que lhes servem de apoio. Falamos em instrução integral porque somente através dela cada um poderá adquirir todos os conhecimentos científicos e profissionais, teóricos e práticos que suas aptidões lhe permitirão abarcar.⁶

Coerentemente com seus ideais socialistas, Robin defende a igualdade de direitos, incluindo o direito à educação, para propiciar uma verdadeira igualdade de condições para que todos, tendo acesso à instrução, pudessem participar na construção de uma sociedade mais justa. É o que podemos apreender de suas palavras no trecho destacado em seguida. É também interessante notar que, no final deste mesmo texto, Paul Robin propõe a ideia inovadora da gestão popular das escolas e do ensino, como podemos ler abaixo:

O direito à instrução é igual para todos; seria injusto que a sociedade concedesse mais a uns que a outros. A sociedade tem que dar, portanto, uma educação igual a cada um de seus membros; isto é, deve dar a cada criança a possibilidade de desenvolver suas faculdades, de adquirir todos os conhecimentos que comportam suas aptidões e de aprender um ofício segundo seus gostos.

⁵ Sem autores mencionados – *La (A) en la pizarra – Escritos anarquistas sobre educación*. Madrid – La Malatesta Ed., 2011, p. 38.

⁶ ROBIN, Paul. A educação das crianças, in *La (A) en la pizarra - Escritos anarquistas sobre educación*. Recopilación varios autores (1ª Ed.). – Madrid: LaMalatesta Editorial, 2011, p. 39.

Para conseguir este propósito, a educação deverá ser provida em estabelecimentos comuns onde cada criança terá acesso, onde poderá desenvolver simultaneamente sua mente e seus músculos, aprender ao mesmo tempo a ciência e um ofício. Será, sem dúvida, a comunidade social que se encarregará da instalação de uma escola-oficina; como todos os indivíduos componentes desta coletividade restrita têm o mesmo direito à vigilância da educação dos que, mais tarde serão seus associados. É o conjunto dos habitantes de uma comunidade que regulará aquilo que concerne à organização e administração do estabelecimento de educação.⁷

Leon Tolstoi

Uma outra referência marcante para o presente trabalho, seja quanto aos princípios libertários em geral, seja também quanto às ideias fundamentais sobre a Educação, é a obra do pensador russo Lev (Leon) Tolstoi. Além de ter sido um escritor aclamado e um pensador bem conceituado, Tolstoi interessou-se fortemente pela educação libertária. Conhecemos o caso da escola criada por ele para filhos de camponeses em 1850 na Rússia. Preocupado com as condições precárias de educação no meio rural de seu país, Tolstoi criou em *Iásnaia Poliana* uma escola para os filhos dos camponeses, para a qual ele mesmo escreveu grande parte do material didático. Ao contrário da pedagogia convencional conservadora da época, a metodologia de Tolstoi deixava os alunos livres, sem excessivas regras e punições. O nome de Tolstoi também é uma das referências mais importantes na história do Anarquismo. Através das colunas de sugestões literárias dos jornais anarquistas brasileiros do início do século XX podemos constatar como o grande autor russo era muito valorizado pelos militantes libertários. Entre suas obras, algumas das mais apreciadas eram: *O que é religião?*; *Aos Operários*; *O que eu penso da guerra*; *A próxima revolução*; *Amor e Liberdade*; *A Escravidão Moderna*; *A Insubmissão e a Escola de Yasnaia Poliana*.⁸

Em seu livro *Nem Pátria, nem Patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*⁹, Francisco Foot Hardman tratou dos problemas de uma política cultural anarquista no Brasil, bem como da presença cultural do proletariado e das correntes libertárias na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. Seu livro é uma importante referência para pesquisas na área de história do trabalho e no campo das culturas entre operários.

⁷ ROBIN, Paul. A educação das crianças, in *La (A) en la pizarra - Escritos anarquistas sobre educación*. Recopilación varios autores (1ª Ed.). – Madrid: LaMalatesta Editorial, 2011, p. 41.

⁸ A GUERRA SOCIAL, Periódico Anarquista, RJ, n. 18, 27/03/1912, p. 4.

⁹ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem Patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Outra obra referencial para o estudo da formação do movimento operário brasileiro no início do século passado é o livro *Trabalho Urbano e Conflito Social*¹⁰, de Boris Fausto, em que o autor estuda esta classe social pensando nas condições materiais de existência, enfatizando o mundo do trabalho, e a mentalidade coletiva, inserida na sociedade. No capítulo intitulado “Correntes organizatórias e seu campo de incidência”, Boris Fausto aborda a questão das influências ideológicas e dos tipos de organização do movimento operário nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, de 1890 a 1920. Ele identifica três correntes majoritárias que desempenharam grande influência entre os operários: o anarquismo, o socialismo e o “trabalhismo”. Os anarquistas negavam qualquer aliança classista, bem como qualquer tipo de acordo entre o capital e o trabalho. Seu objetivo era a supressão do Estado, conseqüentemente a supressão do capitalismo. Sua tática política era a ação direta, sobretudo no plano econômico e ideológico, negando os meios políticos de luta. O movimento anarquista estava dividido em correntes diversas: o “mutualismo proudhoniano”, o “anarco-coletivismo”, o “anarco-comunismo” e o “anarco-sindicalismo”. Segundo o autor, um dos pontos realmente significativos está na organização do anarco-sindicalismo, onde “o alvo a alcançar consistia em infundir a consciência libertária nas massas exploradas para a destruição de um sistema dominado pelos exploradores”.

José Oiticica

Veremos alguns dos casos mais significativos relacionados à pedagogia libertária no Brasil no último capítulo deste trabalho, mas antes disso podemos nos deter um pouco sobre um dos mais influentes anarquistas brasileiros, por causa de sua ligação especial com o tema da Educação. Trata-se de José Oiticica, professor, poeta e filólogo, que foi uma referência marcante no meio cultural libertário na primeira metade do século passado. O eminente educador também foi objeto de estudo de Felipe Corrêa Pedro em sua Dissertação de Mestrado na Universidade de São Paulo em 2012 intitulada *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*¹¹. No capítulo “Dominação ideológica/cultural: religião, educação e mídia”, Pedro menciona a crítica de José Oiticica à moral religiosa: a “religião é o processo de subjugar o povo fazendo-o crer em um ser onipotente, invisível, dono do universo, castigador dos maus, premiador

¹⁰ FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo: DIFEL, 1983.

¹¹ PEDRO, Felipe Corrêa. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação (Mestrado em Ciências), 2012.

dos bons”, sendo “os maus, naturalmente, os que desviam das normas ditadas pelos sacerdotes e atribuídas à divindade” e “os bons os que a elas se conformam sem nenhum protesto”¹².

No mesmo trabalho, Felipe Corrêa Pedro explicita o questionamento e crítica dos anarquistas ao conformismo, especialmente aquele forjado e incentivado pelas instituições religiosas, com base em uma suposta ordem divina preexistente. Veja-se o trecho abaixo:

De acordo com os anarquistas, a moral religiosa forja uma noção de certo e errado que tem por objetivo fortalecer o status-quo dos sistemas de dominação. Se a ordem, caracterizada pelas estruturas sociais, é estabelecida pelas divindades, qualquer questionamento evidencia um mau comportamento, passível de punição; o mais adequado é conformar-se e obedecer.¹³

Michail Bakunin

Um dos nomes mais significativos da história do anarquismo, o filósofo russo Michail Bakunin (1814-1876) tratou de inúmeros temas em seus escritos e também esboçou uma proposta educacional que visava romper com a divisão educacional comum no século XIX e vigente até a atualidade, que de um lado oferece uma educação técnica e manual aos trabalhadores visando formar mão de obra a ser explorada, e do outro, uma educação intelectual para reproduzir uma elite exploradora que se sobrepõe aos trabalhadores e detém o poder. No capítulo “Dominação ideológica/cultural: religião, educação e mídia”, Felipe Corrêa Pedro recorda Bakunin ao citar:

Bakunin declara em 1867 que todas as religiões passadas e presentes, sem excluir de forma alguma o cristianismo, foram a religião do mais forte. É a consequência necessária da própria natureza da religião. [...] A religião é, sem sobra de dúvida, um roubo cometido pela imaginação religiosa em detrimento da terra e dos homens, em benefício do céu e dos deuses. [...] O respeito pelo céu torna-se desprezo pela terra, e a adoração da divindade torna-se crueldade para os homens.¹⁴

Voltando às ideias do brasileiro José Oiticica sobre a escola e a educação, Pedro exemplifica a crítica do pensador anarquista à educação conservadora, aquela que

¹² Idem, p. 110.

¹³ Idem, p. 110.

¹⁴ Idem, p. 111.

reproduz e ajuda a manter inalterado o status-quo e os privilégios de classe daqueles que detêm o poder. Isto pode ser constatado no texto abaixo:

Oiticica (2006, p. 53) coloca que, por meio de suas práticas pedagógicas, ela transmite uma série de valores, “gravando, à força de repetições, sem demonstrações ou com argumentos falsos, certas ideias capitais, favoráveis ao regime burguês, no cérebro das crianças, dos adolescentes, dos adultos.”¹⁵

Aos poucos, argumenta ele, essas ideias vão se tornando “verdadeiros dogmas indiscutíveis.

Além da oposição dos setores religiosos, principalmente aqueles ligados à exploração da oferta de educação, o principal motivo para o fechamento das Escolas Modernas foi a repressão desencadeada pelo Estado brasileiro contra as ações da classe operária nas primeiras décadas do século passado. Para entender melhor aquele período, utilizo, além de outras publicações, o livro *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*, de Alexandre Samis¹⁶. Nesta sua obra, Samis conta a história do campo de prisioneiros políticos construído na Colônia Agrícola de Clevelândia, no Amapá, durante o governo de Artur Bernardes. O autor mostra como as classes dominantes perseguiram e reprimiram as classes operárias nas primeiras décadas do século XX.

Um dos motivos da acirrada oposição da igreja contra os anarquistas pode ser compreendido considerando-se a postura combativa destes em relação à superstição e ao misticismo, entendidos como obstáculos à conscientização política e social da classe trabalhadora, bem como uma causa de alienação do povo em geral. Angela Maria Souza Martins, em seu artigo “Liberdade, Racionalismo e Neomalthusianismo na Pedagogia Libertária do Século XIX”¹⁷, esclarece que “o século XIX é caracterizado como o século do triunfo do conhecimento científico e da racionalidade. (...) Além disso, a racionalidade científica poderia combater os dogmas e as superstições da Igreja”¹⁸. Aquela foi uma época, segundo Martins, em que surgiram diferentes apropriações do conhecimento científico e sua racionalidade, consolidando-se as Ciências Humanas e a busca por caminhos epistemológicos que pudessem dar conta do estudo científico do

¹⁵ Idem, p. 111.

¹⁶ SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo / Rio de Janeiro: Imaginário / Achiamé, 2002.

¹⁷ MARTINS, Angela Maria Souza; BONATO, Nailda Marinho da Costa. (Org.). *Trajéórias Históricas da Educação*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: ROVELLE, 2009, v. , p.177.

¹⁸ Idem, p. 177.

homem e das relações humanas. Ao mesmo tempo, recorda, surgiram os movimentos sociais, fundamentados, principalmente, no ideário igualdade, liberdade e fraternidade, da Revolução Burguesa, no final do século XVIII, que buscavam compreender a inserção dos homens na história e na sociedade. Esses movimentos se apropriaram da racionalidade científica para explicar a história, a sociedade e as relações políticas. Neste cenário surgiram as diferentes modalidades de socialismo: o utópico, o libertário e o comunista. Todas essas modalidades de socialismo se apropriaram da racionalidade científica no sentido de compreender, com maior profundidade, as relações históricas e sociais. Porque a razão tornou-se um instrumento imprescindível na luta contra o dogmatismo e a ignorância¹⁹. No mesmo texto, a autora explica que a racionalidade utilizada pelas diferentes modalidades de socialismo tinha uma finalidade inversa da utilizada pelos intelectuais que serviam ao status-quo. Estes pretendiam uma sociedade produtiva e eficiente, de modo que facilitasse a acumulação de capital sem atropelos, enquanto que os socialistas buscavam uma sociedade igualitária e pautada na liberdade. A razão torna-se, para as diversas modalidades de socialismo, fator de libertação²⁰.

Reforçando esta mesma afirmação, Flávio Luizetto, em seu livro *Utopias Anarquistas*²¹, confirma a importância que os anarquistas, especialmente, atribuíam à educação. Diz ele:

A imagem que habitualmente se faz do anarquismo moderno corresponde à de um movimento interessado, quase exclusivamente, em participar de eventos de efeitos externos espetaculares. Conseqüentemente, parece que na descrição das greves, passeatas e comícios encontra-se, se não tudo o que se pode dizer sobre o anarquismo, ao menos aquilo que ele teve de mais significativo ou digno de registro. Não é difícil corrigir essa errônea impressão. É suficiente, para tanto, observar a propensão demonstrada pelos anarquistas para o desenvolvimento de iniciativas de natureza educacional, tanto no âmbito teórico (formulação de diretrizes de uma educação libertária) quanto no prático (fundação e manutenção de escolas, centro de estudos, universidades populares).²²

Segundo Luizetto, isso aconteceu porque a educação achava-se intimamente vinculada não apenas à peculiar concepção de *revolução social* defendida pelos

¹⁹ Idem, p. 178.

²⁰ Idem, p. 178.

²¹ LUIZETTO, Flávio. *Utopias anarquistas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

²² Idem, p. 39.

anarquistas, mas também ao processo de consolidação da ordem social libertária que pretendiam instaurar²³.

Neste ponto, acredito que seja adequado fazer um esclarecimento quanto ao termo “anarquismo”, infelizmente ainda muito mal compreendido. O jornalista Caio Túlio Costa, em seu livro *O que é o Anarquismo*, diz que:

No sentido comum, a anarquia sempre foi o caos, a desordem. A palavra transformou-se em sinônimo de bagunça e os cronistas e historiadores de hoje jamais lograram repor o significado veraz de um passado glorioso e, no mínimo, construtivo. Por paradoxal que pareça, anarquia não é bagunça, muito menos ordem. Mas não é com apenas uma pequena dose de purgante que se limpam quase dois séculos de distorções acumuladas na cabeça dos homens e alimentadas dia a dia. Também, não há dúvida, foram os próprios anarquistas a colaborar para a imagem que se faz deles; como nunca quiseram tomar o poder, é óbvio que jamais iriam fazer de suas representações as imagens oficiais na mente dos homens. Os anarquistas, se é que se pode encontrar algo de comum entre eles, têm em mira apenas o indivíduo, sem representantes, sem delegações, produtor, naturalmente em sociedade. Positivamente, eles preconizam uma nova sociedade e indicam alguns meios para isto.²⁴

Para Luizetto, a *revolução social* imaginada e desejada pelos anarquistas consistia em um ato perfeitamente singular: o momento de destruição da ordem vigente deve coincidir plenamente com o momento de constituição da nova sociedade.

Nada mais natural os militantes pensarem dessa maneira. Coerentes com os princípios doutrinários que defendiam, não poderiam admitir a ideia de uma revolução social dividida em etapas distintas e consecutivas: o tempo de liquidação da ordem existente; a seguir, o tempo da edificação da nova ordem; e por fim, coroando a sequência, o tempo da vitória revolucionária com o advento da nova sociedade libertária. (...) Com essa perspectiva os libertários não podiam concordar; seria o mesmo que abandonar o tão acalentado objetivo de realizar uma *revolução social* para aceitar o caminho de uma *revolução política* e o seu inevitável corolário: a instituição de um “governo revolucionário” ou de qualquer outra espécie equivalente de poder, encarregado de planejar, orientar e conduzir o processo de construção da nova sociedade²⁵.

²³ Idem, p. 40.

²⁴ COSTA, Caio T. *O que é Anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

²⁵ LUIZETTO, Flávio – op. cit. p. 40.

Luizetto conclui que o mesmo princípio que servia para negar as ilusórias vantagens de um governo revolucionário e valorizar a tática da ação direta, servia para enaltecer as virtudes proporcionadas pela educação²⁶. Efetivamente, é ela que pode criar mentalidades e vontades libertárias capazes de, primeiro, estimular e impulsionar o processo de mudança social e de, posteriormente, garantir a não-degeneração da nova sociedade ácrata. “O anarquismo”, dizia Malatesta, “é uma aspiração humana que poderá concretizar-se pela vontade humana”²⁷. Em outras palavras, imaginar que uma ordem social libertária possa instaurar-se mediante o uso da força é tão absurdo quanto imaginar essa sociedade manter-se por intermédio do exercício da autoridade. Enfim, afirma Luizetto, dentro dos limites dessa moldura doutrinária compreende-se porque o tema educação ganhou uma posição de singular importância no pensamento e no movimento anarquista²⁸. A sua ligação com o processo revolucionário foi explicitada com muita precisão por Malatesta, para quem o essencial desse processo dependia da atuação conjunta de três forças; “a educação, a propaganda e a rebelião”²⁹.

A pesquisadora Lily Litvak, citada por Tatiana da Silva Calsavara³⁰, depois de uma ampla pesquisa sobre as atividades culturais promovidas pelos anarquistas espanhóis, bem como suas ações no campo da educação, do autodidatismo, do ensino mútuo, dos círculos de leitura e formação de bibliotecas libertárias afirma que estas comprovam que nenhum movimento outorgou à cultura tanto valor como os anarquistas.³¹

A importância da educação na luta para construção de uma nova sociedade sobre bases econômicas, políticas, sociais e culturais anarquistas também é tema do trabalho do professor José Damiro Moraes. Em seu artigo intitulado “Educação e trabalho: reflexões anarquistas na Primeira República no Brasil”³², ele diz que esta luta dos anarquistas para a construção de uma nova sociedade estaria apoiada na ação direta, ou seja, os envolvidos no processo tomariam para si e não delegariam ou esperariam a ação

²⁶ Idem, p. 43.

²⁷ MALATESTA, Errico. Escritos revolucionários. São Paulo: Imaginário, 2000.

²⁸ LUIZETTO, Flávio – op. cit. p. 44.

²⁹ MALATESTA, Errico op. cit. p. 18.

³⁰ CALSAVARA, Tatiana da Silva. *A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado – Estratégias de Sobrevivência Pós Anos 20*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2012. Tese de doutorado.

³¹ LITVAK, Lily. *Musa Libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español*. (1880-1913). Barcelo: Antoni Bosch, 1981.

³² MORAES, José Damiro. “Educação e trabalho: reflexões anarquistas na Primeira República no Brasil”. In: MARTINS, Angela Maria Souza; BONATO, Nailda Marinho da Costa. (Org.). *Trajetórias Históricas da Educação*. 1ª ed. Rio de Janeiro: ROVELLE, 2009.

de outro sujeito (indivíduos ou partidos) para chegar à transformação social. A ação direta é a tática por excelência anarquista³³. Segundo Gallo, ela se traduz nas atividades de propaganda e educação, destinadas a despertar nas massas a consciência das contradições sociais e o desejo – individual e coletivo – de sua superação.³⁴

Luizetto relembra que, ao se considerar as relações do pensamento e do movimento anarquista com o tema educação, convém distinguir duas diferentes fases. A primeira corresponde, em linhas gerais, aos anos que medeiam entre 1840 e 1882, e foi marcada pela participação de Proudhon e de Bakunin nos debates sobre o assunto. O *Programa Educacional*, elaborado em 1882 por um grupo de militantes reunidos no *Comitê para o ensino anarquista*, pode ser considerado o marco inicial da segunda, que se prolongou até as primeiras décadas do século XX. Kropotkin e Malatesta foram os principais protagonistas do movimento anarquista nessa época³⁵.

Mikhail Bakunin também atribuía imensa importância ao papel da educação para a emancipação dos trabalhadores e operários. Suas ideias sobre educação fundamentavam-se na concepção de *educação integral* concebida pelo educador Paul Robin. Assim como este, Bakunin também se posicionava contra a existência de dois tipos de instrução, uma, aprimorada, reservada aos burgueses, e outra, simplificada, destinada aos trabalhadores. Segundo ele, a emancipação das massas operárias passava pela educação complexa. Por isso, os trabalhadores deveriam receber uma educação fundamentada pelo conhecimento científico, porque a racionalidade científica era imprescindível para a interpretação do mundo e a libertação. Além disso, acreditava que aquele que sabe mais domina o que sabe menos³⁶. Bakunin lutava para acabar com a dualidade educacional, ou seja, a existência de um tipo de instrução para as classes privilegiadas e outra para o proletariado. Por isso, passou a lutar pela educação integral para todos. Tomando como ponto de partida a educação integral, defendeu a fusão do trabalho manual com o intelectual³⁷. Não se podia permitir que os filhos dos operários tivessem uma educação distinta daquela dos filhos dos burgueses. Assim, somente quando todos tivessem acesso ao mesmo tipo de conhecimento poderiam ser realçadas as diferenças individuais, já que todos teriam as mesmas oportunidades na escola³⁸.

³³ MORAES, J. D. op. cit. p. 234.

³⁴ GALLO, Sílvio. *Pedagogia Libertária: anarquistas, anarquismos e educação*, São Paulo, Imaginário, 2007.

³⁵ LUIZETTO, Flávio - op. cit. p. 48.

³⁶ BAKUNIN, Michail. *A instrução integral*. São Paulo: Imaginário, 2003.

³⁷ BAKUNIN, Michail, Cf. MARTINS, op. cit. p. 184.

³⁸ Idem, p. 184.

Outro aspecto defendido por Bakunin era a co-educação de meninos e meninas, pois afirmava que todas as crianças, sem exceção, deveriam ter uma educação absolutamente igual.

Em sua proposta educacional, Bakunin pretendia reconciliar trabalho manual e intelectual, ciência e vida. Acreditava que todos os homens poderiam alcançar um mesmo grau de educação, mas as profundas desigualdades sociais não permitiam a socialização dos conhecimentos³⁹.

Pierre-Joseph Proudhon

A mesma crítica de Bakunin à educação tradicional burguesa era feita também pelo francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Segundo Luizetto, Proudhon foi implacável ao comentar o sistema educacional vigente em sua época; para ele, o poder econômico, associado ao poder político, mantém as instituições de ensino submissas aos seus interesses particulares, e o sistema escolar, na sua totalidade, concorre, em última instância, para a perpetuação do regime capitalista, isto é, da sociedade dividida em classes⁴⁰.

Nossas escolas, quando não são estabelecimentos de luxo ou pretextos para sinecuras, são seminários da aristocracia. Não foi para o povo que se fundaram as escolas Politécnica, Normal, Saint Cyr, de Direito, etc.; foi para conservar, fortificar, aumentar a distinção das classes, para conservar e tornar irrevogável a cisão entre a burguesia e o proletariado.⁴¹

Em seu livro intitulado Filosofia da Miséria, Proudhon investe contra o conformismo alimentado por um misticismo conservador e favorável às classes dominantes, no trecho que destacamos aqui:

*Que dizer da divagação dos místicos, desses homens para quem a razão horroriza e para quem o fato é sempre suficientemente explicado, justificado, pelo simples fato de que existe? A propriedade, dizem eles, é uma criação da espontaneidade social, o efeito de uma lei da providência, diante da qual só temos que nos humilhar como diante de tudo o que vem de Deus?*⁴²

³⁹ Idem, p. 185.

⁴⁰ Proudhon, Joseph. Cf. LUIZETTO, Flávio – op. cit. p. 48.

⁴¹ Idem, p. 48.

⁴² PROUDHON, Pierre-Joseph. Filosofia da Miséria. Tomo II, São Paulo: Escala, 2007, p. 192.

Na conclusão desta sua obra clássica, o filósofo e economista volta a criticar a religião, que funcionaria mais para amainar as reclamações dos trabalhadores do que para conscientizá-los de sua necessidade de luta por melhores condições de vida. No mesmo trecho, destacado a seguir, Proudhon também fala de outros aspectos básicos da pedagogia libertária: o racionalismo e a importância da conciliação do trabalho intelectual com o trabalho manual.

*Que o padre se convença, enfim, que o pecado é a miséria e que a verdadeira virtude, aquela que nos torna dignos da vida eterna, é lutar contra a religião e contra Deus; - que o filósofo, baixando seu orgulho, supercilium philosophicum (sobrancelha filosófica), aprenda por sua vez que a razão é a sociedade e que filosofar é trabalhar com as mãos.*⁴³

Piotr Kropotkin

Outro nome fundamental entre os grandes representantes do Anarquismo, Piotr Alexeyeich Kropotkin (1842-1921) nasceu na Rússia, de uma família aristocrática e foi educado para seguir a carreira militar. Servindo como militar, estudou Geografia e sensibilizou-se pelo miserável estado da condição humana. Ficou conhecido como cientista e filósofo social. Entrou em contato com as ideias anarquistas quando conviveu com exilados políticos em Zurique e Genebra. Ao longo de sua vida, Kropotkin acreditou que a revolução era inevitável e necessária, mas a sua atuação foi mais acadêmica. O que o aproximou do anarquismo foi o aspecto positivo e construtivo desse movimento. Por isso, passou a lutar por uma sociedade justa e igualitária. A proposta educacional de Kropotkin enfatizava o papel central da razão no processo educativo. A racionalidade científica deveria ser trabalhada em todas as escolas, caso vislumbrássemos formar todos com a mesma qualidade, com a intenção de dar oportunidades iguais aos trabalhadores. Defendia, também, a criação de escolas para ambos os sexos, que priorizassem a educação integral, onde não se distinguiria o trabalho intelectual do manual. Considerava que, no processo educativo, não se poderia desvincular a teoria da prática, porque ambas se complementam. Para Kropotkin, essa situação podia ser atribuída à divisão social do trabalho, que criou uma dicotomia entre trabalho intelectual e manual. No processo educacional, percebia-se que a racionalidade estava desvinculada da prática e esta desvinculação criou uma hierarquia entre as

⁴³ PROUDHON, Pierre-Joseph. Op. cit., p. 427.

formas de trabalho, de modo que o intelectual passou a ser mais valorizado que o manual⁴⁴.

Caccavelli e Dos Santos ressaltam a importância que as ideias do geógrafo e educador Kropotkin tinham para os militantes libertários no Brasil, como Edgard Leuenroth, Neno Vasco, Oreste Ristori e Florentino de Carvalho.⁴⁵ Seu ideário representava a enorme necessidade de se criar escolas diretamente ligadas às lutas dos trabalhadores contra a ordem social estabelecida. Assim, destaca-se a relevância da crítica e argumentação do teórico russo, como aquela que podemos apreender no texto aqui reproduzido:

Em nossa escola atual, formada para criar a aristocracia do saber, e dirigida até o presente por essa aristocracia dirigida por clérigos, o desperdício do tempo é colossal, é absurdo. [...] Em toda a parte a história na escola é tempo absolutamente perdido para aprender nomes, leis incompreensíveis para as crianças, guerras, mentiras convencionais ... e em cada área o desperdício de tempo alcança proporções vergonhosas. Em último termo haverá de se recorrer ao ensino integral; ao ensino que por exercício da mão sobre a madeira, a pedra e os metais fala ao cérebro e o ajuda a desenvolver-se. Dever-se-á chegar à integração do trabalho manual com o trabalho cerebral [...], e então se verá a imensa economia de tempo e de pensamento que se realizará com os jovens.⁴⁶

Francisco Ferrer y Guardia

Um dos grandes expoentes da pedagogia libertária foi o espanhol Ferrer y Guardia, principal nome ligado à criação do conceito da Escola Moderna, no início do século XX. Este foi um educador libertário identificado com os princípios do Anarquismo, de autogestão e libertação da classe trabalhadora das diversas amarras ideológicas e concretas que mantêm os trabalhadores sob a opressão das classes dominantes⁴⁷.

Os textos do importante educador libertário catalão são considerados uma referência de fundamental importância para o tema da Pedagogia Libertária, principalmente seus apontamentos sobre a Escola Moderna. Ferrer Y Guardia foi o criador dos conceitos daquela que viria a ser conhecida como Escola Moderna, em

⁴⁴ KROPOTKIN, Piotr. Cf. MARTINS, op. cit. p. 189.

⁴⁵ CACCAVELLI, Bruno; DOS SANTOS, Kauan Willian. *Educação e protesto: no rastro das escolas e grupos racionalistas e sindicais e as reivindicações operárias em São Paulo na segunda década do século XX*. Espaço Plural, Ano XVII, N. 34. 1º semestre 2016. p. 520-550. ISSN 1981-478X.

⁴⁶ KROPOTKIN, Piotr; RÉCLUS, Élisée. *Escritos sobre educação e geografia*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014. p. 77-78.

⁴⁷ FERRER y GUARDIA, Francisco. *A Renovação da Escola*. In: *Educação Libertária*, nº. 1. São Paulo: Imaginário, 2006.

Barcelona, Espanha. Tais conceitos se opunham à concepção burguesa de castigos, repressão e obediência, concepção esta que deveria ser substituída pelos preceitos da teoria libertária. Esta propõe a formação de um novo homem e de uma nova mulher, enfatizando as ciências naturais e privilegiando a educação integral. Sua metodologia é baseada na cooperação e respeito mútuo e sua escola deveria ser frequentada por crianças de ambos os sexos, para desfrutarem de uma relação de igualdade desde cedo. As importantes ideias de Ferrer Y Guardia tiveram ampla aceitação em todo o mundo e muitos de seus seguidores e partidários criaram Escolas Modernas em diversos países, inclusive no Brasil.

Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) nasceu na Catalunha, em uma família católica e monarquista. No entanto, desde cedo, passou a questionar as crenças e os valores de seus pais e a militar no movimento anticlerical e republicano. Na juventude, entrou para o Partido Republicano e, mais tarde, tornou-se secretário do chefe do Partido Progressista. Visado pela Monarquia como um incômodo agente antimonárquico, acabou exilando-se na França, onde conheceu e ligou-se a diversos ativistas anarquistas que planejavam criar uma obra educacional livre das imposições da Igreja, com bases racionalistas, inspiradas nas ideias do pedagogo suíço Pestalozzi e nas práticas dos educadores libertários franceses Paul Robin e Elisée Reclus⁴⁸.

Na cidade de Paris, Ferrer y Guardia criou a Liga Internacional pela Educação Racional da Infância, presidida pelo escritor francês Anatole France. De volta à Espanha, Francisco Ferrer y Guardia e outros pedagogos e ativistas do anarquismo fundaram em Barcelona em 1901 a primeira Escola Moderna, que foi fechada no ano de 1909, pouco depois de Ferrer y Guardia ter sido fuzilado por ordem do governo espanhol, acusado de subversão da ordem.

Reproduzimos em seguida um trecho extraído do livro *A renovação da escola*, de Francisco Ferrer y Guardia, onde ficam evidenciados, em suas palavras, o respeito e o valor dados à democracia e autonomia no processo educacional, segundo seu modelo de pedagogia libertária:

Desejo concentrar a atenção dos que me lêem nesta ideia: todo o valor da educação reside no respeito da vontade física, intelectual e moral das crianças. Assim como na ciência não há demonstração possível que não seja pelos fatos, assim também não é verdadeira uma educação que não

⁴⁸ TRACTENBERG, Maurício. *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária*. In: *Educação e Sociedade*, nº01, Cortez e Vitoraes Editores, CEDES, setembro, 1978.

esteja isenta de todo dogmatismo, que deixe às próprias crianças a direção de seus esforços e que não se proponha outra coisa que ajudá-las em sua manifestação. Porém, não há nada mais fácil que alterar esta significação, e nada mais difícil que respeitá-la. O educador impõe, violenta sempre; o verdadeiro educador é aquele que, contra suas próprias ideias e vontades, pode defender a criança, apelando em maior grau às energias próprias da mesma criança.

Estamos convencidos de que a educação do futuro será uma educação absolutamente espontânea; claro está que não nos é possível realizá-la ainda; porém a evolução dos métodos no sentido de uma compreensão mais ampla dos fenômenos da vida, e o fato de que todo aperfeiçoamento significa a supressão de uma violência, tudo isso nos indica que estamos em terreno verdadeiro quando esperamos da ciência a libertação das crianças. É este o ideal dos que detêm a atual organização escolar; é o que se propõem a realizar; aspiram também a suprimir as violências? Não, pois empregaram os métodos novos e mais eficazes para o mesmo fim que nos tempos presentes; ou seja, para a formação de seres que aceitem todos os convencionalismos, todas as mentiras sobre as quais está fundada a sociedade.⁴⁹

No trecho a seguir, Ferrer mostra como valoriza a possibilidade de renovação e libertação dos indivíduos através de uma forma de educação questionadora e democrática:

Não tememos dizê-lo: queremos homens capazes de evoluir incessantemente; capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e de renovarem-se a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que não se sujeitem jamais a nada; dispostos sempre a aceitar o melhor, felizes pelo triunfo das ideias novas e que aspirem a viver vidas múltiplas em uma só vida.⁵⁰

O objetivo da Escola Moderna criada por Ferrer y Guardia era fornecer uma educação laica, livre, igualitária, com a co-educação de classes e sexos. Angela Maria Souza Martins salienta que os princípios pedagógicos que embasavam a Escola Moderna vinham da concepção de Educação Integral defendida por Robin, Bakunin e Kropotkin⁵¹. Ferrer y Guardia também propalava a formação integral do ser humano, a união entre a teoria e a prática, a não dicotomia entre trabalho manual e intelectual. Ele acreditava ser a educação um dos principais caminhos para desenvolver a consciência crítica. A Escola Moderna tinha o objetivo de trabalhar a educação por meio da

⁴⁹ FERRER Y GUARDIA, Francisco. *A renovação da escola*. In *La (A) en la pizarra - Escritos anarquistas sobre educación*. Recopilación varios autores (1ª Ed.). – Madrid: LaMalatesta Editorial, 2011, p. 149.

⁵⁰ Idem, p. 150.

⁵¹ MARTINS, Angela Maria Souza - op. cit. p. 190.

racionalidade. A educação racionalista libertária deveria priorizar o ensino baseado nas ciências e na razão, desenvolvendo o aluno intelectual e profissionalmente.

Em sintonia com as ideias libertárias de pensadores anarquistas como Bakunin e Kropotkin, Francisco Ferrer y Guardia fundamentou sua concepção pedagógica na racionalidade e na liberdade. Para ele, a educação era um meio importante de propagação e infiltração das ideias libertárias na sociedade. A educação poderia ser a mola propulsora para o fim do erro, da mentira e da injustiça. Considerava que as escolas eram o reflexo do interesse do Estado em formar um “abismo intelectual” entre a classe dominante e as classes dominadas. Dessa forma, o Estado perpetuava a dualidade da educação. Para Ferrer y Guardia, o ensino deveria estar baseado na racionalidade científica e ele estimulava as atitudes próprias de cada aluno, para que, com seu valor individual, cada qual fosse um membro útil da sociedade. Assim, o educador buscava preparar uma humanidade fraterna, sem distinção de sexos. Mas como a questão da co-educação não era acatada na Espanha, Ferrer y Guardia não alardeou seus propósitos na proposta de sua escola. Quando uma pessoa vinha matricular um menino, ele perguntava se tinha uma menina em casa, incentivando a matriculá-la. Foi assim que, na sua escola, foram matriculados meninos e meninas. Ferrer y Guardia considerava significativa esta convivência, porque a natureza, a História e a Filosofia ensinam que a mulher e o homem são seres humanos iguais, e as crianças de ambos os sexos deveriam ter uma educação idêntica; uma educação que desenvolvesse a inteligência, purificasse o coração e temperasse suas vontades⁵².

Outro aspecto importante da proposta de Guardia foi a co-educação das classes sociais. Assim como pensa a co-educação dos sexos, Guardia concebeu também a das classes sociais. Acreditava que uma escola somente para meninos pobres não é uma escola racional, porque nessa escola corria-se o risco de cultivar o ódio. Porque se não lhes ensinasse a submissão e a credulidade, deveríamos lhes ensinar a rebeldia, o que acirraria o ódio. E uma escola para meninos ricos não seria racional, porque cultivaria o privilégio. “A co-educação de pobres e ricos, que põe em contato uns com os outros na inocente igualdade da infância, por meio da sistemática da igualdade da escola racional, essa é a escola boa, necessária e reparadora”⁵³.

⁵² FERRER y GUARDIA, Francisco. CF. MARTINS, Angela Maria Souza - op. cit. p. 193.

⁵³ (Guardia, 1912). FERRER y GUARDIA, Francisco. *La Escuela Moderna* – póstuma explicación y alcance de la enseñanza racionalista. Barcelona: Ediciones Solidariedad, 1912.

No Brasil, assim como em outros países, a pedagogia libertária de Ferrer y Guardia também influenciou e animou diversos educadores, que tentaram reproduzir em território brasileiro a proposta de um tipo de ensino libertador, não baseado em repressão e discriminação, mas sim num processo de aprendizagem não-autoritário, participativo e democrático, onde os alunos podem discutir e questionar as premissas da educação que lhes fosse oferecida.

Gallo e Moraes⁵⁴ constataram que no início do século XX no Brasil, foram criadas diversas escolas baseadas no conceito da Escola Moderna de Ferrer y Guardia. Algumas destas escolas tinham o título de Escola Moderna em seu próprio nome, outras adotavam o título de Escola Racional ou Escola Nova, talvez numa tentativa de ocultar sua proposta pedagógica das forças repressoras das classes conservadoras, devido à perseguição e às campanhas de difamação que estas escolas sofreram por parte de autoridades governamentais e do meio católico da época. Isto pode ser explicado porque a pedagogia libertária pauta-se em um ensino racional e de bases científicas, sendo avessa à mistificação e às credices religiosas. Além disso, diferentemente das escolas religiosas, as Escolas Modernas investiam em turmas mistas, onde meninos e meninas estudavam juntos, com o objetivo de contrapor-se a conceitos retrógrados e de discriminação sexual vigentes à época. Entre outras, podemos citar a Escola Nova, fundada em São Paulo em 1909, a Escola Moderna do Ceará, fundada em 1911, a Escola Moderna N^o2, fundada pelo importante educador Adelino Pinho em São Paulo em 1912, a Escola Moderna de Porto Alegre (1919) e a Nova Escola, criada no Rio de Janeiro em 1920. Muitas destas escolas também ofereciam cursos noturnos para adultos, visando os operários que precisavam trabalhar durante o dia. Como a sua filosofia pedagógica dava muita importância à divulgação e conscientização de conceitos como a solidariedade entre os trabalhadores e a educação livre, sem bases coercivas, estas escolas atraíram muitos membros de sindicatos e associações operárias, especialmente os anarquistas. Estes, além de estudar e matricular seus filhos, também contribuíam em diversas maneiras para o funcionamento e manutenção destas escolas.⁵⁵

Vários fatores levaram ao fim das Escolas Modernas no Brasil, a maioria delas ao longo da década de 20. Algumas resistiram um pouco mais, mas também acabaram

⁵⁴ GALLO, Silvio; MORAES, José Damiro de. *Anarquismo e educação – a educação libertária na Primeira República*. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.) *História e memória da educação no Brasil, Vol. III*: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

⁵⁵ AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial. 2002.

nos anos posteriores. Moraes indica que, entre as causas principais, podemos citar a repressão generalizada ao movimento operário levada a cabo pelo governo do presidente Artur Bernardes nos anos 20 e uma campanha de difamação executada pela igreja católica na época. A este respeito, o militante anarquista e memorialista Edgar Rodrigues menciona artigos publicados no jornal *A Gazeta do Povo*⁵⁶. Em nossa pesquisa, porém, não conseguimos encontrar referência neste jornal. A pedagogia libertária, de base laica e científica, certamente incomodava aos que buscavam manter seu domínio sobre as classes populares utilizando para isso uma educação de caráter conservador e obscurantista, que reforçava credences e sentimentos de submissão e acomodação à ordem dominante.

Embora não tenham durado muitos anos, as Escolas Modernas deixaram um legado bastante positivo e duradouro na história da Educação no Brasil, pois alguns de seus conceitos e métodos de trabalho influenciaram e foram adotados por outros pedagogos em décadas posteriores. Antes de nos determos para olhar mais detalhadamente a história das Escolas Modernas brasileiras, mais especificamente aquelas de São Paulo, ponto focal deste trabalho, vejamos um panorama histórico de outras escolas criadas por anarquistas em diversos países da América Latina com base nos princípios estipulados por Ferrer Y Guardia, no capítulo a seguir.

⁵⁶ RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo: na Escola, no Teatro, na Poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992, p. 62.

CAPÍTULO II - A Pedagogia Libertária e a influência de Ferrer na América Latina

Como visto no capítulo anterior, a pedagogia de Francisco Ferrer y Guardia, tendo como base os ideais de cunho libertário e racionalista dos anarquistas, obteve amplo reconhecimento, ainda na época em que o educador vivia. Depois de sua morte, seu nome e seu trabalho continuaram sendo aclamados e adotados em diversos países, na Europa e nas Américas, inclusive nos Estados Unidos.

Para os objetivos do presente trabalho, nos limitamos a indicar no presente capítulo algumas das experiências e repercussões da Escola Moderna e da pedagogia libertária inspirada no método de Ferrer em alguns países da América Latina.

Segundo levantamento realizado por Pedro Henrique Prado da Silva, houve experiências educacionais promovidas por grupos de trabalhadores anarquistas no modelo da Escola Moderna tanto na América do Sul como na América Central⁵⁷.

Em Cuba houve iniciativas que propuseram implantar a educação racionalista em escolas para o operariado. As primeiras instituições que se comprometeram com a educação do proletário cubano foram os Centros de Estudos Sociais (CES). Um dos primeiros centros criados era ligado à organização chamada “*La Sociedad Varia*”, em 1904. Seus integrantes eram, em sua maioria, anarquistas cubanos e espanhóis, como o tipógrafo Francisco Villamizar e o cubano Celestino Silva⁵⁸.

⁵⁷ PRADO DA SILVA, Pedro Henrique. As Experiências da Escola Moderna ao redor do mundo. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.º. 64, p. 201-220, set2015 – ISSN: 1676-2584* 201.

⁵⁸ COBOS, Amparo Sánchez. *La Reorganización Del Trabajo Libre: Los Anarquistas Españoles y La Difusión Del Ideal Libertario en Cuba*. Millars. Castellón, XXXIII, p. 254-255, 2010.

A fundação dos CES em Cuba aconteceu na mesma época em que começaram as propagandas da experiência da Escola Moderna em Barcelona. Esta foi amplamente difundida no meio operário cubano, tendo alguns anarquistas espanhóis participado na criação de Escolas Modernas na ilha caribenha. Um desses colaboradores foi Francisco Gonzáles Sola, incentivado pelo próprio Francisco Ferrer a ir a Cuba para divulgar a Escola Moderna e ajudar em uma experiência concreta de implementação de pedagogia libertária⁵⁹.

Em 1908 foi criada na ilha uma seção da “Liga Internacional para a Educação Racional da Infância” e também o grupo “*Educación do Porvenir*”, com o objetivo de implantar escolas racionalistas⁶⁰. A primeira escola libertária fundada após a criação desse grupo esteve sob a responsabilidade do anarquista valenciano Miguel Martínez, que foi um colaborador de Ferrer y Guardia⁶¹. Como resultado da grande propaganda feita em Cuba sobre a escola racionalista inspirada em Ferrer nos anos de 1908 e 1909 várias Escolas Modernas surgiram entre 1909 e 1912, principalmente nas cidades de Havana, Matança e Oriente⁶².

Após esse período, na década de 1910 e início de 1920, o surgimento das instituições culturais e educativas esteve mais ligado às associações de operários, principalmente, aos sindicatos. Na década de 1920 foi fundada a “*Federación Obrera de La Habana*” (FOH). Em 1923, Julio Antonio Mella, um dos responsáveis pela reforma na Universidade de Havana, a pedido de Alfredo López, um militante da FOH, colaborou com a Escola Racionalista Noturna, uma instituição vinculada à FOH “a serviço dos operários e seguindo as tradições do educador libertário Francisco Ferrer”⁶³.

No México a escola pública foi conhecida, entre os anos vinte e cinquenta, como a escola da revolução mexicana. Desta escola surgiu a identidade mexicana, a escola rural, o nacionalismo, a luta pela terra, a defesa do patrimônio, o muralismo, a música popular, o racionalismo e o laicismo⁶⁴. A explicação para este movimento realizado com o apoio do governo da República do México, tem muito a ver com a promulgação da Constituição de 1917, que propunha a oferta de uma educação separada da religião, qualquer que fosse, bem como a intenção de dar ao ensino um caráter mais objetivo e prático, de modo a estimular que os alunos tivessem novas formas de pensar e trabalhar,

⁵⁹ COBOS, Amparo Sánchez. *Op. cit.*, p. 256.

⁶⁰ COBOS, Amparo Sánchez. *Op. cit.*, p. 256.

⁶¹ COBOS, Amparo Sánchez. *Op. cit.*, p. 256.

⁶² COBOS, Amparo Sánchez. *Op. cit.*, p. 257.

⁶³ FERNÁNDEZ, Frank. *El Anarquismo en Cuba*. Fundación Anselmo Lorenzo. Madrid, 2000, p. 62.

⁶⁴ ORIHUELA, Antonio, op. cit.

em maior sintonia com o México revolucionário. Ali, a escola moderna de tipo racionalista se difundiu a partir de 1912, graças a um grupo de trabalhadores e pedagogos espanhóis exilados. Esta corrente teve uma ótima recepção na Confederación Regional Obrera Mexicana (CROM) (1918), que a adotou em seus congressos como sendo própria da classe trabalhadora. Durante o governo de Felipe Carrillo Puerto, no estado de Yucatán em 1922, e depois em Tabasco e Veracruz, os governadores também criaram universidades e escolas politécnicas de qualificação para os trabalhadores, pautadas no modelo da escola racionalista.⁶⁵

A militância inicial foi constituída por um grupo de militantes anarquistas estrangeiros, principalmente espanhóis. Em 1912, foi fundado um grupo chamado “Grupo Anarquista Luz”, do qual faziam parte Luis Méndez, Eloy Armenta e Jacinto Huitrón, anarquistas espanhóis e o colombiano Juan Francisco Moncaleano.⁶⁶ Este último foi um dos grandes divulgadores dos métodos da Escola Moderna de Barcelona e da pedagogia de Francisco Ferrer y Guardia⁶⁷. Durante os dois anos aproximadamente que havia passado em Havana, Moncaleano escreveu uma série de artigos sobre o mártir anarquista catalão, Francisco Ferrer Guardia, “homem que admirava mais que a ninguém no mundo”⁶⁸. Moncaleano também publicou diversos textos sobre Ferrer em forma de panfletos que foram distribuídos aos trabalhadores e sindicalistas da cidade do México. Em seus artigos, o anarquista colombiano explicava os postulados da Escola Moderna ou Racionalista: programa pré-escolar para as crianças, biblioteca para os trabalhadores e o desenvolvimento de um sistema educacional que funcionava em cooperação com os sindicatos.⁶⁹

O “Grupo Luz” conseguiu arrecadar trezentos pesos para iniciar o projeto da Escola Moderna no México. Esta deveria ser inaugurada em 8 de setembro de 1912, porém Moncaleano foi preso e expulso do país em setembro, o que impossibilitou a inauguração da escola. Seus companheiros decidiram então fundar a “Casa del Obrero” que se constituiu como um centro de divulgação dos pensamentos progressistas e baseados nos textos que chegavam da Espanha. A proposta da “Casa del Obrero” era

⁶⁵ ORIHUELA, Antonio. Escuela y arte en la experiencia libertaria. Acesso em www.macba.cat/uploads/...6/

⁶⁶ SEGURA, M^a Del Mar Araus. *La Escuela Moderna En Iberoamérica: Repercusión De La Muerte De Francisco Ferrer Guardia*. In Boletín Americanista. Barcelona, n° 52, pp. 7-22, 2002.

⁶⁷ HUITRÓN, Jacinto Orígenes e historia del movimiento obrero en México, México, 1980, p. 198.

⁶⁸ HART, John M. El anarquismo y la clase obrera mexicana 1860-1980, p. 150.

⁶⁹ CARBÓ, Anna Ribeira. *Ferrer Guardia en La Revolucion Mexicana*. Educació i Història: Revista D’Història de L’Educación. Barcelona, n°. 16, pp. 139-159, jul-dez 2010, p. 145.

organizar reuniões, oferecer aulas noturnas e uma biblioteca para seus frequentadores, o que demonstra uma clara preocupação com a educação dos trabalhadores mexicanos.⁷⁰

Em 22 de Setembro o grupo *Luz* e quatro uniões ou sindicatos fundaram a Casa do Trabalhador, cujo primeiro administrador foi Jacinto Huitrón. O grupo *Luz* ficou encarregado de organizar mensalmente uma reunião educacional e cultural⁷¹. A multidão de adeptos que frequentavam a Casa inaugural consistia em sua maior parte de pedreiros, tipógrafos e outros membros da força de trabalho organizada, bem como de alguns intelectuais da classe média. Todos os oradores rendiam tributo a Moncaleano como fundador da Casa. Desde seu início, a Casa efetuava reuniões públicas aos domingos, oferecia aulas com inscrição aberta todas as noites da semana e até abriu uma pequena biblioteca, primordialmente de literatura anarquista, a *Biblioteca de la Casa del Obrero*. As aulas gratuitas que ministravam os membros do grupo *Luz* atraíram tantos trabalhadores que tiveram que ampliar seu programa. A Casa se converteu assim em um centro de estudos que oferecia cursos de modelagem, higiene pessoal, arquitetura, química, aritmética, física, inglês, espanhol, música, composição literária, oratória e história. Além disso, os membros do grupo *Luz* ensinavam ideologia de classes chamadas "conferências para trabalhadores", "união instrutiva para a mulher trabalhadora", "ciência, luz e verdade" e "igualdade, liberdade e amor". Todas as turmas se reuniam à noite durante a semana, de seis às nove, e as inscrições permaneciam abertas durante todo o curso.⁷²

No início de 1913 a "*Casa del Obrero*" tornou-se mais ativa, oferecendo mais atividades culturais e pedagógicas, apoiando a criação de novos sindicatos e tendo participação em mais de setenta greves. De 1913 até 1915, esta instituição passou a sofrer forte repressão e teve que ser fechada várias vezes. A partir de 1915, a "*Casa del Obrero*" foi instalada em um novo local, onde elaborou novos projetos, como "fundar um *Ateneo Obrero*, abrir uma Escola Racionalista, reorganizar a Federação de Sindicatos dos Trabalhadores do Distrito Federal e integrar uma Confederação Nacional, a fim de unir-se ao movimento internacional de trabalhadores"⁷³. E, após uma dedicada e árdua campanha, esses ativistas e operários criaram a primeira Escola

⁷⁰ CARBÓ, Anna Ribeira. Op. cit., p. 146.

⁷¹ Huitrón, J. op., cit. pp. 213-215.

⁷² HART, John M., op. cit.

⁷³ CARBÓ, Anna Ribeira. *La Escuela Moderna en México: Una Azarosa Aventura Revolucionaria*. In Boletín Americanista. Barcelona, n.º. 45, pp. 273-284, 1995, p. 278.

Racionalista do México. Em sua inauguração, esta teve a encenação de uma peça de teatro em homenagem a Francisco Ferrer y Guardia.⁷⁴

Desta forma foi inaugurado em 11 de novembro de 1915 o “Ateneu Ciência, Luz e Verdade”. O conteúdo educacional nesta primeira Escola Racionalista do México era constituído do estudo racional das ciências naturais e primeiros conhecimentos básicos. Seguindo o modelo pregado por Ferrer, o “Ateneu Ciência, Luz e Verdade” praticava a coeducação de meninos e meninas, de diferentes classes sociais, dava grande importância à higiene, e não instituíam prêmios nem castigos aos alunos. Também segundo o modelo cultural típico das Escolas Modernas, estimulavam-se as artes, bem como as excursões e visitas às fábricas. Havia conferências aos domingos e ensinava-se o esperanto, uma das soluções apontadas por muitos anarquistas em todo o mundo visando uma língua comum para o entendimento de todos.⁷⁵

A escola tinha sete educadores; era gratuita; não tinha pré-requisitos para a matrícula e enfatizava sua condição de instituição de livre ensino. "Para os anarco-sindicalistas, a Escola Racionalista representava o controle da classe trabalhadora do processo de ensino educacional. Este implicava inocular na classe trabalhadora os ideais libertários socialistas"⁷⁶. O projeto da Escola compreendia, em primeiro lugar, o estudo das primeiras letras e das ciências naturais. Seu funcionamento baseava-se na coeducação e admitia alunos de todas as classes sociais. Havia um cuidado especial com a higiene escolar. Excluía prêmios e castigos. A escola organizava regularmente excursões a diversos pontos do país e tratava de familiarizar os alunos com o trabalho em suas diferentes formas. Aos domingos de manhã, eram promovidas conferências científicas e culturais para adultos. A Escola Racionalista introduziu o ensino do esperanto como língua auxiliar internacional⁷⁷. Não é difícil adivinhar que em tudo ela seguia de perto as características da Escola dirigida por Ferrer em Barcelona.

A Escola Racionalista “Ateneu Ciência, Luz e Verdade” esteve aberta até 1916, quando vários ativistas da “*Casa del Obrero*” foram presos devido ao aumento da repressão exercida pelo governo do General Pablo González contra o movimento operário da época.⁷⁸

⁷⁴ CARBÓ, Anna Ribeira. *Op. cit.*, 1995, p. 278.

⁷⁵ CARBÓ, Anna Ribeira. *Op. cit.*, 1995, p. 278-279.

⁷⁶ HART, John M., *op. cit.*, p. 183.

⁷⁷ HART, John M., *op. cit.*, p. 213-215.

Nos anos seguintes houve no interior do México várias tentativas de fundar "escolas racionalistas". Tais tentativas, que às vezes tiveram relativo êxito e se concretizaram em instituições mais ou menos duradouras, estiveram quase sempre vinculadas à Casa del Obrero Mundial ou a outras organizações libertárias.

Em Mérida (Yucatán), José da Luz Mena, o principal divulgador do ensino racionalista no México, fundou em 1917 a escola de Chuminópolis, graças ao apoio do sindicato Unión de Canteros. Nesta instituição havia aulas gratuitas para crianças e aulas noturnas de alfabetização para os trabalhadores adultos. Também eram ministrados cursos de modelo, arquitetura e aritmética.

Em seu livro *Só a escola racionalista educa*, o professor Mena narra como aquela forma de ensino era guiada pelas necessidades e interesses dos alunos, constituídos em uma comunidade de trabalho cooperativo e produtivo, não somente por seu caráter pedagógico, mas também pelos benefícios econômicos que proporcionava a seus trabalhadores. Uma pequena biblioteca constituía a base de seu desenvolvimento teórico e científico; e um jornal, inteiramente produzido pelos próprios alunos, chamado *Oriente*, que era preparado na própria escola, difundia os métodos e os êxitos alcançados pelos alunos.

Em 1922 surgiu a lei de instituição das escolas racionalistas no estado de Yucatán, sendo um de seus mentores o professor José da Luz Mena. Em seu postulado a lei estabelecia que a educação fornecida pelo Estado nas escolas primárias seria gratuita e obrigatória e se basearia na ação fundamentada na prática e na experimentação dos alunos, complementada com educação moral, estética e física, para que fosse realmente integral. O artigo também enfatizava o seu caráter internacionalista e laico, declarando que a Escola Racionalista não reconhecia divindades, e que, por conseguinte, acabaria com os padrões, os dogmas e os preconceitos políticos e militares.⁷⁹

Carlos Mendes, em seu livro *A escola racionalista* (1921) faz uma defesa apaixonada daquilo que as forças conservadoras mexicanas, com a igreja à frente, chamavam "a escola irracional" [...] a escola do egoísmo, porque é utilitarista; não somente de pão vive o homem, tem um espírito superior que quer ser cultivado e elevar-

⁷⁸ PRADO DA SILVA, Pedro Henrique. As Experiências da Escola Moderna ao redor do mundo. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.º. 64, p. 201-220, set2015 – ISSN: 1676-2584* 201.

⁷⁹ ORIHUELA, Antonio, op. cit.

se aos confins da alegria que somente se encontram nos sonhos, nas elevadas concepções da arte”⁸⁰. Mendes contesta, afirmando:

A escola racionalista não se opõe “a esta elevação do sentimento e da inteligência; ao contrário, vejo que os erros em que tem incorrido a arte moderna são devidos exatamente à ociosidade. Na vida do trabalho estão todas as fontes das virtudes humanas [...] se existem dotes artísticos, onde melhor que em meio à Natureza, fonte inesgotável de arte, podem estes desenvolver-se? [...] Os artistas que abdicaram da Natureza, incorreram em erros que converteram sua arte em uma ginástica dos dedos [...] Fazer algo que só entendam uns poucos, esta é a arte moderna; se ninguém a entende, melhor para o artista e pior para seus intérpretes. A arte se distorce e é tomada como instrumento de todo o mal [...] A mórbida ociosidade do espírito não pode produzir outros frutos [...] A Escola Racional procurará uma educação estética a mais no poder, porque nenhuma obra humana pode igualar a obra da Natureza; e o artista que busca nela a fonte de sua inspiração, pode estar seguro de não esgotá-la jamais [...] esgotá-la seria como chegar a Deus; quando nada tenhamos a perguntar a Deus; seremos seus iguais [...] O indiscutivelmente belo [...] não pode ser mais do que aquilo que, por sua vez, é bom [...] apesar da mariposa do modernismo.”⁸¹

Também no México, Tomás Garrido Canabal, que governou o estado de Tabasco de 1922 a 1925, realizou uma série de reformas educacionais que resultaram na implantação da educação racionalista como sistema oficial de ensino, com ênfase no ensino técnico e na capacitação prática dos alunos.

Segundo Antonio Orihuela, é curioso observar que a escola racionalista que era, naquele período, tão perseguida na Espanha pelo Estado e pela igreja católica, foi no México o modelo de escola implantado em nível estatal e a principal força do ambiente anticlerical e abertamente irreligioso que o próprio governo mexicano estava fomentando na época da revolução. Temos, como exemplo, o caso extremo do Estado de Tabasco, onde de 85 templos existentes, 68 foram convertidos em escolas, porém somente dez por decreto presidencial. Os outros tinham sido ocupados, já que se permitia o confisco e a ocupação de todos os prédios religiosos que se planejava transformar em escolas ou que fossem solicitados por associações de trabalhadores carentes dos locais. Temos até o exemplo da catedral do mesmo Estado, que foi transformada na Escola Racionalista Francisco Ferrer Y Guardia.⁸²

⁸⁰ MENDES ALCALDE, Carlos, *La Escuela Racional*, Universidad Veracruzana, México, 1921, apud ORIHUELA, Antonio. *Escuela y arte en la experiencia libertaria*. Op. cit.

⁸¹ MENDES ALCALDE, Carlos, *op. cit.* apud ORIHUELA, Antonio, *op. cit.*

⁸² ORIHUELA, Antonio, *op. cit.*

Também no Estado de Aguascalientes, a aliança do sindicato de ferroviários e os educadores racionalistas originou o Grupo Cultural Racional de Aguascalientes, uma escola que também produziu revistas, como *Horizontes Libertarios*, e organizou conferências e atos teatrais do Quadro Artístico Emancipação Trabalhadora (1923), um grupo que produzia peças de teatro militante com temas coletivistas e de autogestão, entre elas *Tierra e Libertad*, de Ricardo Flores Magón.⁸³

O projeto de educação racionalista foi liquidado no México na década dos anos quarenta, e assim as escolas constituídas durante estes anos e nas décadas seguintes por pedagogos libertários espanhóis exilados, tiveram que retirar do projeto de Escola Moderna o socialismo doutrinário que havia caracterizado as mesmas na década dos anos trinta, para poder continuar mantendo vivos os ideais de uma escola ativa, coletiva e relativamente autônoma.⁸⁴

Em Sucre, na Bolívia, há registros do funcionamento, durante a década de 1920, da Escola "Francisco Ferrer Guardia" dirigida pelo alfaiate Rómulo Chumacero, de tendência anarquista.⁸⁵

No Uruguai, em Montevideu, também podemos constatar a existência de Escolas Modernas. Assim como as experiências ocorridas em outros países, as Escolas Modernas no Uruguai também se originaram a partir da indignação e protestos públicos devidos ao assassinato de Francisco Ferrer Y Guardia pela monarquia espanhola. Um dos grandes divulgadores das ideias e método de Ferrer no Uruguai foi Miguel V. Moreno⁸⁶. Em abril de 1911, surgia a "*Liga Popular Para a Educação Racional da Infância*" cujo principal nome foi Laureano D'Ore, que usava o pseudônimo de Albano Rosell ou Rossell.⁸⁷

O objetivo da Liga Nacional para a Educação Racional da Infância era oferecer uma formação para a vida, tendo como base fundamental a Escola, eixo em torno do qual se planejava conduzir, ensinar, instruir, educar, etc. às crianças de ambos os sexos. Segundo o estatuto de sua comissão criadora, este tipo de educação estaria sujeita ao

⁸³ CAMACHO SANDOVAL, Salvador, "La revolución mexicana y el crisol de las experiencias artísticas en Aguascalientes", *X Congreso Nacional de Investigación Educativa*, 2005, *apud* ORIHUELA, Antonio, *op. cit.*

⁸⁴ ORIHUELA, Antonio, *op. cit.*

⁸⁵ LEHM A., Zulema, RIVERA C., Silvia. *Los artesanos libertarios y la ética del trabajo*. La Paz, 1988, p. 26.

⁸⁶ GUSSINYER, Pere Solá. Los Grupos Del Magisterio Racionalista En Argentina Y Uruguay Hacia 1910 Y Sus Actitudes Ante La Enseñanza Laica Oficial. Salamanca. *Revista História de La Educación*. Vol. 1. pp. 229-246, 1982.

⁸⁷ GUSSINYER, Pere Solá. *Op. cit.* p. 239.

critério e estudo científico-natural do meio e do modo de ser psíquico, fisiológico e moral que o educando exija, a fim de formar, no futuro, uma geração consciente e boa, completa moral, intelectual, física, artística, etc., capaz de aproveitar suas próprias forças e serviços para a vida, sem fazer parte de uma sociedade viciosa e vencida, de abandono e impotência, que necessita cifrar seu triunfo na derrota do próximo. Estes centros de ensino deveriam funcionar, quando se pudessem organizar, com arranjo ou plano, que de antemão será estudado e publicado, a fim de que cada um forme uma ideia clara da obra que será implementada.⁸⁸

É evidente a semelhança pedagógica proposta neste estatuto com aquela da Escola Moderna de Ferrer na Espanha. A co-educação dos sexos; os princípios de igualdade, liberdade e solidariedade; a defesa de uma educação integral, física, intelectual, moral, artística, etc. presentes nos objetivos da “Liga”, confirmam sua intenção de implantar Escolas Racionalistas como um instrumento de conscientização dos operários uruguaios. A “Liga” também planejava inicialmente editar seu próprio material pedagógico. Depois de dois anos da fundação da Liga Nacional para a Educação Racional da Infância, foi fundada em 1913 uma escola análoga à Escola Moderna de Barcelona, com o nome de Escola Integral, dirigida por Albano Rossell.⁸⁹

A Liga também publicava a revista “*Infância*” e o “*Boletim da Liga*”, como meios de propaganda. Nestas publicações uma parte do espaço era destinada a questões de ordem interna, outra parte para informativos variados, e o resto, que nunca era menos do que a metade de suas páginas, era dedicada às questões de ordem ideológica, segundo o plano e finalidades que a Liga objetivava alcançar.⁹⁰

A repercussão do assassinato de Ferrer foi extraordinária, sobretudo na Europa e na América, com destaque para o caso de Argentina, onde os protestos acabaram se transformando em uma greve geral que se manteve durante os três dias seguintes à sua morte. A greve foi organizada pela Federación Obrera Regional Argentina (FORA), que naquela época era a organização anarquista mais poderosa da América Latina.

Contando com um dos mais vigorosos e combativos movimentos anarco-sindicalistas do continente, tampouco podia faltar na Argentina o eco da pedagogia libertária e da Escola Moderna. O Ensino foi outro dos temas dos quais frequentemente

⁸⁸ COMISIÓN DE LA LIGA POPULAR PARA LA EDUCACIÓN RACIONAL DE LA INFANCIA in Revista Francisco Ferrer, Buenos Aires, Año I, Nº. 1, 01-05-1911, p. 6.

⁸⁹ GUSSINYER, Pere Solá. Op. cit. p. 240.

⁹⁰ COMISIÓN DE LA LIGA POPULAR PARA LA EDUCACIÓN RACIONAL DE LA INFANCIA in Revista Francisco Ferrer, Buenos Aires, Año I, Nº. 1, 01-05-1911, p. 6.

tratou a FORA (Federación Obrera Regional Argentina), fundada nos anos em que Francisco Ferrer Guardia realizava em Barcelona a experiência inovadora que significava o ensino racionalista que transmitia a Escola Moderna por ele criada".⁹¹

Os anarquistas argentinos, e a FORA como órgão sindical, procuraram, apesar da escassez de seus recursos econômicos, difundir o ensino livre o "racionalista" e criaram uma série de escolas, bibliotecas, universidades populares, etc. "Praticamente não havia uma associação de resistência que não tivesse uma pequena biblioteca, colocada à disposição de seus membros, para acostumá-los à boa leitura e ampliar seus conhecimentos".⁹²

Em vários congressos nacionais da central trabalhadora anarcosindicalista decidiu-se impulsionar a fundação de bibliotecas e escolas livres. No terceiro congresso da FDA (mais tarde denominada FORA), celebrado em Buenos Aires em junho de 1903, Alberto Ghirardo, conhecido poeta e dramaturgo, que representava os estivadores de Villa Constitución, "redigiu um projeto de resolução que recomendava a fundação de escolas livres". Estas escolas deviam desenvolver a liberdade de pensamento e ao mesmo tempo, a educação estética e o trabalho manual. "Paralelamente sugeriu-se a fundação de colégios vespertinos para adultos (academias de ensino para adultos), que seriam habilitados no mesmo lugar das escolas libertárias".⁹³

O quinto congresso da FORA, o mais importante em toda a história da federação, pois nele se definiu a FORA oficialmente como anarco-comunista, aconteceu em Buenos Aires em 26 de agosto de 1905. Neste mesmo congresso recomendou-se a todas as sociedades federadas que dedicassem uma parte de seus fundos ao sustento de escolas livres.⁹⁴

O sexto congresso, reunido em Rosario, entre 19 e 23 de setembro de 1906, ao mesmo tempo em que propiciou a fundação de uma Federação Antimilitarista na República Argentina, também recomendou que os sindicatos e federações locais tivessem um Conselho de Educação e Instrução encarregado de organizar escolas diurnas e noturnas, constituir bibliotecas e demais coisas necessárias para elevar intelectualmente à classe proletária, dando-lhe uma educação integral e a língua internacional esperanto.⁹⁵

⁹¹ LÓPEZ, Antonio. La FORA en el movimiento obrero, Buenos Aires, 1987, 1 p. 19.

⁹² LÓPEZ, Antonio op. cit. p. 19-20.

⁹³ Isaacov Oved, El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina, México, 1978, p. 308.

⁹⁴ Diego Abad de Santillán, La FORA-Ideología y trayectoria, Buenos Aires, 1971, p. 133.

⁹⁵ Diego Abad de Santillán, op. cit., p. 147.

Na realidade, algumas escolas libertárias começaram a funcionar na Argentina na última década do século XIX. Entre as mais antigas está aquela que fundou em Luján o infatigável militante anarquista Dr. Ceaghe. Porém também surgiram outras várias em Buenos Aires, e em Santa Fé nasceu uma em 1901.⁹⁶

Na Capital Federal da Argentina, Samuel Torner fundou uma escola Ferrer no ano do Centenário. Dois anos mais tarde, em 1912, foi criada ali mesmo a Liga de Educação Racionalista. Porém já existia em Buenos Aires uma Escola Moderna que, de dezembro de 1907 a agosto de 1908, editou um Boletim mensal. Também em 1908 houve o lançamento, em Mendoza, da publicação *A Escola Moderna*, órgão da pedagogia libertária e da escola moderna daquela cidade andina.⁹⁷

No mesmo ano de 1908 foram fundadas escolas modernas em Rosario e Mar del Plata. Um grande promotor da pedagogia libertária e das ideias educacionais de Ferrer na Argentina foi Esteban Almada, cuja maior atividade se desenvolveu entre 1905 e 1908. Ele publicou inúmeros artigos em que defendia uma renovação científica e moral da educação. Por iniciativa sua, foi criada a escola dos trabalhadores rodoviários, portuários e afins em 1906.⁹⁸

Na Argentina, no ano 1884 a educação primária começou a ser laica, pública e gratuita, com um fim nacionalista por parte do Estado, porém só tinham acesso as classes sociais privilegiadas, porque as meninas e meninos pobres tinham que trabalhar para ajudar a sustentar suas famílias. À escola secundária somente iam os filhos e filhas da classe dominante e não havia escolas nem educação para as centenas de milhares de imigrantes que então compartilhavam o mesmo território. É a partir desta marginalização que nascem as primeiras escolas libertárias, em diversos espaços destinados à educação dos trabalhadores, como ateneus, bibliotecas, universidades populares e oficinas libertárias, entre outros. Logo começam a germinar múltiplas experiências educativas libertárias na Argentina.

Entre 1890 e 1905, em Buenos Aires, foram criadas várias escolas experimentais, que duraram pouco tempo, por variadas razões. Estas iniciativas em educação eram principalmente apoiadas pela FOA (Federación Obrera Argentina) e posteriormente pela FORA (Federación Obrera Región Argentina).⁹⁹

⁹⁶ Diego Abad de Santillán, *El movimiento anarquista en Argentina*, Buenos Aires, 1930, p. 168.

⁹⁷ Diego Abad de Santillán, *op. cit.* p. 169-170.

⁹⁸ Diego Abad de Santillán, *op. cit.* p. 170.

⁹⁹ <http://tierranarquista.blogspot.mx/2015/02/la-escuela-moderna-en-america-latina.html>

A FORA também teve grande importância na construção de um mundo cultural paralelo, começando com a extensão das experiências pedagógicas racionalistas, iniciadas no final do século XIX por educadores catalães. Entre elas, uma das mais notáveis foi a Escola de Luján, cujo trabalho se desenvolveu intermitentemente durante mais de 20 anos, desde 1905 até 1928. Em suas oficinas foram produzidas centenas de obras de material didático utilizadas para propagar o ideal da pedagogia libertária.¹⁰⁰

Entre os artistas argentinos ligados à causa da escola racionalista, estão Félix Basterra, Enrique Santos Discépolo, letrista de tangos como *Cambalache* ou *Yira yira* que ficaram famosos na voz de Carlos Gardel; e os escritores Francisco Defilippis Novoa e Alberto Ghirardo. Este último foi o grande responsável pela extensão da educação racional entre os círculos trabalhadores argentinos através do jornal *La Protesta* e das revistas de arte e literatura anarquista *Martín Fierro* e *Ideas e Figuras*. Tanto Defilippis Novoa como Ghirardo escreveram, entre 1910 e 1930, muitas obras de teatro militante, para ser representado por trabalhadores membros da Liga de Escolas Racionalistas, de onde saíram grupos teatrais como Sembrando Flores, Arte e Natura, Alma rebelde, etc. Seu grande sucesso nos teatros e Ateneus Libertários da Argentina permitiu a construção de numerosas escolas, bibliotecas e centros culturais, aos quais se costumava destinar grande parte do dinheiro arrecadado nas apresentações. Estes eram, de fato, os lugares onde se forjava a cultura, a ética libertária e a consciência política contestatória. A repressão governamental do movimento libertário, com milhares de mortos e deportados durante os anos trinta, pôs fim a estas iniciativas.¹⁰¹

Uma figura notável seria o exilado espanhol Severo Blázquez, também ligado à experiência da Escola Moderna, que depois de escapar da repressão desencadeada em Barcelona na chamada Semana Trágica, percorreu a Argentina com um teatro de bonecos, pela facilidade de deslocar-se com um objeto de pequenas dimensões, que não requeria muitos complementos, e porque descobriu, na prática, as possibilidades que este tipo de arte lhe oferecia para atrair futuros adeptos. Blázquez, como Ferrer, resgatava em suas obras o papel e a importância da brincadeira. Ele dizia que a experiência cultural começava com o viver criador, cuja primeira manifestação é a brincadeira. “Brincar é fazer, o universal é a brincadeira, que nos abre uma porta para descobrir quem somos e como somos. Por isto, com a seriedade e complexidade de meu

¹⁰⁰ <http://tierranarquista.blogspot.mx/2015/02/la-escuela-moderna-en-america-latina.html>

¹⁰¹ VITALE, LUIS, *Contribución a una historia del anarquismo en América Latina*, Ediciones del IIMD Pedro Vuskovic, Santiago, 1998.

trabalho, nunca deixei de brincar, e toda minha ação era um convite a esta brincadeira de criar”.¹⁰²

Em seguida, destacamos algumas matérias contidas em um exemplar do Boletim da Liga de Educação Racionalista da Argentina, Seção Avellaneda, publicado em Buenos Aires em 15 de outubro de 1915. Na sua edição de número 10, ano 1, encontramos temas que exemplificam os objetivos mais caros aos anarquistas, que estes desejavam divulgar e aprofundar através desta publicação. A tradução do conteúdo em espanhol é de nossa autoria.

A primeira matéria publicada na edição analisada tem por título “A educação da mulher”. Este texto indica, sem dúvida, duas das temáticas mais recorrentes e valorizadas pelos libertários em todo o mundo, e não apenas na Argentina: a importância primordial da instrução como ferramenta de emancipação social e a luta pela igualdade de direitos para as mulheres. Lamentamos que o artigo não seja assinado, porém pudemos identificar que a autoria é de uma mulher, o que indica a coerência entre a proposta e a ação de dar mais voz e oportunidades às mulheres, em uma época em que isto ainda era uma clara demonstração de avanço, na primeira década do século XX. No segundo parágrafo do texto, a autora não identificada escreve:

A maior parte das mulheres se dá conta da falta de consideração com que são tratadas na vida: todas temos momentos em que sentimos rebelar-se nossa dignidade e entrevemos que nascemos para mais altos destinos; entretanto, uma preguiça nos atinge, e esta tendência ao sacrifício inútil, tão forte nas mulheres, nos aniquila. Em efeito, para sair da rotina é preciso estudar, instruir-se, trabalhar e tudo isto significa um grande esforço. É tão fácil deixar-se levar pela corrente, fazer o que fizeram nossas antecessoras! Que o homem se dê ao trabalho de pensar por nós, ter opiniões, trabalhar. E acostumado a prescindir de nós, se surpreende e desagrada quando falamos de nossos direitos. Nós mesmas temos, em grande parte, a culpa por nosso estado de servidão. E aí daquela que busca a sua própria salvação, escapando da rotina! Além dos obstáculos inumeráveis que se apresentam a ela, nós mesmas não perderíamos meios de criticá-la e pô-la em ridículo.¹⁰³

Nos últimos parágrafos, concluindo o seu raciocínio e a sua mensagem aos leitores e leitoras daquela publicação, a articulista demonstra novamente o apreço à autonomia e igualdade entre os gêneros, advogando a emancipação das mulheres, uma

¹⁰² RÍOS, CARLOS, *Teatro libertario y su acción pedagógica*, Ediciones del huerto, Salamanca, 1995.

¹⁰³ Boletín de La Liga Racionalista de Educación, Año I, N. 10. Buenos Aires, 10/10/1915, p. 1.

causa desde muito cedo defendida pelos militantes do Anarquismo. Reproduzimos aqui os dois parágrafos finais do artigo:

A inferioridade da mulher não é física nem mental, é social. Pôr nossa esperança de salvação no homem é um erro, porque cada homem que crê estar despojado de preconceitos tem algo que lhe adere das velhas crenças inculcadas desde sua infância.

Devemos começar por sentir-nos livres dentro de nós mesmas, apesar de todas as leis que os homens ditam para restringir nossa liberdade. E este espírito de independência que tem sua origem em uma acertada cultura das faculdades intelectuais permitirá à mulher ser mais útil na vida. Para que a humanidade alcance um nível elevado é preciso que a educação de ambos os sexos esteja em harmonia, e avance em um mesmo grau. A salvação da mulher está nela mesma, e para consegui-la não deve perder meios de educar-se, estudando, analisando e aprofundando todos os problemas sociais para colaborar com o homem na árdua luta de um futuro onde a ciência, o amor e a liberdade coroarão a todos os homens.¹⁰⁴

Na mesma edição analisada do Boletim da Liga de Educação Racionalista da Argentina, encontramos outros conteúdos dignos de consideração. À página 6, chama atenção o artigo intitulado “A Escola a domicílio”. Neste, os editores do Boletim informam aos leitores o lançamento de uma iniciativa pedagógica bastante interessante, que consistia, como antecipa o título da matéria, em aulas de redação ministradas na residência dos interessados. A ação visava dar oportunidade àqueles que desejavam instruir-se, porém, por algum motivo encontravam-se incapacitados de ir até as escolas. Esta admirável iniciativa pedagógica evidencia os esforços realizados pelos militantes libertários argentinos à época para disseminar o conhecimento e a instrução de todas as formas que conseguiam planejar e executar. Destacamos um trecho do citado artigo, redigido pelo autor chamado Natal de Barbieri:

No dia 28 de setembro, em Avellaneda, foram inauguradas pelo secretário desta seção umas aulas de redação prática a domicílio, que consistem no seguinte:

Os que desejam aprender a escrever e não podem frequentar as escolas, nem os cursos livres que em várias partes se encontram, podem enviar pequenos trabalhos, não maiores que três folhas de papel de bloco ou o equivalente, à secretaria da citada seção, Lavalle 783, para ser corrigidos os erros que contenham.

¹⁰⁴ Boletín de La Liga Racionalista de Educación, Año I, N. 10. Buenos Aires, 10/10/1915, p. 1.

Para isso foi nomeada uma comissão corretora, à qual serão dirigidas as cartas. A mencionada comissão corrigirá os erros e, além disso, dará as explicações e os conselhos que julgar oportunos. (...)

O tema dos trabalhos é facultativo; porém todos eles devem enquadrar-se no programa da Liga Racionalista. Os trabalhos que tratem de assuntos obscuros ou demasiado íntimos, de personalismos, políticos e, em geral, tudo que possa trazer simples ou possíveis consequências desagradáveis serão rejeitados.

A comissão da seção Avellaneda entende que seja óbvio que alguém aprenda primeiro a escrever tratando argumentos que não choquem a ninguém; e depois, quando saiba, então escreverá o que quiser, atendo-se às consequências.¹⁰⁵

Uma outra informação relevante encontra-se na página 7 do Boletim. Trata-se de um trecho do informe emitido pela Assembléia Geral de 20 de agosto. No texto, ficamos sabendo das diversas iniciativas de ensino promovidas pelos membros da Liga, bem como de sua repercussão junto ao público a que eram destinadas. Como exemplo, reproduzimos abaixo um excerto:

Como mostra dos sentimentos de simpatias que desperta nossa instituição (promessa de ótimos frutos que apontam para o futuro) pode-se citar a espontaneidade com que surgem os centros de cultura popular de caráter racionalista. Inspirados na constituição desta e protegidos pela difusão da propaganda que daqui semeamos, fundam os núcleos de ativos companheiros, a pequena mesa de leitura, a Biblioteca em embrião e algumas turmas de instrução básica; por únicas ferramentas a boa vontade e o desinteresse e como ideal a fundação da Escola Moderna para a infância.

No ano passado foi a Liga de E. R. (Ensino Racionalista) seção Boca o primeiro broto, no transcorrer do atual seguiram-se as seguintes instituições aderidas à Central: L. de E. R. (Liga de Ensino Racionalista) seção Avellaneda, Ateneu Racionalista de Villa Crespo, Comitê pró Escola Moderna da Boca e algumas associações em formação.

A autonomia de que dispõem, estimula favoravelmente a iniciativa firmada, descentraliza a ação e aumenta a propaganda nas respectivas localidades.¹⁰⁶

Depois da reprodução deste trecho do informe da Assembléia Geral, com o aviso de que se tratava apenas de uma parte e de que este teria continuação na edição seguinte, o Boletim dedicava as suas últimas páginas à divulgação de cursos promovidos pela associação. Para ilustrar a amplitude e a profundidade do trabalho educacional posto em prática pelos militantes da pedagogia libertária na Argentina, vejamos alguns dos cursos anunciados no Boletim: curso de estética, incluindo visitas

¹⁰⁵ Boletín de La Liga Racionalista de Educación, Año I, N. 10. Buenos Aires, 10/10/1915, p. 6.

¹⁰⁶ Boletín de La Liga Racionalista de Educación, Año I, N. 10. Buenos Aires, 10/10/1915, p. 7.

ao Museu de Belas Artes, curso de corte e costura, curso de literatura com leituras comentadas, curso de contabilidade, de música, de Esperanto, de Ciências Naturais e de taquigrafia, além de conferências sobre diversos temas. Na Seção Villa Crespo, havia aulas de instrução primária, gramática, Francês, Esperanto e também Oratória. Na Seção Avellaneda, as aulas eram de redação prática e aritmética¹⁰⁷. Pela análise da grande variedade e alta qualidade de seu conteúdo, podemos testemunhar a dedicação e o esforço realizados por aqueles ativistas em prol da educação e do aprimoramento intelectual da classe trabalhadora em seu país.

Vistas as diferentes experiências postas em prática em alguns países da América Latina, é relevante compararmos as semelhanças e contrastes com aquelas ocorridas no Brasil. Sobre os aspectos parecidos, salientamos os motivos e os esforços dos trabalhadores libertários para criar escolas que dessem aos seus filhos e também aos seus companheiros de trabalho a necessária preparação intelectual e moral para enfrentar a exploração de um sistema econômico pautado pelos privilégios da classe econômica mais favorecida. Assim, vimos que em vários países, os trabalhadores nacionais, muitas vezes com a ajuda de trabalhadores expatriados ou imigrados, realizaram seu intento de criar escolas modernas, laicas e democráticas. Sua orientação era democratizar o ensino, livrando-o do domínio exercido pelo monopólio do Estado ou da Igreja. Oferecer uma formação acadêmica e cívica voltada para a solidariedade entre os trabalhadores e a fraternidade entre os povos, rejeitando noções obscurantistas baseadas em superstições e crenças, bem como a ignorância e violência das ideias ultranacionalistas, bélicas e anti-humanitárias do fascismo e capitalismo.

Anton Makarenko e a Colônia Gorki

Para os fins deste trabalho, procuramos mostrar neste capítulo certas experiências de pedagogia libertária pautadas nos moldes estabelecidos pelo educador espanhol Francisco Ferrer Y Guardia em países da América Latina. Entretanto, para comparar com os métodos libertários postos em prática por militantes anarquistas em toda a América do Sul, decidimos relembrar aqui também uma outra experiência pedagógica relevante, de uma vertente diversa. Trata-se de um dos mais radicais e bem-sucedidos casos da história da educação; a Colônia Gorki, na União Soviética, que de

¹⁰⁷ Boletín de La Liga Racionalista de Educación, Año I, N. 10. Buenos Aires, 10/10/1915, p. 7.

1920 a 1928, transformou centenas de menores abandonados e jovens infratores, muitos com várias passagens pela polícia, em ativos cidadãos.

O impressionante sucesso da Colônia Gorki deveu-se à figura do educador ucraniano Anton Makarenko (1888-1939). Filho de um operário ferroviário e de uma dona-de-casa, Makarenko foi alfabetizado pela própria mãe, como a maioria das crianças da época. Quando entrou na escola primária, aprendeu as matérias básicas, como língua russa, aritmética, geografia, física e ciências naturais, mas não pode estudar sua língua materna, a ucraniana, proibida pelo império czarista na Rússia, nem lógica e filosofia, disciplinas que eram exclusivas da elite. Makarenko concluiu o curso de magistério aos 17 anos, quando também teve contato com as ideias revolucionárias de Lênin e Máximo Gorki, que influenciaram sua visão de mundo e de educação.¹⁰⁸

Makarenko iniciou sua vida profissional em 1906, lecionando na Escola Primária das Oficinas Ferroviárias durante oito anos. Depois disso, foi diretor de uma escola secundária, onde começou a aplicar seus conceitos de educação inovadores, ampliando o espaço cultural e mudando o currículo com a ajuda dos pais e professores.¹⁰⁹

Sua mais importante contribuição aos estudos da pedagogia foi, sem dúvida, a Colônia Gorki, uma instituição rural que atendia crianças e jovens órfãos que haviam vivido na marginalidade. Naquela instituição coordenada por ele, Makarenko pode colocar em prática seu modelo de escola baseado na vida em grupo, na autogestão, no trabalho e na disciplina, compreendida não como um fim, mas como um meio para o sucesso da vida na escola.¹¹⁰

Segundo análise da revista “Escola, Grandes Pensadores”, o método criado por Makarenko era uma novidade porque organizava a escola como coletividade e levava em conta os sentimentos dos alunos na busca pela felicidade – aliás, um conceito que só teria sentido se fosse para todos. O que importava eram os interesses da comunidade e a criança tinha direitos impensáveis na época, como opinar e discutir suas necessidades no universo escolar.¹¹¹

Em seu livro, *Poema pedagógico*, uma obra única, que pode ser lida tanto como um romance da mais alta qualidade literária, como um relato de suas experiências como

¹⁰⁸ Luedemann, Cecília da Silveira. Anton Makarenko, Vida e Obra – A Pedagogia na Revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002, p. 22.

¹⁰⁹ Luedemann, Cecília da Silveira. Op. cit. p. 102.

¹¹⁰ Revista Escola, Grandes Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, p. 46.

¹¹¹ Revista Escola, Grandes Pensadores, op. cit. p. 46.

educador, Makarenko narrou com impressionante franqueza o dia-a-dia da Colônia Gorki. No livro, o educador ucraniano reportou os altos e baixos, os dilemas, o aprendizado na base da tentativa e erro e as duras conquistas num processo em que a experiência conduzida por ele e seus educandos, baseada no conceito de um coletivo autogerido, se vê constantemente ameaçada pelos entraves da burocracia e pelas autoridades pedagógicas da época.¹¹²

Segundo Tatiana Belinky, tradutora do original russo do *Poema pedagógico* de Makarenko para a língua portuguesa, “os *insights* e conquistas de Makarenko como pedagogo se baseavam na utilização do enorme potencial educacional do “coletivo”, e se apoiavam na combinação contínua e coerentemente mantida da instrução escolar com o trabalho produtivo, e na integração do crédito de confiança com a exigência rigorosa para com a pessoa do educando.”¹¹³

Com respeito ao presente trabalho, é interessante observar a semelhança entre os objetivos e os métodos aplicados tanto pelos anarquistas em diversos países, como pelo educador ucraniano, com base nos ideais defendidos pelos revolucionários russos à época da revolução comunista em seu país. Apesar das notórias diferenças gerais existentes entre as propostas políticas dos anarquistas e dos marxista-leninistas, a ênfase na importância fundamental da coletividade, da autogestão e do trabalho como fator de desenvolvimento de uma consciência de cidadania e solidariedade são alguns traços marcantes que irmanam estas metodologias pedagógicas.

Após pesquisa realizada no acervo do Professor João Penteado, Tatiana Calsavara confirmou que as escolas libertárias, também chamadas escolas modernas e racionalistas, eram objeto de estudo do Professor João Penteado, um dos fundadores da Escola Moderna de São Paulo, e de seus companheiros. Eles dedicaram-se a estudar a experiência da Escola de Iasnaia Poliana, fundada na Rússia por Tolstoi; a Escola Oficina n. 1, em Portugal, dirigida por Adolfo Lima; La Ruche, fundada na França por Sebastien Faure; Orfanato Cempuis, dirigido por Paulo Robin e a Escola Moderna de Barcelona, fundada por Francisco Ferrer. Todas estas escolas defendiam os preceitos libertários da educação integral, ensino racional e científico e tinham como princípio a educação para a liberdade.¹¹⁴

¹¹² Poema pedagógico. Makarenko, Anton. São Paulo: Ed. 34, 2005.

¹¹³ Poema pedagógico. Makarenko, Anton, op. cit.

¹¹⁴ CALSAVARA, Tatiana da Silva, op. cit. p. 67.

CAPÍTULO III - A Pedagogia Libertária no Brasil

As Escolas Modernas no Brasil, pautadas no modelo estabelecido pelo educador catalão Francisco Ferrer Y Guardia, foram criadas principalmente por ativistas, pedagogos e partidários das ideias libertárias do educador espanhol, com o apoio de sindicatos, associações operárias, organizações e militantes anarquistas. Tais escolas ofereciam cursos noturnos para a educação de adultos. Sua metodologia libertária era pautada em uma base científica e racional, opondo-se a quaisquer noções místicas ou sobrenaturais. Por ser anticlerical e fomentar a solidariedade e a educação livre de autoridade coercitiva, este movimento era fortemente apoiado pelos anarquistas. Pelos mesmos motivos, porém, as Escolas Modernas sofreram ataques por parte de setores da igreja católica da época. Também foram muito afetadas pela repressão ao movimento operário, posta em execução pelo governo de Artur Bernardes, que visava reprimir as ações e reivindicações dos ativistas e trabalhadores engajados nas causas operárias da época.

Existem registros de várias escolas aqui instaladas com base nos parâmetros estipulados por Ferrer Y Guardia. Isto pode ser compreendido quando se considera que os anarquistas sempre atribuíram um valor primordial à educação como fator de conscientização dos trabalhadores sobre sua importância e sobre os modos em que poderiam mudar a sua realidade. Eduardo Valladares recorda que os temas cultura e educação eram de grande importância no projeto de Revolução Social defendido pelos anarquistas. Diz ele que, desde o século XIX, o movimento ácrata internacional vinha se ocupando dessas questões, pensadas fundamentalmente como meios de emancipação. Por isso, muitos militantes dedicaram grande parte de suas energias na elaboração de projetos e práticas culturais, por considerá-las possuidoras de um valor social indispensável para a construção do mundo novo. A preocupação singular, e até obsessiva, pela educação deve-se ao fato de que a ação pedagógica era vista como um dos instrumentos fundamentais para a efetivação da ação direta.¹¹⁵

Em seu livro intitulado *Utopias Anarquistas*, Flávio Luizetto diz:

Consulte-se a literatura libertária publicada desde meados do século XIX, de modo especial as obras dos autores considerados “clássicos” do pensamento anarquista, tais como Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Malatesta: o retrospecto confirmará ser antigo e tradicional, nesse círculo, o interesse pelo tema educação. (...) Por ocupar essa elevada posição no movimento, era natural que a educação fosse encarada pelos

¹¹⁵ VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e anticlericalismo*. São Paulo: Imaginário, 2000.

militantes e simpatizantes com um misto de admiração e respeito. O que explica, por outro lado, o zelo e a obstinação com que se entregavam a tarefas do gênero.¹¹⁶

É notável que desde o final do século XIX, mais especificamente no ano de 1893, com a fundação do Centro Socialista Internazionale de São Paulo, na Rua Líbero Badaró, número 110, no bairro da Sé, socialistas e anarquistas juntavam-se para articular as melhores táticas e estratégias para mobilizar a população, decidindo, entre outras ações, disseminar um tipo de educação que pudesse incluir todos aqueles que estivessem fora do alcance da educação provida pelo Estado e pelas escolas mantidas pela Igreja.¹¹⁷

Estas iniciativas de realizar e disseminar atividades educacionais para os trabalhadores e suas famílias foram postas em prática por renomados militantes anarquistas, como Oreste Ristori, Gigi Damiani, Florentino de Carvalho, Adolfo Lima e Neno Vasco, Edgar Leuenroth, Adelino de Pinho, João Penteado e José Oiticica, entre outros. Dentre estes, João Penteado, Adelino de Pinho e Florentino de Carvalho estiveram diretamente envolvidos no funcionamento de escolas libertárias, sobretudo as Escolas Modernas de São Paulo.¹¹⁸

Com a mesma proposta de levar o trabalhador à sua formação integral e consciência de classe, eclodiram diversas bibliotecas populares, centros de estudos, centros de cultura social, grupos de teatro, centros libertários, sem mencionar os variados jornais – mensais, semanários, diários, revistas – que obtiveram significativa ressonância na classe operária e na sociedade da época - tais como: *A Plebe*, (São Paulo), *A Hora Social* (Recife), *Voz do Povo* (Rio de Janeiro), *Vanguarda* (São Paulo), *A Lanterna* (São Paulo), *O Amigo do Povo* (São Paulo), *A Terra Livre* (São Paulo/Rio de Janeiro), *La Bataglia* (São Paulo), entre muitos outros.

O papel crucial que a educação representava para os libertários é bastante destacado por Marly de Almeida Gomes Vianna em seu artigo “A preocupação do

¹¹⁶ LUIZETTO, Flávio. *Utopias anarquistas*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1987, p. 42.

¹¹⁷ GODOY, Clayton. *Ação Direta: Transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo*. São Paulo, 2013. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. p. 87-102.

¹¹⁸ VIDIGAL MORAES, Carmen Sylvia e ACCIOLY E SILVA, Doris. *Arquivo João Penteado e sua importância para os estudos de educação anarquista no Brasil*. Projeto História, São Paulo, n. 48, Dez. 2013, p. 8.

movimento operário com a educação”¹¹⁹. A autora indica que, considerando-se o movimento operário do início do século vinte, os anarquistas merecem destaque por constituírem o movimento que dedicou mais atenção à educação. Marly Vianna esclarece que a proposta revolucionária anarquista não passava pela atuação política (concebida como organização e ação partidária e eleitoral), as “organizações” admitidas tinham que ser livres, libertárias, expressão de vontades individuais, sem qualquer hierarquia ou interferência de partidos políticos. Nessa perspectiva, na qual a organização é desprezada e o individual é exaltado, a transformação do indivíduo, de sua personalidade, é fundamental, e por isso mesmo a educação foi colocada em primeiro plano. O anarquista italiano Errico Malatesta afirmava que o processo revolucionário dependia da atuação conjunta de três forças: “Educação, propaganda e rebelião”, nessa ordem.¹²⁰

Tendo-se em conta esta importância dada à educação pelos anarquistas de todo o mundo, não é difícil entender que também no Brasil o movimento libertário organizou-se desde cedo para ser capaz de fornecer aos seus membros e simpatizantes um tipo de educação e cultura que pudesse ajudar a promover a sua emancipação individual e social. E Raquel de Azevedo, comentando sobre os centros de estudo e os grupos de propaganda anarquistas brasileiros nas duas primeiras décadas do século vinte, ressalta que a recusa dos anarquistas à ortodoxia e o respeito à diferença, como fatores propiciadores da individualidade e da autonomia, apareciam nas leituras comentadas, nos cursos e no debate de teses. A autonomia seria constituída a partir da educação, desde as escolas alternativas que constituíam as Escolas Modernas ou os cursos noturnos para adultos nos sindicatos, passando pelas atividades internas dos grupos, até as campanhas de propaganda, comícios e greves. Constituía momentos de aprendizado teórico e prático que deveriam caminhar paralelamente.¹²¹

Em julho de 1934, essa iniciativa foi retomada em São Paulo, tanto na recriação da Escola Moderna quanto na promoção de aulas noturnas nos sindicatos, como ocorreu no Sindicato dos Manipuladores de Pão, em sua sucursal do Brás.¹²² Em outras localidades, como Belém do Pará, instalou-se a Escola Racional Francisco Ferrer e, em

¹¹⁹ VIANNA, Marly de A. G. “A preocupação do movimento operário com a educação”. Conferência. In *Perspectiva*, Revista do Centro de Ciências da Educação, vol. 26, n. 1, janeiro/julho de 2008. Florianópolis. Florianópolis: Editora da UFSC.

¹²⁰ MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Imaginário, 2000.

¹²¹ AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial. 2002, p. 145.

¹²² “Escolas Proletárias”. *A Plebe*, São Paulo, 4 de agosto de 1934, nº. 68, p. 4.

Garanhuns, Pernambuco, surgiu uma escola noturna do Sindicato da Construção Civil, baseada nos ensinamentos racionalistas.

Edgar Rodrigues, um destacado militante anarquista, memorialista, arquivista e escritor, relatou em alguns de seus livros sobre o movimento anarquista no Brasil, experiências dos libertários com a fundação e manutenção de escolas em território nacional. Em sua obra “Diga não a violência” (1995), ele recordava:

A formação de escolas à margem do governo e do Estado têm uma longa história no Brasil. (...) A iniciativa coube evidentemente aos revolucionários convictos de que a transformação social seria inviável, fracassaria se não se fizesse de cada produtor de riquezas um trabalhador consciente, capaz de usar as mãos e o cérebro simultaneamente. Para estes idealistas, empunhar o martelo, o serrote e a enxada ou acionar a máquina não era tudo que o ser humano tinha que saber fazer; ele precisava também aprender a ler, adquirir cultura, ganhar consciência de seus deveres e de seus direitos, soltar-se das amarras seculares que limitavam a sua capacidade de pensar e de sentir, que lhe impunham preconceitos, condicionamentos, deformações e temores físicos, psicológicos, religiosos e econômicos.

Era convicção dos pioneiros, anarquistas, anarco-sindicalistas e socialistas chegados ao Brasil no final do século 19 e começo do 20, que só com indivíduos capazes de se autogovernar seria possível tornar a revolução social uma realidade de todos. (...) Dentro deste objetivo nasceu a ESCOLA UNIÃO OPERÁRIA no Rio Grande do Sul, lá pelos idos de 1895, e desde então os trabalhadores com ideias fundaram escolas nos estados do Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e São Paulo.¹²³

Prossegue Rodrigues dizendo que foram centenas e centenas de escolas fundadas e sustentadas nos bairros, junto das fábricas, nos sindicatos, nos centros de cultura social. No Rio de Janeiro, por iniciativa dos anarquistas, implantou-se a Universidade Popular, na Rua da Constituição, n. 47, sede do Centro dos Pintores, no ano de 1904. Mas foi a partir de 1905 que as escolas livres, com métodos próprios, começaram a ganhar pujança, em Campinas, Santos, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Os jornais libertários estão cheios de notícias sobre escolas fundadas, sustentadas e dirigidas por operários, relembra Edgar Rodrigues.

Tendo coletado uma vasta documentação ao longo de décadas de participação no movimento anarquista em nosso país, Edgar Rodrigues tornou-se um dos nomes principais na história do anarquismo brasileiro e também um dos principais organizadores dos registros históricos e memórias deste movimento. Entretanto, em

123 RODRIGUES, Edgar. *Diga Não à Violência!* Rio de Janeiro: VRJ, 1995.

suas próprias palavras, o levantamento sobre as escolas anarquistas e sua organização ainda é incompleto. Segundo ele, o Brasil ainda carece muito de um trabalho de mapeamento dessas instituições e a localização das fontes documentais relacionadas a elas, visando a sua preservação e organização. Edgar Rodrigues fala também de outras iniciativas educacionais que ocorreram no Brasil e no Estado de São Paulo, antes e depois da criação das Escolas Modernas.

Uma delas foi a Escola União Operária, fundada no Rio Grande do Sul em 1895, provavelmente graças à iniciativa dos ex-integrantes da Colônia Cecília, comunidade autônoma fundada por anarquistas no sul do país. Em Porto Alegre (RS) foi fundada uma escola em homenagem a Eliseé Reclus, pois este importante nome do movimento anarquista internacional teria visitado aquela cidade em passagem pelo Brasil. Em 1903 surgiu em São Paulo a Escola Libertária Germinal, que seguia o método da Escola Moderna de Barcelona. Na cidade de Santos, a União Operária dos Alfaiates teria fundado, em 1904, a Escola Sociedade Internacional e a Federação Operária, a Escola Noturna, em 1907. Também existe o registro das chamadas Escolas Livres, como a de Campinas, fundada em 1909 pela Liga Operária; a Escola da Liga Operária de Sorocaba, criada em 1911; a Escola da União Operária de Franca, do ano de 1912, e o surgimento de uma Escola Moderna em São Caetano em 1919. Edgar Rodrigues menciona também a Escola Nova, fundada em 1912, no bairro da Mooca, em São Paulo, por Florentino de Carvalho, e a existência, também na capital, em 1920, da Escola Joaquim Vicente.¹²⁴

De fato, em pesquisa feita nos jornais editados pela classe operária naquela época, encontramos várias menções, dentre as quais destacamos as seguintes: “Escola Moderna: Amanhã, domingo, realiza-se uma assembléia geral, na qual a comissão de contas dará o seu parecer. A reunião efetua-se na Rua General Câmara, n. 335, sobrado.” (A *VANGUARDA* n. 9, RJ. 01/07/1911, p. 2). “Escola Operária 1º de Maio: Aulas diurna e noturna; aceita meninos e meninas. Ensino primário, tem aulas todos os dias úteis. Rua Souza Franco, n. 64, Vila Izabel.” (O *CLARIM*, n. 1, RJ. 01/6/1913, p. 1).

Edgar Rodrigues também fala do célebre educador espanhol e sua importância para a pedagogia libertária no Brasil. A prisão e o processo contra Francisco Ferrer Y

¹²⁴ RODRIGUES, Edgar (1992), apud VIDIGAL MORAES, Carmen Sylvia e ACCIOLY E SILVA, Doris. *Arquivo JoãoPenteado e sua importância para os estudos de educação anarquista no Brasil*. Projeto História, São Paulo, n. 48, Dez. 2013.

Guardia e o fechamento da ESCOLA MODERNA fundada por ele em Barcelona, fez crescerem no Brasil as ESCOLAS RACIONALISTAS, e com a condenação à morte e o fuzilamento desse importante pedagogo, em 13 de outubro de 1909, o proletariado de S. Paulo ergueu-se em sua defesa e fundou o “COMITÊ DA SOCIEDADE ESCOLA MODERNA”.¹²⁵

No mesmo ano começou no Brasil uma campanha “PRÓ-ESCOLA MODERNA”, e em pouco tempo a imprensa operária anunciava ter angariado “14 contos de réis”, soma considerável para a época, e que permitiu a imediata fundação das escolas modernas nº. 1 e nº. 2, a primeira na Rua Saldanha Marinho, n. 83 e a segunda na Rua Muller, n. 74, ambas em S. Paulo. Ainda nesta cidade, no ano de 1915, foi fundada a Universidade Popular da Cultura Racionalista e Científica, na Rua da Mococa, 292-A, 1º. Andar.¹²⁶

As escolas nº. 1 e 2 mantinham cursos diurnos e noturnos, com uma frequência de 150 alunos em janeiro de 1914. Nesta mesma data editaram *A Cartilha* e a *Seleto*, dois livros escritos expressamente para as Escolas Modernas de São Paulo.

Os estatutos do comitê Pró-Escolas Racionalistas explicavam seus objetivos: a) Criar escolas para nelas ministrar a educação às crianças e adultos, baseada na meta do objetivo racional de ensino, e conseqüentemente, separada de qualquer noção mística ou sobrenatural; b) criar bibliotecas e promover conferências de educação popular; c) Publicar uma revista pedagógica com o fim de propagar o método de ensino adotado pela Escola Moderna.¹²⁷

Com a mesma finalidade dos trabalhadores paulistas, a maioria imigrantes, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na Rua Ramiro Barcelos, n. 197, os trabalhadores libertários fundavam uma Escola Moderna; o mesmo ocorreu no Rio de Janeiro, bairro da Vila Izabel, e na Bahia.¹²⁸

Concluindo, Rodrigues comenta que, apesar do espantoso número de analfabetos nestes anos, o governo resolveu fechar no ano de 1919 as Escolas Modernas.¹²⁹

O fechamento das Escolas Modernas de São Paulo ocorreu em 1919, por ordem da Diretoria da Instrução Pública do Estado de São Paulo, depois de um acidente causado pela explosão de uma bomba no bairro do Brás. Neste acidente morreram

¹²⁵ RODRIGUES, Edgar, op. cit. p. 297.

¹²⁶ RODRIGUES, Edgar, op. cit. p. 297.

¹²⁷ RODRIGUES, Edgar, op. cit. p. 297.

¹²⁸ RODRIGUES, Edgar, op. cit. p. 298.

¹²⁹ RODRIGUES, Edgar, op. cit. p. 298.

quatro militantes anarquistas, entre eles José Alves, diretor da Escola Moderna de São Caetano. O motivo alegado para o fechamento foi que “a escola dirigida por João Penteadado visava à propaganda de ideias anarquistas... bem como a de Adelino Pinho, que fazia propaganda de ideias subversivas”.¹³⁰

Não obstante a perseguição às escolas criadas pelos anarquistas, estas ainda resistiram por alguns anos. Com outros nomes, em outros locais nasceram escolas que funcionaram até os nossos dias sem auxílio dos governos e do Estado. Como um estratagema para escapar à perseguição do Estado, que apoiava as escolas particulares e as religiosas, as escolas fundadas pelos anarquistas adotavam outras denominações que, ainda assim, indicavam o tipo de orientação pedagógica que praticavam, a fim de auxiliar o entendimento dos trabalhadores e suas famílias. Estes nomes, em geral, incluíam palavras que denotavam os preceitos caros aos libertários e revolucionários da época: Escola Nova, Escola Racionalista e Escola Livre. Como exemplo, temos o seguinte anúncio: “Escola Nova: Aulas diurnas e noturnas. Português, Aritmética, Datilografia. Avenida Celso Garcia, 262, São Paulo. (*O TRABALHADOR GRAPHICO*, n. 3, SP,15/6/1920, p. 6).

Vistos os casos reportados acima, temos uma noção melhor da importância e também da amplitude das iniciativas promovidas pelos anarquistas e outros grupos de socialistas em prol da difusão de uma educação libertária e ativista para combater as condições miseráveis e de exploração da classe trabalhadora no Brasil. No entanto, se considerada apenas a historiografia oficial daquela época, fica-se à mercê do desconhecimento de todas estas experiências educacionais. Fernando Antonio Peres afirma que a produção historiográfica mais tradicional no campo da educação, ao olhar a Primeira República no Brasil pelo prisma das iniciativas educacionais oficiais e

¹³⁰ Excerto do Relatório do Interior de São Paulo no ano de 1919, apresentado em anexo por Luizetto, 1984. Documentos manuscritos de João Penteadado, 1919 (Arquivo João Penteadado/CME-FEUSP).

segundo um viés das ações reformadoras do Estado, acabou privilegiando tanto a primeira década da República quanto a década de 1920. Assim, a produção historiográfica mais conhecida centrou-se no trabalho de organização do ensino primário e, principalmente, na formação de professores para este nível de ensino. Para isto, o governo republicano paulista reformou sua rede pública escolar, criando novos programas, criando escolas-modelo e grupos escolares, investindo na formação de professores de acordo com métodos de ensino modernos e novas orientações educacionais. Da mesma forma, a década de 1920, iniciada com a reforma de Sampaio Dória em São Paulo, é tradicionalmente reconhecida como um momento de retomada de um vigoroso debate no campo educacional.¹³¹ Pela historiografia tradicional, o período compreendido entre 1900 e 1920, era comumente apresentado como um “tempo de desânimo, desilusões e frustrações”. Entretanto, Peres menciona o trabalho de Denice Catani que procura “redimensionar a história da educação paulista menos em função das ‘grandes reformas e realizações (ou dos acontecimentos luminosos) e mais em função das iniciativas não oficiais”¹³², procurando superar a visão dos anos 1900-1920 como as “décadas perdidas” para a educação em São Paulo e contribuindo para que outras iniciativas educacionais, oficiais e não oficiais, recebam o merecido destaque.¹³³

A repressão às escolas operárias

Lembramos que desde o início da organização do movimento operário no Brasil, quando a participação dos trabalhadores de origem estrangeira e de seus descendentes teve uma importância fundamental, os conservadores e outros detentores do poder iniciaram a contra-ofensiva. Para isso, utilizaram a estratégia de atacá-los como se

¹³¹ PERES, Fernando Antonio. *Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República*. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, p. 12-13.

¹³² CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia-luz (um estudo sobre a “Revista de Ensino” da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo: 1902-1918)*. São Paulo: [s.n.], 1989. Tese de doutoramento, FEUSP, p. 12 e p. 284.

¹³³ PERES, Fernando Antonio, op. cit. p. 13.

fossem agentes de interesses estrangeiros. É bastante conhecida a expressão utilizada na época para definir e menosprezar a ideologia política dos trabalhadores oriundos de outros países como “uma planta exótica”, estranha aos interesses nacionais e transplantada artificialmente às terras brasileiras. Tal campanha difamatória e xenófoba adquiriu ainda mais força após a divulgação em território nacional de fatos políticos ligados aos países de origem daqueles trabalhadores, principalmente a Itália, a Espanha e Portugal. Acontecimentos como a ascensão do fascismo naqueles países, além da vitória soviética na Rússia em 1917 e, mais tarde, a Guerra Civil Espanhola, perturbavam e amedrontavam os conservadores no Brasil, servindo de combustível para alimentar a campanha de combate aos imigrantes e seus descendentes que participassem nos movimentos políticos de emancipação da classe trabalhadora.

Como consequência da perseguição aos trabalhadores envolvidos na luta política da classe operária, também as escolas fundadas e sustentadas por eles foram diretamente atingidas. Um outro efeito secundário foi o fechamento das escolas estrangeiras mantidas por consulados de outras nações ou associações comunitárias de cidadãos de outros países. Fernanda Franchini e Diana Vidal relatam com detalhes esclarecedores os casos da Escola Alemã da Vila Mariana e do Instituto Médio Dante Alighieri, na década de 1930.

O Estado Novo constituiu-se com base em uma centralização política inédita na República brasileira. A preocupação com forjar a nacionalidade em um país de orientação federativa não era nova. No entanto, assumia outra dimensão na segunda metade dos anos 1930, na emergência do contexto internacional de guerra e no âmbito interno das lutas entre grupos sociais que reivindicavam o poder ou a participação no projeto de Nação. Para parte significativa da elite política, a contenção de movimentos que colocavam em risco a estrutura social vigente, como, por exemplo, levantes comunistas, impunha a ação de um Estado forte. Essa espécie de “modernização conservadora” os costumes, pregada pelas elites, ancorava-se na defesa da família, da religião, do trabalho e no culto à pátria – anseios capturados pelo discurso varguista. Somente assim se criariam as condições para o desenvolvimento econômico, o progresso dentro da ordem e, como coroamento, a construção do povo brasileiro. (...) Nesse panorama ideológico, a escola era percebida como um importante veículo de inculcação dos valores pátrios e de amálgama da identidade brasileira, superando a diversidade étnica característica da nossa sociedade. (...) Assim, ao mesmo tempo em que sobre a escola depositava-se a crença na produção da coesão necessária ao projeto político de Nação, temia-se que ela fosse alvo de agentes subversivos. Para coibir os desvios, era necessária uma intervenção exemplar. Deste modo, os Departamentos de Ordem Política e Social (DOPS), órgãos federais e estaduais responsáveis pela repressão de crimes políticos, foram chamados a

colaborar no controle e repressão das atividades dos sujeitos nos espaços escolares.¹³⁴

Maria Luiza Tucci Carneiro ajuda-nos a compreender melhor a dimensão da repressão empreendida pelo governo contra aqueles que eram considerados elementos subversivos à ordem social vigente. A professora cita Thomas H. Holloway – estudioso da polícia no Rio de Janeiro durante o século XIX, para quem a ação policial expressou, em diferentes momentos, a formulação de uma resposta institucional à ameaça representada por aqueles que atentavam contra a estabilidade das elites dominantes. Carneiro recorda que o Brasil viveu, em dois momentos distintos, a experiência de governos ditatoriais, e que cada qual à sua maneira, tentou controlar a população de forma a evitar que ocorresse uma revolução político-social no país. Para auxiliar nessa missão, nomeou-se um tipo especial de modalidade de polícia que deveria “entreter e coibir reações políticas adversas, armadas ou não, que comprometessem a “ordem e a segurança pública”¹³⁵.

Assim, o arquivo geral da Polícia Política brasileira possibilita identificar os momentos em que os ideais democráticos foram questionados, colocando em descrédito as liberdades individuais; da mesma forma que as listagens dos livros proibidos e seus originais (confiscados e anexados aos processos) permitem avaliar como a livre-expressão do pensamento deu lugar à censura, amordaçando a cultura. Em síntese, podemos “contabilizar” como a intolerância, a violência e a repressão se tornaram prática institucionalizada pelo Estado Brasileiro.¹³⁶

Se, mesmo antes da década de 20 do século passado, as classes dominantes já organizavam a repressão aos trabalhadores mais atuantes, alguns momentos são marcantes neste processo. Raquel de Azevedo enfatiza que, em dezembro de 1924, com a criação do DOPS, em São Paulo, os instrumentos de controle e repressão foram se aprimorando, combinando a vigilância de sindicatos e manifestações operárias com o

¹³⁴ FRANCHINI, F. e VIDAL, D. *Escolas estrangeiras em São Paulo e a ação da polícia*. In: VIANNA, Marly de A. G.; SILVA, Érica Sarmiento da; GONÇALVES, Leandro Pereira (Organizadores) **Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014, p. 245-246.

¹³⁵ CARNEIRO, M. L. T. *Os arquivos da polícia política brasileira: intolerância, repressão e resistência*. In: VIANNA, Marly de A. G.; SILVA, Érica Sarmiento da; GONÇALVES, Leandro Pereira (Organizadores) **Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014, p. 19.

¹³⁶ Idem, p. 19.

recurso à força na dispersão de comícios manifestações grevistas, prisões, degredos e deportações.¹³⁷

Segundo Pinheiro, haveria uma mudança no alvo das ações policiais em relação ao meio operário que foi se deslocando dos militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários para os comunistas. Tais conclusões são extraídas da comparação entre a Lei de Repressão ao Anarquismo, de 17 de janeiro de 1921 à Lei Celerada, de 12 de agosto de 1927.¹³⁸

Fazendo-se uma sumária cronologia dos decretos e leis contra os anarquistas, aparecem com destaque os de 1907, 1913, o de 1921, este intitulado de “Repressão ao anarquismo”, culminando na “Lei Aníbal de Toledo”, de 1927¹³⁹. São medidas ou “remédios jurídicos” que, somados à criação da 4ª Delegacia Auxiliar, em 1922, no Distrito Federal, e da Delegacia da Ordem Política e Social, em 1924, em São Paulo, podem responder por boa parte do conjunto de fatos que colaboram para o desmantelamento dos sindicatos livres. Um aperfeiçoamento da repressão que não pode ser explicado apenas pela obsessão por uma polícia científica, moderna, controladora de distúrbios e responsável pela ordem interna, mas, antes de tudo, a favor da adequação das defesas do Estado contra o trabalhador.

Mencionando um dos mais importantes veículos de comunicação editado pelos militantes anarquistas à época, Azevedo diz que, quando voltou a ser publicada *A Plebe*, em fevereiro de 1927, denunciaram-se prisões na Colônia do Centro Agrícola Clevelândia, no rio Oiapoque, localizada no Pará, próxima à fronteira com a Guiana Francesa, denominada por seus ocupantes involuntários como “campo de concentração”¹⁴⁰. Os presos chegavam às prisões da Polícia Central, passando por navios presídios, sendo posteriormente transportados para o Oiapoque. Nesse ínterim, sofriam espancamentos, reclusão em solitárias, trabalhos forçados e subalimentação.¹⁴¹

O jornal *A Plebe* noticiou os nomes de 15 anarquistas presos em Clevelândia. Entre estes, dos cinco que morreram, um era militante no Rio de Janeiro e os demais atuavam em São Paulo. Segundo Raquel Azevedo, durante esse período de perseguições

¹³⁷ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit., p. 47.

¹³⁸ PINHEIRO, Paulo Sergio. *Política e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

¹³⁹ SAMIS, Alexandre. *Anarquistas e sindicalistas revolucionários na luta antifascista (1933-1935)*. In: VIANNA, Marly de A. G.; SILVA, Érica Sarmiento da; GONÇALVES, Leandro Pereira (Organizadores) *Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

¹⁴⁰ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. p 49.

¹⁴¹ SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo / Rio de Janeiro: Imaginário / Achiamé, 2002.

aos anarquistas em São Paulo e Rio de Janeiro, os comunistas foram menos visados¹⁴². A polarização entre comunistas e anarquistas foi maior nos dois pólos industriais: Rio de Janeiro e São Paulo.

A afirmação dos princípios anarquistas era reforçada em contraposição às propostas comunistas: recusavam o apoio a partidos políticos e a centralização operária por órgãos externos, defendendo o federalismo que garante a autonomia dos sindicatos e a ação direta sem intermediários. (...) A necessidade da afirmação da identidade anarquista alinha-se, assim, em duas direções: frente às classes dominantes, como ideologia de classe e frente aos partidos operários, como estratégia sindical que garanta sua autonomia.¹⁴³

Em sua obra *História das ideias socialistas no Brasil*, ao analisar o cenário histórico das diversas tendências socialistas nos primeiros anos do século XX em nosso país, o filósofo Leandro Konder fez a seguinte avaliação:

O campo dos socialistas libertários era mais extenso e mais complicado que o dos social-democratas. Os anarquistas “puros” não só recusavam a política partidária como desconfiavam da política sindical: queriam se concentrar na pregação doutrinária e na chamada “ação direta” (atos de repercussão, que não poderiam ser corrompidos pelas instituições “burguesas” e abalariam a opinião pública, sacudindo os espíritos e alertando-os para a gravidade dos problemas). Já os anarcossindicalistas mergulhavam fundo na movimentação dos grupos de trabalhadores que se organizavam em bases sindicais. Os socialistas libertários, em geral, desenvolveram uma atividade apaixonada na difusão de suas ideias, através da imprensa (pequenos jornais), por meio de discursos e palestras e de atitudes exemplares (de coragem e desprendimento).¹⁴⁴

As classes dominantes foram, ao longo das primeiras décadas do século XX, organizando e desenvolvendo meios para reprimir as atividades dos trabalhadores mais atuantes. Esta repressão abateu-se amplamente sobre diversos organismos e veículos de comunicação e organização da classe, inclusive, sobre as escolas criadas pelos trabalhadores, além de seus jornais e editoras. Era grande a importância da comunicação

¹⁴² AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. p. 236.

¹⁴³ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. p. 53.

¹⁴⁴ KONDER, Leandro. *História das ideias socialistas no Brasil*. São Paulo, Expressão Popular, 2003.

das ideias de liberdade entre os trabalhadores e das formas que estes encontravam para sua divulgação e esclarecimento:

Com o objetivo de propagar seus ideais e reafirmar sua identidade libertária, garantindo sua continuidade enquanto movimento social, os anarquistas criaram uma série de formas de ação que tinham na cultura, na educação e no lazer os principais instrumentos de propaganda doutrinária. Dentre as formas de atuação libertária, podemos citar: Ateneus e Escolas Modernas; Centros de cultura e grupos de estudo; Grupos de ensino do esperanto; Grupos de jovens; Grupos de propaganda e agitação; Grupos editores de jornais; Editora e distribuidora de livros; Grupos de teatro amador; Ligas Anticlericais; Federações e comitês.¹⁴⁵

Como verificado, portanto, o crescimento e fortalecimento do movimento operário nacional e das lutas dos trabalhadores brasileiros por melhoria de vida, foram acompanhados, concomitantemente, por um aumento da repressão a este movimento. Como consequência da Primeira Guerra Mundial, a carestia de vida (muito divulgada e atacada pela imprensa operária da época) e o crescimento da produção nacional foram fatores que ajudaram a aumentar a força e tamanho do movimento operário no Brasil, especialmente após 1917, em São Paulo e no Rio de Janeiro.¹⁴⁶

A efervescência do ano de 1917 foi bastante explorada pelos anarquistas e sindicalistas de variadas correntes para mobilizar a classe trabalhadora. A carestia de vida, os baixos salários e as péssimas condições de trabalho foram fatores decisivos na agitação que movia o operariado naqueles dias, fazendo com que um número cada vez maior de trabalhadores aderissem às proposições defendidas pelos libertários nos sindicatos e através dos diversos jornais dos trabalhadores.¹⁴⁷

A agitação em 1917 acabou gerando uma greve generalizada, que também veio a fortalecer o papel de liderança dos sindicatos. Outro fator de motivação para o otimismo do operariado nacional foram os acontecimentos do período da Revolução Russa. Inspirados nos fatos ocorridos na Rússia, os trabalhadores brasileiros sonhavam com a derrubada do Estado burguês e a criação de um “Soviete” nacional. Tendo como base os eventos que se desenrolavam na Rússia, a classe trabalhadora brasileira almejava criar uma aliança entre operários e soldados. Em 1918, alguns dos mais destacados militantes libertários da época

¹⁴⁵ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. p 134.

¹⁴⁶ CAMPOS, Cristina Hebling. *O Sonhar Libertário: o movimento operário nos anos de 1917 a 1920*. 1983. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983, p. 27-28.

¹⁴⁷ SAMIS, Alexandre. *Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. [S.I.:s.n.], [20--]. Disponível em: <<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2013/01/alexandre-samis-sindicalismo-e-anarquismo-no-brasil.pdf>>.

encabeçavam o planejamento das estratégias revolucionárias para alcançar este objetivo, entre eles José Oiticica, Astrojildo Pereira, Manuel Campos e Carlos Dias, dentre outros.¹⁴⁸ Esta tentativa, porém, não conseguiu o resultado planejado. Ao contrário, a insurreição foi desbaratada graças à ação de Jorge Elias Ajus, tenente do Exército infiltrado no movimento. O militar forneceu informações sobre as ações do grupo ao chefe da Polícia Aurelino Leal, que conseguiu prender as lideranças do movimento no escritório de José Oiticica.¹⁴⁹ A greve geral pretendida acabou acontecendo, mas somente de forma parcial, em algumas fábricas do Distrito Federal, tendo sido enfraquecida pelas forças de repressão, graças ao conhecimento que estas haviam obtido sobre sua estratégia. Uma consequência bastante negativa foi o aumento gradativo da repressão policial pelo Estado até o mês de dezembro, em que dissolveu por decreto a União Geral dos Trabalhadores (UGT).¹⁵⁰

Em 1918, com a suspensão do “estado de sítio” e animados pelas notícias que chegavam da Rússia revolucionária, alguns militantes criaram o Partido Comunista do Brasil, de viés libertário, aberto a anarquistas, socialistas e comunistas.¹⁵¹ O Partido Comunista do Brasil encarregou-se dos preparativos para comemoração do 1º de maio e da organização de uma Conferência Comunista, em junho daquele ano. O mesmo grupo foi responsável pela criação do periódico *Spártacus*, órgão de propaganda do partido, onde viria a atuar o renomado professor e intelectual José Oiticica.¹⁵²

O ano seguinte, 1919, foi de grande agitação para o movimento operário no Brasil. No Rio de Janeiro, houve manifestações tanto pela redução da jornada de trabalho para oito horas, quanto em apoio aos trabalhadores da Rússia, Hungria e Alemanha e contra as intervenções nestes países.¹⁵³ Ao longo do ano, diversas greves também aconteceram no antigo Distrito Federal e uma segunda grande insurreição teria sido planejada para o segundo semestre de 1919, com uma amplitude maior, visando articular Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco.¹⁵⁴

¹⁴⁸ ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora Ltda, 1986, p 172.

¹⁴⁹ FERNANDES, André Santoro. *Um “libertário irreduzível”: a militância anarquista de José Oiticica no periódico carioca Spártacus (1919-1920)*. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Universidade Federal de São Paulo, 2016, p. 37.

¹⁵⁰ ADDOR, Carlos Augusto. *Op. cit.*, p. 173-174.

¹⁵¹ DULLES, J. W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 – 1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973, p. 71-72.

¹⁵² FERNANDES, André Santoro. *Op. cit.* p. 38.

¹⁵³ CAMPOS, Cristina Hebling, *Op. cit.* p. 56.

Graças à intensa organização do movimento operário naquele ano, algumas conquistas foram obtidas, como a concessão da redução da jornada de trabalho por algumas empresas, como o Centro de Comércio de Café e a Light.¹⁵⁵ Tais resultados, bem como o fortalecimento do movimento operário, levaram os trabalhadores a sonhar com maiores conquistas, até alcançar uma grande Revolução Social. No entanto, ao mesmo tempo em que crescia a força dos operários, crescia concomitantemente a capacidade de organização e intensificação das forças de repressão. Segundo Gigi Damiani, um importante anarquista italiano de São Paulo, o fracasso do movimento foi devido ao acidente que resultou na explosão de uma bomba na casa de um militante, no bairro do Brás, em São Paulo, tendo causado a morte de quatro pessoas. A polícia acusou os mortos de estarem envolvidos no planejamento de uma insurreição revolucionária. Verdadeira ou não, esta alegação serviu ao governo como pretexto para um aumento da repressão ao operariado. Um de seus efeitos mais importantes foi o endurecimento da Lei Adolfo Gordo.¹⁵⁶ Outra consequência do aumento da repressão, além de dificuldades financeiras, foi o fechamento do jornal *Spártacus*, onde o intelectual anarquista José Oiticica atuava intensamente.¹⁵⁷

A intensidade da repressão ao operariado a partir de 1919 foi crescendo paulatinamente, acarretando maiores dificuldades para a articulação revolucionária e levando a questionamentos a respeito dos métodos de ação dos militantes.¹⁵⁸

Em 1920, os militantes anarquistas no Rio de Janeiro criaram a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (FTRJ), sucessora da UGT. Outra realização alcançada foi o III Congresso Operário. Entretanto, a partir desta década que se iniciava os militantes anarquistas brasileiros, teriam que lidar com dois novos fatores que viriam a debilitar sua organização: os adeptos do comunismo da linha bolchevista, que viriam a crescer paulatinamente em número, agravando uma cisão no interior do movimento operário e diminuindo as fileiras anarquistas, e também o movimento conhecido como Tenentismo.¹⁵⁹

O aumento da repressão aos militantes anarquistas a partir de 1921 resultou em mais prisões, violência e degredo. O presidente Artur Bernardes, entre 1923 e 1926,

¹⁵⁴ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. 2009. Tese de Doutorado em História - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1142.pdf>>, pp. 123-127.

¹⁵⁵ CAMPOS, Cristina Hebling, Op. cit. p. 61

¹⁵⁶ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de, Op. cit. pp. 124-125.

¹⁵⁷ FERNANDES, André Santoro. Op. cit. p. 39.

¹⁵⁸ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de, Op. cit., p. 127.

¹⁵⁹ FERNANDES, André Santoro. Op. cit. p. 39.

governou sob permanente “estado de sítio”, ordenando o fechamento de jornais da imprensa operária e organizações de trabalhadores. A violência da repressão acarretou a morte de alguns militantes e a deportação de outros para a colônia agrícola de Clevelândia, no Oiapoque.¹⁶⁰

O levante tenentista de 5 de julho de 1924 em São Paulo foi outro motivo para que Artur Bernardes aumentasse a repressão aos opositores do governo, perseguindo e prendendo indiscriminadamente quaisquer militantes, anarquistas ou não.¹⁶¹

A mudança de governo no Brasil não significou um alívio na repressão ao movimento operário em geral e aos anarquistas, em particular. Ao contrário, em 1927, o novo presidente, Washington Luis promulgou a chamada Lei Celerada (Decreto n. 5221, de 12 de agosto), que ditava o fechamento de "agremiações, sindicatos, centros ou sociedades" que perpetrassem greves ou atentassem contra a "ordem, moralidade e segurança públicas" vedando-lhes a propaganda e suspendendo os órgãos de publicidade.¹⁶²

O período entre 1927 e 1937 foi marcado por três movimentos revolucionários (1930, 1932 e 1935), nos quais a participação dos anarquistas foi reduzida, apesar de haver simpatia e até algum apoio em relação aos revolucionários.¹⁶³

O fator mais grave a atingir o movimento operário, de fato, foi a repressão policial, que se tornou mais acentuada em virtude da Lei Celerada, assinada em agosto de 1927, e do estado de sítio que sucedeu ao levante de 1935. No entanto, desde dezembro de 1924, com a criação do DOPS, em São Paulo, os instrumentos de controle e repressão foram se aprimorando, combinando a vigilância de sindicatos e manifestações operárias com o recurso à força na dispersão de comícios e manifestações grevistas, prisões, degredos e deportações.¹⁶⁴ A Lei Celerada, de 1927, vigorou até 1930, desmobilizando os sindicatos anarquistas, que não encontravam alternativas de ação diante do fortalecimento das esferas de poder que passaram a interferir e controlar o espaço sindical.¹⁶⁵

¹⁶⁰ SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo / Rio de Janeiro: Imaginário / Achiamé, 2002.

¹⁶¹ SAMIS, Alexandre. Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos. In: **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 99.

¹⁶² FERNANDES, André Santoro. Op. cit. p. 40.

¹⁶³ SISINNO, Paulo. Trabalho de final de curso: “Tópicos Especiais: Estado Novo – Política e Ideologia: A repressão aos anarquistas nos primeiros anos da Era Vargas”. Curso de Mestrado em História. Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ. 2014, p. 3.

¹⁶⁴ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. p. 47.

De acordo com Azevedo, a atitude dos anarquistas frente à Revolução de 30, de modo semelhante ao que ocorrera diante da rebelião tenentista em 1924 e também da Revolução Constitucionalista de 1932, apresentava-se inicialmente como uma reação de indiferença. Devido ao caráter político-partidário desses acontecimentos, os anarquistas, que se afirmavam como apolíticos, viam uma simples troca de governantes que não afetaria a condição operária. Havia, porém, certa ambiguidade quando, acompanhando parcelas da população, apoiavam com entusiasmo a mudança social ao mesmo tempo em que se rejeitava um apoio militante, como foi avaliado pelo jornal *O Trabalhador*, órgão da Federação Operária de São Paulo. Por outro lado, Edgar Leuenroth, em seu livro *Anarquismo: roteiro de libertação nacional*, afirma que os anarquistas tiveram participação ativa nos movimentos de caráter revolucionário de 1924, 1930 e 1932, realizando reuniões e lançando manifestos aos revolucionários e à população.¹⁶⁶

Após a vitória da revolução da Aliança Liberal em 1930, o movimento operário ganhou novo ânimo e deflagrou greves em São Paulo, reivindicando a reposição dos descontos salariais impostos por causa da crise econômica. Por outro lado, ao mesmo tempo em que lançava a nova legislação trabalhista, o novo governo continuava a reprimir a imprensa e as manifestações operárias. Assim, enquanto pretendia atrair o operariado nacional com o oferecimento de benefícios sociais por meio da recém lançada Legislação Trabalhista, o Estado também renovava sua prática de controle e repressão dos trabalhadores, visando ao enfraquecimento dos grupos opositores, principalmente os anarquistas e comunistas.¹⁶⁷

Em março de 1935 foi fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma ampla frente democrática para contrapor-se ao crescente autoritarismo do governo de Getúlio Vargas. Esta aliança conseguiu reunir militantes de diversas tendências: comunistas, socialistas, anarquistas, trotskistas e tenentistas, entre outros. Os anarquistas, após várias considerações de princípios quanto ao caráter político do movimento, decidiram aderir à Aliança em maio, também motivados pela anunciada aprovação da Lei de Segurança Nacional pelo governo varguista. Após a tentativa de um levante revolucionário organizado pela ANL, seguiu-se durante todo o ano de 1936 uma intensa perseguição às organizações operárias e políticas, que atingiu uma dimensão nunca antes alcançada, resultando em um elevado número de prisioneiros.

¹⁶⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão - A revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 109.

¹⁶⁶ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. pp. 58-59.

¹⁶⁷ SISINNO, Paulo, op. cit. p. 4.

Navios e fábricas foram improvisados para abrigá-los. Muitos anarquistas, acusados de bolchevismo, eram presos e deportados, sendo suas associações fechadas. Eram permitidas apenas as atividades dos sindicatos oficiais ou daqueles que não estiveram envolvidos com o levante.¹⁶⁸

O progressivo enfraquecimento do movimento anarquista, que levou ao seu quase completo desaparecimento nos anos 30 e seguintes, deveu-se à conjunção de vários fatores importantes. Entre eles, podemos citar a concorrência com outras tendências que atuavam no movimento sindical e trabalhista, como os comunistas bolchevistas e socialistas de outras vertentes. Outro fator que deve ser considerado é a crescente ingerência do Estado na organização operária, através da regulamentação sindical sob seu controle e dos benefícios oferecidos em troca dessa tutela. Por último, e sem qualquer dúvida, um fator preponderante foi a intensificação da repressão, que foi aperfeiçoada com o recurso à vigilância e à violência, o recurso a prisões, torturas, deportações e censura para coibir os sindicatos independentes. Essas medidas repressivas atingiram seu auge após o Levante de 1935 e a implantação do chamado Estado Novo de Getúlio Vargas, que abateu-se fortemente sobre todas as correntes sindicais avessas ao atrelamento estatal, especialmente aquelas lideradas pelos anarquistas.¹⁶⁹ Esta forte repressão, que vinha intensificando-se progressivamente desde os governos de Artur Bernardes e Washington Luis, só fez aumentar durante o regime de Vargas, conseguindo praticamente estrangular os grupos militantes oposicionistas, entre eles os anarquistas e suas diversas atividades, organizativas, literárias, jornalísticas e educacionais, como as Escolas Modernas.

A importância da educação e cultura na organização da classe operária

Na luta libertária, era enfatizada a necessidade da transformação do ser humano, desde o nascimento e as primeiras letras, para a criação de uma nova sociedade. O ensino de adultos deveria ser proporcionado pelas Escolas Modernas, pelos Ateneus e Centros de Cultura que, como já vimos, ofereceriam cursos noturnos de conhecimentos gerais ou ciclos de palestras acerca das doutrinas sociais. Por iniciativa própria, seriam formados pequenos grupos de estudo. Os cursos de esperanto constituíam outro traço

¹⁶⁸ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. pp. 70-71.

¹⁶⁹ SISINNO, Paulo, op. cit. p. 5.

característico da cultura libertária que via nessa língua uma afirmação de seu internacionalismo.

Segundo Azevedo, os objetivos da “agremiação” de cultura moral, social, filosófica e ideológica” eram a difusão do conhecimento considerado base fundamental para a transformação do indivíduo, visando a revolução social. A irradiação do ideal anarquista estava assim imbricada com a “cultura geral”. Propunha-se o conhecimento de todas as modernas teorias sociológicas, das manifestações artísticas e literárias e das ciências, tendo entretanto, a primazia o tema das questões sociais, sendo as aulas ministradas por professores ou estudantes voluntários. Também se propunha o conhecimento das diferentes correntes revolucionárias, de todas as vertentes, avaliando-se seus pontos positivos e negativos.

Quanto aos meios utilizados para a difusão do conhecimento e da propaganda libertária, as associações serviam-se de atividades bastante variadas, retomando suas práticas das décadas anteriores. Analisando jornais e folhetos anarquistas da época, como *A Lanterna* e *A Plebe*, podemos destacar entre esses recursos:

- a. reuniões e assembléias de associados;
- b. palestras e conferências públicas;
- c. leituras coletivas e comentadas;
- d. cursos de aperfeiçoamento cultural e intelectual;
- e. debates orais sobre teses escritas;
- f. festivais ou “veladas” de Arte e Cultura;
- g. apresentações teatrais de dramas ou comédias de propaganda social;
- h. saraus literários e artísticos;
- i. excursões de recreio e propaganda;
- j. piqueniques populares;
- k. cômicos e atos públicos de protesto ou comemoração;
- l. campanhas de agitação pelos bairros e cidades;
- m. rifas, leilões e quermesses.¹⁷⁰

O Centro de Estudos Sociais de Santos, fundado em junho de 1935, reunindo intelectuais, operários, estudantes e empregados, elaborou cursos de História, Economia Política, Sociologia, Psicanálise e Filosofia, visando a auto-educação através do contato

¹⁷⁰ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. p. 145.

com a cultura científico-filosófica que permitiria a cada indivíduo extrair conclusões próprias.

Considerados os casos expostos, Raquel de Azevedo conclui que a arte e a educação eram, assim, elementos essenciais para a formação do indivíduo e para a propagação dos ideais libertários.¹⁷¹ A intensificação da propaganda através dos grupos e sindicatos que adotavam a proposta libertária, tendo por eixo suas múltiplas expressões culturais, constituíam uma forma de resistência frente às transformações da sociedade e à difusão de ideologias que competiam com a prática libertária.

O professor José Damiro de Moraes é uma importante referência quando se trata do tema da educação e trabalho a partir da ótica anarquista. Segundo ele, na Primeira República, os anarquistas procuraram criar condições para transformar a sociedade rumo a uma organização societária de bases libertárias e socialistas através de diversas práticas e ações. O sindicalismo revolucionário, as campanhas de boicotes e as greves agitaram o Brasil com estrangeiros e brasileiros juntos em torno de um ideal: a anarquia. Mas não ficaram restritos apenas a esse campo. A educação foi outro espaço de atuação entendida como uma importante alavanca para chegar à transformação social e, principalmente, à sua conservação.¹⁷²

A educação dos operários e de seus filhos, no Brasil, recebeu assim uma grande contribuição dos anarquistas no final do século XIX e início do século XX. Nesses anos, a presença anarquista cresceu e concretizou-se na organização de sindicatos e federações, embora houvesse diferenças nas linhas e tendências do movimento anarquista à época. Segundo Valladares, os libertários brasileiros estavam divididos em duas tendências mais importantes: o anarco-comunismo e o anarco-sindicalismo. O anarco-sindicalismo era, no começo do século XX, a força política preponderante entre os trabalhadores urbanos de São Paulo e do Rio de Janeiro.¹⁷³

As divergências entre as duas correntes libertárias no Brasil ficaram restritas ao âmbito das discussões teóricas, realizadas na imprensa, em conferências, em grupos de estudos. Segundo Sílvia Magnani, a base teórica dos anarco-sindicalistas, de maneira geral, coincidia com a dos anarco-comunistas. Ambos tinham a mesma concepção da sociedade capitalista e do Estado. As diferenças apareciam em relação à concepção da

¹⁷¹ AZEVEDO, Raquel de. Op. cit. p. 159.

¹⁷² GALLO, Silvio; MORAES, José Damiro de. *Anarquismo e educação – a educação libertária na Primeira República*. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.) *História e memória da educação no Brasil, Vol. III*: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

¹⁷³ VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e anticlericalismo*. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 36.

organização das massas dos trabalhadores e às formas de luta anticapitalista. Nos momentos de agitação e confronto, os militantes das duas correntes colaboravam efetivamente. Todos se consideravam anarquistas e revolucionários. Porém, nos momentos de descenso do movimento operário, era comum as divergências ficarem mais exacerbadas e os artigos explicitando as posições de cada corrente ocuparem maior espaço na imprensa libertária.¹⁷⁴

O anarco-sindicalismo procurava compatibilizar a ação reivindicativa diária com o objetivo final, que é promover a revolução. Para os sindicalistas revolucionários a greve é um meio de luta e não um fim. Através dela podem ser atendidas algumas de suas reivindicações imediatas. Porém, não se pode perder de vista que a meta final é a emancipação completa do homem. A greve generalizada, ao paralisar completamente o trabalho, impossibilitaria o funcionamento da sociedade burguesa e levaria à guerra civil e à revolução. A greve geral não seria liderada por um partido político, mas pela massa dos trabalhadores, via ação direta.¹⁷⁵

Entretanto, como registra Valladares, a pluralidade e heterogeneidade de posicionamentos continuou muito grande. Para outros grupos libertários, a ideia de atuação em sindicatos era vista com irreprimível desconfiança. Kropotkin acreditava que a participação dos anarquistas nos sindicatos já era uma concessão. O sindicalismo apresentava grave limitação, atingindo apenas uma parte da sociedade. Para assegurar a vitória da Revolução social era necessário criar “consciências revolucionárias” em todas as parcelas da população.¹⁷⁶

Samis esclarece que, se é bem verdade que sindicalismo revolucionário não é sinônimo de anarco-sindicalismo, fenômeno com especificidades históricas ligadas a determinados países; não é menos verdadeira a conclusão de que todos os movimentos na Europa e Américas, nos quais estiveram envolvidos anarquistas, partiram de premissas estabelecidas no campo teórico do sindicalismo revolucionário.¹⁷⁷

Apesar das divergências entre suas linhas, o movimento anarquista acabou por criar a Confederação Operária Brasileira (COB) em 1906 – entidade importante na luta por melhores condições de trabalho como a diminuição da jornada de oito horas, fim do trabalho infantil e do trabalho noturno para mulheres, entre outros. Em seus três

¹⁷⁴ MAGNANI, Sílvia Lang. O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917). São Paulo, Ed. Brasiliense. 1982, p. 58.

¹⁷⁵ SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcossindicalismo*. São Paulo: Ed. Ática, 1987, p. 28.

¹⁷⁶ VALLADARES, Eduardo. Op. cit. p. 35.

¹⁷⁷ SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil. *O anarquismo no Brasil*. In: *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004.

congressos (1906, 1913 e 1920) a temática educacional esteve presente com recomendações, incentivos e moções de apoio às iniciativas pedagógicas.¹⁷⁸

Moraes recorda que as críticas anarquistas dirigiam-se às escolas do período, tanto pela dificuldade de acesso das camadas populares como pelo seu conteúdo, entendido como castrador e obsoleto. Se, por um lado, as escolas eram poucas e atendiam apenas uma parcela da população, por outro, os conteúdos eram dogmáticos, de caráter nacionalista, marcados por preconceitos e longe de uma postura científica e esclarecedora da realidade reclamada pelos libertários. Com esse espírito, a criação de escolas por militantes anarquistas tornou-se uma constante no Brasil. Algumas com duração efêmera, outras, com um fôlego maior, que só foi extinto com a repressão e o controle maior do Estado sobre a educação a partir dos anos 20.

É preciso recordar que um dos principais nomes do anarquismo no Brasil, José Oiticica (1882-1957) não só era jornalista e escritor, como também professor. Nascido em Minas Gerais, formou-se em Direito em 1902, tendo também cursado Medicina até o terceiro ano. Em 1906, fundou o Colégio Latino Americano no Leme (RJ), onde aplicava métodos pedagógicos avançados, da francesa École des Roches, de Demoulin. José Oiticica aproximou-se gradualmente das ideias progressistas e, em 1912, publicou no jornal anticlerical *A Lanterna*, de São Paulo, um vibrante artigo onde se declarava anarquista.¹⁷⁹ A partir deste momento, Oiticica começou a colaborar ativamente com a imprensa operária e anarquista da época, sendo também uma presença frequente no Centro de Estudos Sociais e nas reuniões anarquistas, destacando-se como um dos mais ativos e capazes militantes do movimento anarquista brasileiro. Por causa de sua colaboração com o sindicalismo revolucionário, José Oiticica foi preso em 1918, acusado de ser um dos responsáveis pela Greve Geral Insurrecional, sendo deportado e confinado em Alagoas. Em 1924, foi preso novamente por sua militância, e voltou à prisão durante o regime autoritário do Estado Novo de Getúlio Vargas.¹⁸⁰

Deste brilhante intelectual e professor, destacamos a seguir um trecho de seu livro *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, escrito em 1925, após ter sido liberado do encarceramento nas ilhas das Flores e do Bom Jesus, onde esteve preso devido às suas atividades de militante anarquista.

¹⁷⁸ MORAES, José Damiro de. *Pensamento educacional anarquista no Brasil: uma introdução histórica*. In: *Educação Libertária*. São Paulo: Imaginário, n. 1, p. 101 – 106, 3º quadrimestre 2006.

¹⁷⁹ RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro. Ed. Lammert. 1969, p. 313.

¹⁸⁰ OITICICA, José. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. 5ª. Edição. Rio de Janeiro. Ed. Achiamé. 2006, p. 12.

Compreende-se que, para os possuidores, é de toda a importância manter os cidadãos, mormente os trabalhadores proletários, com tal mentalidade, que aceitem sem revolta, e defendam, convencidos, o regime social vigente. Por isso, o Estado Assume as funções de pedagogo, sobretudo das classes primárias, do povo.

Outro motivo dessa função é a necessidade de formar, para a complicada indústria moderna, operários suficientemente instruídos.

Essa instrução, aliás, embora tendenciosa, vigiada, tem sido a verdadeira arma contrária ao capitalismo, porque facilita a propaganda libertária, podendo os proletários ler os folhetos, livros e jornais anarquistas, compreender os fatos reais da vida e a escravidão do salariado.¹⁸¹

Comprovando seu entendimento da qualidade libertadora e civilizadora da atividade do ensino, José Oiticica considerava que “não há educação que não possa tornar o homem irmão do seu irmão num meio social em que a concorrência econômica o induz a ser concorrente do seu irmão, seu adversário comercial ou político.”¹⁸²

Também é obrigatória a lembrança de João Penteadó, educador, anarquista e espírita. Nascido em 1877 em Jaú, interior de São Paulo, onde obteve sua formação primária, ele prosseguiu seus estudos como autodidata, tornando-se enfim um dos nomes mais importantes ligados à experiência da educação libertária no Brasil. Além de educador, João Penteadó também atuou intensamente na imprensa libertária no Brasil. A partir de 1910, ele foi autor de diversos textos publicados nos jornais anarquistas e operários da época, como *A Lanterna*, *A Terra Livre*, *A Vida*, *A Rebelião* e *A Guerra Social*. João Penteadó também publicou livros, entre eles *Pioneiros do Magistério Primário*, de 1944.¹⁸³

Enfim, qualquer lista que relacione os principais nomes dos intelectuais e professores ligados às atividades educacionais libertárias no Brasil precisa incluir o nome de Maria Lacerda de Moura. A professora nascida em Minas Gerais em 1887 foi também colaboradora na imprensa operária e libertária, conferencista, poeta e feminista. Atribuía muito valor à educação como instrumento de libertação e, por isso, chegou a fundar uma Liga Contra o Analfabetismo, além de dar aulas gratuitas. Moura, porém, acreditava que a luta contra o analfabetismo ainda era um passo pequeno, pois era preciso uma mudança mais profunda: uma verdadeira revolução social. Em coerência

¹⁸¹ OITICICA, José. Op. cit. 2006, p. 52.

¹⁸² OITICICA, José. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. Econômica editorial. São Paulo, 1983, p. 62.

¹⁸³ VIDIGAL MORAES, Carmen Sylvia e ACCIOLY E SILVA, Doris. Op. cit., p. 11.

com as ideias de muitos grandes filósofos e pensadores libertários de todo o mundo, ela também acreditava que o sistema educacional moldava a personalidade das pessoas, forçando-as a abdicar de sua vontade individual, para se adaptar à ordem estabelecida e aos interesses do Estado e das classes dominantes. Maria Lacerda de Moura escreveu vários livros sobre educação, especialmente sobre a relação entre educação e emancipação da mulher. Ela também escreveu artigos para o jornal *A Plebe*, participou da Liga Anticlerical e ajudou a fundar a Federação Internacional da Mulher e o Comitê das Mulheres Anti-Guerra, com sede em São Paulo. Com a instalação do regime do Estado Novo de Vargas ela foi proibida de lecionar na rede pública de ensino, pois era considerada um elemento perigoso. Em 1938, morando no Rio de Janeiro, passou a dar palestras sobre educação e temas libertários. Maria Lacerda de Moura faleceu em 1944.

184

Escolas Modernas fundadas por anarquistas no Brasil

Identificamos experiências escolares a partir de 1895, como a Escola União Operária no Rio Grande do Sul. Posteriormente, outras escolas foram fundadas pelo país: Escola Eliseu Reclus (1906), que indica ser uma continuação da Escola União Operária, também do estado gaúcho; Escola Germinal (1906) no Ceará; Escola Libertária Germinal, em São Paulo (SP) (1902); Escola Sociedade Internacional, em Santos (SP) (1904); Escola da União Operária de Franca (SP) (1906); Escola Noturna, em Santos (SP) (1907); Escola Social da Liga Operária de Campinas (SP) (1907); Escola da Liga Operária de Sorocaba (SP) (1911); Escola Moderna, em São Caetano (SP) (1918); Escolas Modernas n.º 1 e n.º 2 (1912), em São Paulo; Universidade Nova anexa à Escola Nova (1915) e a Universidade Popular Presidente Roosevelt (1946), ambas em São Paulo.¹⁸⁵

No Rio de Janeiro, destacamos a Liga Operária de Instrução Popular (1909) com sede no Encantado; Escola Operária 1.º De maio (1912) em Vila Isabel, transferida, posteriormente, para Olaria; a Nova Escola (1920); as Escolas Profissionais fundadas pela União Operária das Fábricas de Tecido (1902); e a Universidade Popular de Ensino Livre (1904); em Petrópolis, a Escola Moderna (1913) e a Escola Livre (1920) dos operários da indústria têxtil; em Niterói, a Escola da Liga da Construção Civil (1921).¹⁸⁶

¹⁸⁴ CALSAVARA, Tatiana da Silva, op. cit. p.111.

¹⁸⁵ GALLO, Silvio; MORAES, José Damiro de. *Anarquismo e educação – a educação libertária na Primeira República*. Op. cit. p. 238.

¹⁸⁶ GALLO, Silvio; MORAES, José Damiro de. *Anarquismo e educação – a educação libertária na Primeira República*. Op. cit. p. 238.

Experiência interessante e muito rica, embora de curta duração, foi a da Universidade Popular no Rio de Janeiro, estudada pelo Milton Lopes. Ele afirma de início que, para que se entenda o contexto em que surge a Universidade Popular de Ensino Livre, no Rio de Janeiro de 1904, é preciso descrever a situação contemporânea do movimento anarquista na cidade. Comprovadamente presentes desde o início da última década do século XIX, os anarquistas dão demonstrações de influência sobre o proletariado a partir de 1903, ano em que se verificam pelo menos duas grandes greves, paralisando importantes categorias operárias. Nos anos anteriores, os libertários desenvolvem lento e pertinaz trabalho de conscientização e organização do proletariado fluminense.¹⁸⁷

No mesmo trabalho, ele afirma que o primeiro jornal anarquista a circular no Rio, *O Despertar*, em sua edição de 3 de dezembro de 1898 propunha, tímida e genericamente, como “tática conveniente” para os anarquistas, a propaganda e a criação de um centro de estudos sociais. (...) Menos de um ano depois, *O Protesto* noticia a fundação da Federação dos Trabalhadores e o aumento da tiragem, de 1.000 para 1.500 exemplares.¹⁸⁸

Assim, o movimento operário vai adquirindo maior combatividade. O Rio de Janeiro de 1903, em termos de movimento social, ultrapassara a situação de São Paulo, no final do século XIX/início do XX, descrita por Everardo Dias com “salões exíguos, pobres de ornamentos, escuros, com algumas cadeiras e bancos toscos, pequena mesa ao fundo, poucos concorrentes. Mas os oradores falavam com ardor e entusiasmo. Interrompidos às vezes por vibrantes aplausos”.¹⁸⁹ É neste momento e em tais espaços que irá ocorrer um fato essencial ao surgimento da Universidade Popular. Segundo o mesmo Everardo Dias: “mistura de alguns letrados com operários, a cultura harmonizando-se com as fainas manuais. Início, que servia de incitamento aos primeiros para entrar em contato íntimo e fecundo com os de baixo (*sic*) e a estes para reconhecer a validade da função intelectual.”¹⁹⁰

¹⁸⁷ LOPES, Milton. A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro, in DEMINICIS, Rafael Borges; AARÃO REIS FILHO, Daniel (org.). **História do Anarquismo no Brasil**, vol. 1. Niterói/ Rio de Janeiro: EdUFF/MAUAD, 2006.

¹⁸⁸ LOPES, Milton. Op. cit. p. 204.

¹⁸⁹ DIAS, Everardo Dias. 1977, p. 15. In LOPES, Milton. A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro, in DEMINICIS, Rafael Borges; AARÃO REIS FILHO, Daniel (org.). **História do Anarquismo no Brasil**, vol. 1. Niterói/ Rio de Janeiro: EdUFF/MAUAD, 2006.

¹⁹⁰ LOPES, Milton. Op. cit. p. 206.

Os intelectuais também se fazem presentes na imprensa operária e anarquista. Para o sucesso da greve dos estivadores, muito havia contribuído o já citado jornal *A Greve*, lançado em maio de 1903, sob a direção, em seus dois primeiros números, de Elísio de Carvalho, e a partir do terceiro, de Pausílipo da Fonseca. Em outubro, Elísio lançou *O Trabalhador*, com idêntica orientação anarquista.¹⁹¹

Em resposta a toda esta movimentação, logo no início de 1904, os patrões e o governo fizeram o Congresso aprovar, em primeira votação, a lei Adolfo Gordo, cujo principal objetivo era “impedir a formação de organizações operárias e movimentos grevistas, dando para isso, poderes especiais à polícia.”¹⁹²

Com o intuito de ilustrar os acontecimentos históricos que ajudaram a criar a experiência da Universidade Popular, o jornalista Milton Lopes, em seu artigo sobre esta experiência pedagógica, prossegue na descrição das características do movimento anarquista à época. Ele relata:

No início do século XX, como reflexo à maré montante do movimento operário, e atraídos pela filosofia, ideologia e cultura anarquistas, juntam-se às suas fileiras militantes intelectuais, oriundos das classes médias. Participantes das campanhas abolicionista e republicana, nos últimos dias do Império, e das guerras civis que sacudiram o país durante a década de 1890, tendo lutado sob a liderança de Floriano, pela consolidação da república jacobina, vêem agora que o regime recém-implantado não corresponde ao que haviam sonhado, e que novas e terríveis formas de escravidão surgiam em meio ao cenário caótico dos primeiros tempos da industrialização, num país ainda dominado pelo latifúndio, e a economia, pela exportação, com uma constituição liberal democrata copiada dos Estados Unidos, mas apenas de fachada. Alguns dos que se aproximam possuem este perfil: o advogado e jornalista paulista Benjamim Mota (1870-1940); o farmacêutico e escritor mineiro Avelino Foscolo (1864-1944); o escritor e funcionário da Secretaria da Guerra, colega e amigo de Lima Barreto, Domingos Ribeiro Filho (1875-1938); e o jornalista e escritor Pausílipo da Fonseca (1879-1934). Dos participantes da experiência da Universidade Popular, aquele que mais corresponderá a estas características será o médico e escritor baiano Fábio Luz (1864-1938).¹⁹³

¹⁹¹ RODRIGUES, Edgar. 1969. p. 77. In LOPES, Milton. *A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro*, in DEMINICIS, Rafael Borges; AARÃO REIS FILHO, Daniel (org.). **História do Anarquismo no Brasil, vol. 1**. Niterói/ Rio de Janeiro: EdUFF/MAUAD, 2006.

¹⁹² RODRIGUES, Edgar. 1969. p. 4. In LOPES, Milton. *A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro*, in DEMINICIS, Rafael Borges; AARÃO REIS FILHO, Daniel (org.). **História do Anarquismo no Brasil, vol. 1**. Niterói/ Rio de Janeiro: EdUFF/MAUAD, 2006.

¹⁹³ LOPES, Milton. Op. cit. p. 207.

As Escolas Modernas na imprensa libertária do Brasil

Tão importante quanto a criação de espaços para educação e cultura era também a criação de veículos que pudessem divulgar as ideias e notícias relacionadas com os temas libertários. Esta relação pode ser comprovada através de inúmeros jornais, revistas, boletins e outras publicações editadas pelos anarquistas nas primeiras décadas do século vinte. Pesquisando estas fontes, encontramos também diversas menções às escolas libertárias, universidades livres e outros cursos criados e sustentados pelos anarquistas do início do século passado. Havia também muitos artigos escritos por colaboradores que eram também educadores e que lecionavam naquelas escolas. Um artigo publicado na revista mensal anarquista *A Vida*, escrito por João Penteadó, um dos principais pedagogos libertários brasileiros e um dos fundadores da Escola Moderna nº. 1 de São Paulo expõe alguns dos conceitos básicos que fundamentam a pedagogia libertária, o que justifica a longa citação:

As escolas, fontes alimentadoras das caudais de ideias que tão poderosamente influem no destino das sociedades humanas – devem, por certo, merecer a mais acurada, a mais cariciosa, a mais desvelada dedicação por parte dos reformadores sociais, dos que sonham um futuro diferente para a humanidade, - porque é nelas, justamente nelas, nos seus bancos e nos seus livros que se preparam as novas gerações, que fatalmente serão arrastadas para a felicidade ou para a desgraça, para o bem ou para o mal, para a liberdade ou para escravidão, para a paz ou para a guerra, para a vida ou para a morte, segundo o critério em que elas se baseiam, segundo o espírito bom ou mau que as anima e objetivo a que elas se destinam. É nelas que reside o segredo da força mantenedora dos preconceitos patrióticos, das convenções sociais, das superstições e dos dogmas religiosos. Daí, pois, a razão porque o Estado e Igreja disputam entre si a primazia no mister da instrução popular e têm as suas vistas constantemente voltadas para a questão do ensino procurando aumentar sempre e de maneira considerável as instituições destinadas à formação de mentalidades que melhor se adaptem à vida de degeneração e perversidade das sacristias e dos quartéis que à atmosfera sadia da liberdade e da felicidade resultantes da emancipação da consciência e do pensamento. Isto quer dizer que ambos, em sua arguta previsão, já imaginaram que não poderia haver mais hoje igrejas, nem conventos, nem casernas se não fora o árduo e incessante trabalho de suas inumeráveis escolas. É nelas que se amoldam, é nelas que se mutilam as consciências, que se atrofia a razão e se infiltram na alma da infância as mentiras patrióticas e religiosas. E por este motivo, só por este motivo, as escolas sempre mereceram e ainda merecem as mais fortes, as mais sérias preocupações da parte dos mais argutos e perspicazes chefes de nações e ministros religiosos, que se dão ao trabalho de monopolizar o ensino público para se precaverem contra o progresso das ideias novas que levam os trabalhadores à revolta, à luta,

à guerra contra todas as explorações do homem pelo homem, contra todas as injustiças, contra todos os privilégios sociais.” (...) ¹⁹⁴

No trecho ressaltado acima fica evidente a preocupação que os anarquistas sempre demonstraram em relação à educação e sua importância no processo de conscientização cívica e social. O movimento libertário sempre compreendeu a educação, muito mais do que apenas uma instrução formal, como uma ferramenta poderosa para a erradicação da ignorância, das crenças supersticiosas e dos preconceitos sociais. Entende-se, portanto, os enormes esforços que os trabalhadores mais conscientes, ativos e politizados fizeram para abrir escolas onde pudessem ensinar e por em prática os ideais libertários. No mesmo artigo do professor João Penteado, destacamos a seguir um excerto onde fica bem clara a importância das escolas racionalistas, ou libertárias, para os anarquistas no início do século XX:

É este, pois, se bem que modestamente, o trabalho que temos iniciado em S. Paulo e que precisa, de certo, da decidida boa vontade de todas as consciências livres, da cooperação de todos aqueles que sentem a verdadeira e urgente necessidade de se opor uma barreira a tanta degenerescência moral que se observa nos espíritos de nossos contemporâneos. (...) As escolas racionalistas serão o meio, e a transformação social o fim, de nossos atos, de nossa dedicação, de nosso esforço de hoje e de amanhã e de sempre, enquanto pudermos articular uma palavra, mover um passo, fazer um gesto enunciativo de força, de energia, de vida! As escolas racionalistas, as escolas livres, as escolas despidas de todos os prejuízos políticos, sociais e religiosos – eis o recurso mais eficaz, mais poderoso, mais praticamente realizável para a consecução do ideal luminoso, radiante de amor, de bondade e de justiça, que tenta reabilitar a humanidade para a vida de harmonia e de fraternidade que se nos afigura perto, muito perto, na perspectiva feliz e iluminada da cidade futura, em que seremos todos iguais, fortes e livres sobre a Terra livre. Aí então não haverá mais mendigos nem potentados, porque o homem, emancipado, de posse de todos os seus direitos, saberá tirar da nossa mãe Natureza o pão da alegria e o pão da vida. S. Paulo, 15 de dezembro de 1914. ¹⁹⁵

¹⁹⁴ PENTEADO, João. As escolas e sua influência, In *A Vida*, Órgão do Centro dos Operários das Pedreiras, RJ, n. 2, 31/12/1914, p. 8.

¹⁹⁵ PENTEADO, João. Idem, p. 8.

Um outro bom exemplo da colaboração dos pedagogos libertários produzindo textos para os jornais, revistas e outras publicações anarquistas é o artigo publicado na mesma revista por outro destacado educador anarquista, Adelino de Pinho, que também foi um dos fundadores das Escolas Modernas nº. 1 e nº. 2 de São Paulo:

A escola atual, confessional ou governamental, é a sistematização da violência. Exemplifiquemos tão audaz afirmativa. A conflagração europeia, essa tremenda guerra que tão desastrosas consequências acarretou ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da humanidade, é um produto da escola primária. Os estados modernos, compreendendo perfeitamente que com a decadência da religião e com o desenvolvimento comercial e industrial das sociedades era impossível manter na ignorância suína, dos tempos idos, as multidões, abriram escolas, as mais que puderam, especialmente nas cidades onde os agrupamentos são maiores e onde as ideias se disseminam mais facilmente porque há mais sociabilidade, para, por esse meio, lançarem mão dos cérebros infantis e modelá-los a seu bel-prazer, enchendo-os de fórmulas metafísicas e abarrotando-os de palavões estragados, como pátria, fronteira, estrangeiro e inimigos, acostumando os ternos infantes a desconfiar dos outros povos e a precaver-se contra eles, o que leva os do país estranho a fazer o mesmo e vice-versa. Os professores primários transformaram-se numa espécie de instrutores de soldados e a escola surgiu como uma ante-sala do quartel. A educação cívica e até os exercícios militares erigiram-se em dogma infalível, em bíblia e evangelho. As novas gerações, saídas desses antros de desmoralização, que outra coisa poderiam dar a não ser bons soldados? (...) E se queremos, desejamos e aspiramos um mundo melhor onde todos gozem a alegria de viver, satisfeitos da vida e libertos da fome, da opressão e da ignorância bestial; se queremos edificar este belo monumento, “a escola – a Escola Racional – é o PEDESTAL!”. S. Paulo, Março de 1915. ADELINO DE PINHO.¹⁹⁶

Para exemplificar a notoriedade e a importância que tinha para os libertários brasileiros do início do século XX o grande educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia, que na imprensa anarquista do Brasil costumava ser chamado apenas de Ferrer, reproduzimos aqui um trecho publicado no jornal *A Voz do Trabalhador*:

O momento é ainda de protesto. O mundo inteiro protesta contra o bárbaro fuzilamento praticado na pessoa do grande mestre da nova ideia, o livre pensador Francisco Ferrer. Os sombrios fossos da fortaleza de Monjuich recordam os tempos medievais, anteriores à queda da Bastilha. A descarga que fez tombar Ferrer repercutiu pelo universo inteiro, no íntimo de cada peito, no seio de cada família, no meio de cada associação e no âmago de cada país.

¹⁹⁶ PINHO, Adelino de. A escola, prelúdio da caserna. In *A Vida*, Órgão do Centro dos Operários das Pedreiras, RJ, n. 5, 31/3/1915, p. 78.

Levantemos, pois, um grito de revolta contra a morte daquele que só soube criar escolas. Elevemos a voz proclamando bem alto a memória daquele que só procurou instruir a infância – o criador da Escola Moderna - Francisco Ferrer. Rio, 23 de outubro de 1909. A. Galileu¹⁹⁷

O mesmo jornal noticiava:

Acham-se abertas as matrículas para a Escola Popular, do curso primário diurno, para ambos os sexos. O ensino será dado segundo o método racionalista, por uma distinta professora diplomada pela Escola Normal de S. Paulo. Para informações, na sede da liga Anticlerical, à rua Marechal Floriano Peixoto 112, 2º. Andar, das 20 às 22 horas.¹⁹⁸

Em 1911, *A Guerra Social*, que se definia como um periódico anarquista, homenageava a memória de Ferrer:

Há dois anos circulou por todo o orbe a pavorosa notícia de que Francisco Ferrer fora assassinado entre os muros da fortaleza de Montjuich – a Bastilha espanhola. De todos os recantos do mundo, onde palpitava um coração humano, levantou-se um clamor imenso de surpresa e de protesto. Em pleno século XX matava-se um homem pelo delito de pensar em desacordo com os tiranos do povo trabalhador! Punia-se a ousadia de um homem que tivera a coragem, nesta época balda de caracteres íntegros, de afirmar, bem alto e positivamente, os seus ideais de justiça e de igualdade, e que, convicto da regeneração humana, dedicara todos os esforços da sua grande atividade à educação da mocidade proletária, de cujo cérebro hão de brotar os germens de uma futura sociedade onde não haja guarida para a ambição desregrada nem para a torpeza de sentimentos.

(...) Fundar escolas, esclarecer o povo, dissipar-lhe o denso véu das mentiras religiosas que o embrutece, embotando-lhe os sentimentos humanos, eis o terror dos tiranos de todos os tempos!

Um povo que pensa, um povo que raciocina, é um povo rebelde à tirania e à opressão. Por isso a burguesia procura crestar nos cérebros da mocidade operária todas as ideias generosas, ao mesmo tempo que procura inocular-lhes os absurdos patrióticos e as mentiras religiosas.

(...)

Os tiranos matam os homens que pensam; não matam, porém, as ideias que de seus cérebros brotaram.

Ferrer morreu; a sua ideia ficou! POLIDORO SANTOS¹⁹⁹

¹⁹⁷ GALILEU, A. À memória de Ferrer. In *A Voz do Trabalhador*, jornal anarquista-comunista, órgão da COB, RJ, n. 20, 15/11/1909, p. 3.

¹⁹⁸ *A Voz do Trabalhador*, jornal anarquista-comunista, órgão da COB, RJ n. 51-52, de 01/04/1914, p. 4.

¹⁹⁹ SANTOS, Polidoro. O crime de Montjuich. In *A Guerra Social*, jornal anarquista, RJ, n. 7, 1911, p. 1.

O trecho acima comprova a importância destacada que os anarquistas brasileiros davam a Ferrer y Guardia, tal como os libertários de outros países. O educador catalão foi reconhecido como uma referência básica para o modelo de escola que os libertários desejavam criar. A educação de base racional e igualitária buscava desenvolver nos alunos uma consciência cívica que visava à justiça social, com oportunidades iguais para todos os cidadãos, de todos os gêneros e classes sociais. Desta forma, a classe trabalhadora reconhecia que a educação poderia criar o tipo de sociedade nova pela qual ansiava.

O jornal *O Trabalhador Graphico* (SP), tem um artigo sobre a Escola Moderna, com um trecho particularmente relevante para este assunto:

Como tudo que pertence à iniciativa oficial é determinado pelos interesses de sua própria conservação, as escolas governamentais obedecem a fins antecipadamente previstos pelos seus organizadores e tendem o povo para a obediência e submissão aos preceitos estabelecidos como regra para a sua vida, que não deve corresponder senão aos desejos e caprichos dos que dirigem o Estado. As escolas oficiais não são criadas para educar e instruir os filhos do povo dentro das normas estabelecidas pela Razão e pela Justiça. O que se quer, o que se tem em mira, o que se pretende fazer dos alunos em tais escolas não é senão torná-los escravos dos absurdos e prejudicialíssimos preconceitos políticos e religiosos, não é senão prepará-los para a caserna, que os espera logo depois da vida escolar, para acabar de corrompê-los e arruiná-los, predispondo-os para a obediência passiva e condenável que lhes é imposta pelo regime militar, que é também o regime do vício, da escravidão e da morte do corpo e da consciência, porque o soldado perde o amor à vida e ao trabalho produtivo e fecundo que se opera no campo, na fábrica e na oficina, tornando-se elemento ameaçador e perigoso para a manutenção da Paz, da Solidariedade e da Justiça entre os homens. A escola oficial e a caserna são duas coisas que se completam. (...) Ensinar a lei do amor equivale a combater o militarismo, que não é senão a escola do ódio e da morte àqueles a que o governo ordena que sejam eliminados, embora nesse número estejam incluídos os pais e os irmãos dos soldados. (...) E por isso, quando nas escolas modernas se ensina a Verdade e a Justiça, vem logo o governo e as fecha, alegando que elas constituem elementos de perversão social.²⁰⁰

Um pouco antes dos parágrafos finais do artigo, o redator expõe:

Sócrates na Grécia, Cristo na Galiléia e Ferrer nos domínios clérico-monárquicos da Espanha foram acusados do crime de perverter a sociedade das respectivas épocas com as suas doutrinas. Foram mortos,

²⁰⁰ O TRABALHADOR GRAPHICO, n. 1, SP, 15/6/1920, p.5.

mas o que havia de verdade em seus ensinamentos persistiu e atravessou os séculos, a despeito de todas as perseguições.²⁰¹

No dia 18 de janeiro de 1912, *A Guerra Social* publicou com grande destaque uma matéria assinada por Leão Aymoré, conclamando os leitores a colaborarem com o projeto de fundação de uma escola em São Paulo.

A “Comissão Central pró-Escola Moderna” está discutindo presentemente o modo mais eficaz de dar cumprimento à sua missão. A princípio julgou-se ser possível angariar donativos suficientes para fundar em S. Paulo a “Escola Racionalista Moderna”; mas reconhece-se agora a impossibilidade dessa realização. E devemos sentir satisfeitos com os 13 contos e tantos angariados, tendo em vista que a quase totalidade dessa importância foi dada por operários que mal ganham para alimentar a sua família.

Não se fará, pois, a “Escola Modelo”, mas far-se-á o que for possível. E com 13 contos bem aproveitados já se pode fazer muito.

Delineemos um plano:

Convoca-se uma grande reunião de todos os anarquistas e socialistas de São Paulo, para a qual deverão ser especialmente convidados a “Sociedade Feminina de Educação Moderna”, o “Centro Libertário” e outras agrupações congêneres.

Nessa reunião fundar-se-á a “Sociedade pró-Escola Moderna, cujo fim único será fornecer os recursos necessários para a manutenção de uma “Universidade Popular”, onde funcionará também uma “Escola Preparatória de Professores para o Ensino Racionalista”.

A Universidade terá por objeto ministrar a instrução em geral ao povo, por meio de conferências científicas, sociológicas e literárias, feitas por pessoas convidadas para esse fim.

A Escola Preparatória terá por fim o ensino metódico de diversas matérias a todos os companheiros que se queiram preparar para mais tarde tomarem a direção de Escolas Racionalistas”. (...)

E de que modo serão estabelecidas e mantidas essas escolas?

Ao passo que os professores vão ficando preparados para o ensino racionalista, a “Escola Moderna” fornecerá a cada um todo o material necessário a uma escola de 50 alunos, que não deve custar mais de 400\$000. Cada professor receberá mais 100\$000 em dinheiro para custear as despesas dos primeiros meses, em que a frequência de alunos, porventura diminuta, não dê para recolher em mensalidades o suficiente para manter o professor e a escola.

Sim, porque o professor terá de viver e manter a escola com as contribuições mensais dos alunos, do mesmo modo que por aí vivem muitas escolas particulares. (...)

Cada professor que se encarregar de uma escola fundará imediatamente uma associação local da qual ele será o secretário.

A essa associação poderão pertencer todos os membros da família dos alunos e as pessoas que estejam de acordo com os princípios da Escola Moderna.

Cada uma dessas sociedades toma sob a sua proteção a Escola que lhe corresponde, auxiliando-a moral e materialmente. (...)

²⁰¹ Idem, p. 5.

Trabalhemos com afinco e podereis estar certos, ó amigos da Escola Moderna, que aqui se fará com pouco dinheiro o que ainda não se fez em parte nenhuma, mesmo com muito. LEÃO AYMORÉ²⁰²

Na mesma época, o periódico anarquista *A Guerra Social* publicou um pequeno artigo de Ferrer y Guardia:

O ensino racionalista pode e deve discutir tudo, facilitando à criança a larga via da investigação para que ela possa perceber após maduro exame, as origens não só da terra e do homem, mas de todos os males que afligem a humanidade: guerras, tiranias governamentais, capitalistas e patronais.

O ensino racionalista deve formar indivíduos conscientes do que são e de tudo o que os rodeia, para que, em consequência, procedam sempre segundo os conselhos da sua razão e como o reclame o seu bem-estar.

O ensino racionalista não nega, nem afirma coisa alguma que não seja demonstrável segundo a ciência, que não seja compreensível ao raciocínio humano e demonstrável com a maior evidência. Francisco Ferrer.²⁰³

Outro importante órgão da imprensa proletária do início do século passado era o jornal *A Lanterna*, publicado por Edgard Leuenroth, figura de alta relevância no meio anarquista da época. *A Lanterna* publicou um anúncio divulgando a Escola Moderna n. 1, de S. Paulo, reproduzido aqui em seguida:

Escola Moderna n. 1. Para meninos e meninas. À Rua Saldanha Marinho, 58 - S. Paulo (Belenzinho). Instituto de educação e instrução segundo o método racionalista, mantido pela associação Escola Moderna de S. Paulo. As suas aulas, tanto diurnas como noturnas, já estão funcionando com regular frequência de alunos e a inscrição para a matrícula se acha aberta, mediante a contribuição mensal de 45 para as aulas diurnas e 46 para as noturnas.

O fornecimento de livros e matérias é feito gratuitamente aos alunos da escola a fim de facilitar aos operários a educação e instrução de seus filhos segundo o método racionalista.

Horário das aulas:

De dia: (ilegível) ao meio-dia para a seção masculina e das 12 ½ às 4 ½ para a seção feminina.

De noite: das 7 às 9 horas.

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de português, aritmética, geografia, história do Brasil e princípios de ciências naturais.

²⁰² AYMORÉ, Leão. A Escola Moderna. In *A Guerra Social*, jornal anarquista, RJ, n. 10, 18 /01/1912, p. 3.

²⁰³ FERRER Y GUARDIA, Francisco. O ensino racionalista. In *A Guerra Social*, jornal anarquista, RJ, n. 31, 12/10/1912, p. 1.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado. O diretor, Prof. João Penteadó.²⁰⁴

Mais uma vez comprovando a estreita ligação e o apoio dado pela imprensa anarquista às iniciativas de pedagogia libertária levadas a cabo por dedicados militantes nos primeiros anos do século passado, destacamos que na edição de 29/8/1914, de número 258, o jornal A Lanterna publicou em suas páginas dois anúncios de divulgação das Escolas Modernas n. 1 e n. 2, de São Paulo, cujo conteúdo é transcrito a seguir:

Escola Moderna N. 2. Cientificamos às famílias que se acha instalada no prédio da rua Muller, 74, a Escola Moderna n. 2, criada sob os auspícios do Comitê pró- Escola Moderna.

Esta Escola servir-se-á do método indutivo demonstrativo e objetivo, e basear-se-á na experimentação, nas afirmações científicas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATÉRIAS:

As matérias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, geografia, botânica, sociologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história, desenho, etc.

Horário: das 12 da manhã às 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 às 12 horas da manhã e das 4 às 6 da tarde.

Escola Moderna n. 1. Para meninos e meninas. À Rua Saldanha Marinho, 58 - S. Paulo (Belenzinho).

Instituto de educação e instrução segundo o método racionalista, mantido pela associação Escola Moderna de S. Paulo.

Presentemente instalada em prédio que reúne as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1. acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequência de alunos, cuja inscrição para a matrícula é feita mediante a contribuição mensal de \$5000 para os de cartilha e de \$4000 para os mais adiantados.

Faz parte do objetivo desta escola, também, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o método racionalista e, nesse propósito, são realizados pelo respectivo professor, todos os meses, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORÁRIO:

Aula diurna: das 11 às quatro horas da tarde.

Aos sábados a aula termina à uma hora ou duas da tarde, logo após a volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete às nove da noite, todos os dias, menos aos sábados.

PROGRAMA:

²⁰⁴ A Lanterna, Órgão Anticlerical, SP, n. 214, 25/10/1913, p. 4.

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de português, aritmética, geografia, história e princípios de ciências naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O diretor,
Prof. João Penteado.²⁰⁵

A pesquisa nos jornais da época confirma a grande importância dos professores Adelino Pinho e João Penteado na organização e direção das Escolas Modernas de São Paulo. Como exemplo, veja-se o seguinte anúncio publicado em *A Lanterna*, número 261, de 19/09/1914:

Escola Moderna de S. Paulo:
S. Paulo, 1 de agosto de 1914.

Cidadão:

Os abaixo-assinados, encarregados da promoção de uma festa escolar e de uma quermesse em benefício da Escola Moderna de S. Paulo, cuja obra benéfica de saneamento social se acha iniciada desde o ano passado com a fundação da Escola Moderna N. 1, no bairro de Belenzinho, e da N. 2, no do Braz, levam ao vosso conhecimento que tal iniciativa terá realização com um bem escolhido programa na aprazível Vila Taíde, sita à rua Saldanha Marinho, no dia 11 do próximo mês outubro, esperando merecer nesse sentido o indispensável auxílio de todas as pessoas interessadas na propaganda do ensino e instrução racionalistas, que lhes poderão mandar, desde já, algumas prendas para a quermesse.

O endereço a que deverão ser as mesmas destinadas é o seguinte: Escola Moderna n. 1. Rua Saldanha Marinho, 66, Escola Moderna n. 2. rua Miler, n. 74, ou redação da LANTERNA, largo da sé, n. 5, 2º. Andar.

Antecipando seus agradecimentos, se subscrevem,

Adelino Pinho
João Penteado.²⁰⁶

A Lanterna foi um importante órgão da imprensa anarquista do começo do século passado e que tinha uma linha editorial corajosa e combativa. Edgar Leuenroth, seu diretor, definia o jornal como “anticlerical e de combate”. De fato, a maior parte dos textos publicados em *A Lanterna* dividia-se entre ataques aos donos de empresas que exploravam a classe trabalhadora com carga horária excessiva e salários injustos, por um lado, e ao domínio do clero sobre boa parte dos trabalhadores brasileiros, ainda inculto em sua maioria e, portanto, bastante vulnerável a ser manipulado através de suas superstições e crenças por sujeitos de má-fé. Adelino Pinho, um dos nomes mais

²⁰⁵ *A Lanterna*, Órgão Anticlerical, SP, n. 258, 29/8/1914, p. 4.

²⁰⁶ PENTEADO, João. Escola Moderna de S. Paulo. In *A Lanterna*, Órgão Anticlerical, SP, n. 261, 19/09/1914, p 3.

importantes relacionados à história das Escolas Modernas de São Paulo, escreveu: “Por cima das escolas paira a garra jesuítico-clerical”. O artigo investia contra o predomínio da igreja católica na oferta e administração do ensino no Brasil. Por sua importância intrínseca e por demonstrar claramente a importância que tinha para os anarquistas a possibilidade de oferecer aos indivíduos uma pedagogia que lhes fornecesse meios para se tornarem cidadãos mais livres e emancipados, reproduzimos um trecho de Adelino Pinho:

É coisa axiomática, sabida e provada que quem dominar e possuir a escola será dono do futuro.

Já Leibniz o proclamou há quase dois séculos: “faça-me senhor do ensino e eu transformarei a face da Terra”. E é precisamente pela clericalhada saber esta verdade, compreender este preceito, calcular o alcance deste aforismo, que tenta lançar por todos os nichos as suas garras aduncas e os seus afiados dentes na escola, apoderar-se da infância, inculcar-lhe na massa cerebral ainda por plasmar, ainda virgem de qualquer impressão de dúvida, esses ridículos dogmas, esses fantásticos ensinamentos que constituem o conteúdo de superstições arcaicas, de prejuízos anacrônicos, de ideias fora de moda, de inverdades há muito postas em cheque pela análise da ciência e pelas luzes da crítica e das próprias observações e experiências humanas, mas que servirão de ajuda para lhes prolongar o predomínio. (...)

E isto depois de 42 anos de ensino leigo, de separação da Igreja do Estado, quando era uma questão resolvida com a prova do tempo, da conveniência e do bom resultado obtido e que todos acatavam e aceitavam como fato consumado, como a solução mais conveniente, mais pertinente e conciliatória do problema.

Mas a igreja não dorme, os padres não cochilam, os jesuítas não abandonam as suas velhas ideias de chegarem ao fim proposto, não escolhendo meios nem abandonando oportunidades.

Bastou que a velha Constituição fosse abalada pelas sucessivas reformas e alterações que sofrem; bastou que o país fosse sacudido por contínuas agitações revolucionárias, para que o exército assotainado voltasse à carga, desse o seu golpe traiçoeiro e ferino, tratando de auferir vantagens de um movimento que tinha por fim avançar e não recuar, e que custou tantas vidas e tanto sangue aos numerosos brasileiros que sucumbiram para conquistar dias de mais liberdade e de mais tolerância para o Brasil. (...)

É necessário, porém, impedir por todos os meios e duma vez para sempre, que esses mensageiros do Vaticano, que esses gendarmes do Papa consigam por a mão nas escolas públicas, pagas com o dinheiro do povo em geral, mantidas com o suor de todos os indivíduos pertencentes a todos os credos, seitas ou partidos.

Já que é mantida com o dinheiro de todos, a todos precisa servir, alheia a seitas, a credos ou religiões quaisquer. Nada de privilégios, nada de regalias e favores para uma em detrimento das outras. E para isso só o critério da Escola neutra ou então um curso comparado das diversas religiões, mostrando que umas não são melhores que as outras e que todas têm um fundo e origem comum, que são como o desdobramento e a prolongação umas das outras. (...)

Que todos o tenham assim entendido e que procurem manter a Escola alheia às ambições religiosas de todas as seitas.
ADELINO DE PINHO.²⁰⁷

Fernando Antonio Peres salienta que o grupo editor do jornal *A Lanterna*, após 1903, decidiu assumir a tarefa de estimular o surgimento de escolas leigas em São Paulo.²⁰⁸ Por exemplo, em dezembro daquele ano, o jornal divulgou a intenção de fundar uma escola com o nome do escritor francês Emílio Zola em fevereiro de 1904, apresentando-a como um “estabelecimento leigo de instrução, destinado a crianças de ambos os sexos”.²⁰⁹ A escola oferecia instrução totalmente gratuita a alunos de 5 a 10 anos de idade, com horários flexíveis para atender aos menores que não pudessem permanecer das 10 às 15 horas, oferecendo aulas de uma, duas ou três horas de duração, caso os recursos fossem abundantes. Assim, pediam a todos os interessados em colaborar com a obra de “laicização completa” do ensino que ajudassem com dinheiro, material escolar, mobiliário ou objetos para compor um museu escolar. A proposta, portanto, era de criar todas as condições para a difusão do ensino leigo entre a população da cidade, recebendo auxílio de todos que estivessem dispostos a colaborar,²¹⁰

Em outro artigo publicado dias depois, o jornal fez novo apelo para a criação da Escola Emílio Zola. Além da proposta de combater o clericalismo e promover o esclarecimento das massas, *A Lanterna* dizia que:

(...) se impôs a missão de organizar as forças liberais do país, de reunir todos os anticlericais e livres-pensadores em poderosas associações, convencendo-os da necessidade inadiável da criação de escolas leigas, orfanatos leigos, de associações leigas de senhoras e de Universidades Populares, no gênero das existentes na Itália, na França e na Espanha, enfim, de toda classe de sociedades leigas, pois só assim se conseguirá arrancar ao ensino jesuítico a criança, a mulher e as classes trabalhadoras”.²¹¹

Juntamente com *A Lanterna*, o jornal *A Plebe* pode ser considerado outro dos mais importantes veículos da imprensa operária de inícios do século XX. Da mesma

²⁰⁷ PINHO, Adelino de. Por cima das escolas paira a garra jesuítico-clerical. In *A Lanterna*, Órgão Anticlerical, SP, n. 356, 27/7/1933, p. 1.

²⁰⁸ PERES, Fernando Antonio, op. cit. p. 77.

²⁰⁹ *A Lanterna*, Órgão Anticlerical, SP, 17/12/1903, p. 1.

²¹⁰ PERES, Fernando Antonio, op. cit. p. 77.

²¹¹ *A Lanterna*, Órgão Anticlerical, SP, 23/12/1903, p. 1-2.

forma que *A Lanterna*, *A Plebe* também alcançou uma vida mais longa que a maioria dos outros jornais criados por militantes libertários naquela mesma época. Este último foi publicado, ainda que de forma intermitente, até o começo dos anos 40, enquanto o primeiro não resistiu aos primeiros anos da década de 1930, por causa, também, da repressão da ditadura do Estado Novo de Vargas. Em seu primeiro número, que veio à luz na data de 9 de junho de 1917, *A Plebe* publicou o seguinte anúncio:

Escola Moderna N. 1 – Instituto de Instrução e Educação para menores e adultos de ambos os sexos. Aulas diurnas e noturnas.

Ensino teórico e prático, segundo os métodos da pedagogia moderna, com os quais se ministra aos alunos uma instrução que os habilita para o início das atividades intelectuais e profissionais, assim como uma educação moral baseada no racionalismo científico.

CURSO PRIMÁRIO – Rudimentos de Português, Aritmética, Caligrafia e Desenho.

CURSO MÉDIO – Gramática, Aritmética, Geografia, Princípios de Ciências, Caligrafia e Desenho.

CURSO ADIANTADO - Gramática, Aritmética, Geografia, Noções de Ciências Físicas e Naturais, História, Geometria, Caligrafia, Desenho, Datilografia.

Para as alunas haverá também trabalhos manuais: costura, bordado, etc.

Aulas diurnas

Horário: das 11 ½ às 16 ½ (das 11 ½ da manhã às 4 ½ da tarde).

Mensalidades: Curso primário ou médio, 4\$000, curso adiantado, 5\$000.

Aulas noturnas

Horário: Das 19 às 21.

Mensalidades: Curso primário ou médio, 5\$, curso adiantado, 7\$.

DIRETOR – PROFESSOR FLORENTINO DE CARVALHO.

Avenida Celso Garcia, 262 – Belenzinho – S. Paulo.²¹²

Mais uma vez demonstrando o forte vínculo de apoio e comunicação entre o jornal publicado por Edgard Leuenroth e os ativistas da pedagogia libertária, *A Plebe* homenageava Francisco Ferrer y Guardia:

Há oito anos que foi fuzilado no castelo de Montjuich o fundador da Escola Moderna, e até hoje ainda não foi executada a sentença reta e justa que a Justiça lavrou contra os seus covardes algozes. Não a esqueçamos, porém; jamais, pois do túmulo aberto pela reação no dia 13 de outubro de 1909, chegam até nós os gritos de: VINGANÇA! VINGANÇA!

Além deste editorial, a primeira página do jornal exibia diversos artigos escritos por diferentes autores em memória de Ferrer:

²¹² *A Plebe*, Periódico Libertário, SP, n. 1, 09 /06/1917, p. 4.

Todos os gênios foram perseguidos pela igreja, a inimiga do Progresso Humano.

Ferrer disse que a razão e a ciência eram os antídotos do dogma; que o dogma seria abolido - trecho ilegível – não ensinaria nenhuma religião.
(...)

Em pleno século XX, no século das Luzes, como disse Victor Hugo, a igreja consumou mais um crime odioso.

Mas... será também neste século, no Século da Revolução, como o chamou Maximo Gorki, que a igreja será exterminada...

Viva a Escola Moderna! ...

S. Paulo, outubro de 1917.

ZEJO COSTA.²¹³

Consta também na primeira página da mesma edição deste jornal a seguinte notícia: “Realizou-se ontem às 19 horas, na Escola Moderna, à Avenida Celso Garcia, n. 261, uma sessão comemorativa do aniversário da morte de Ferrer, tendo o seu diretor, João Penteado, feito uma conferência sobre a vida e obra do inolvidável precursor do ensino racionalista.”²¹⁴

João Penteado escreveu:

A história da humanidade não é senão a narrativa coordenada de uma série de acontecimentos multiseculares, extraordinários, em que, junto com os nomes de muitos heróis, aparecem, como sombras, os de uma legião de seres degenerados e pérfidos que se imortalizaram pela própria monstruosidade e que, não obstante terem ocupado importante posição social, não seriam hoje lembrados se não fossem suas vítimas.
(...)

É assim o mundo! Mas a lição da história nos serve de consolo, porque vemos eternizados em suas páginas os nomes de Sócrates, o mestre de Platão, cujas memórias são veneradas entre povos diversos do planeta; de João Huss, o mártir da liberdade de consciência; de Savanarola, Giordano Bruno e outros, cujos feitos heróicos lhes custaram a perseguição e a vida.

Agora, se quisermos falar de acontecimentos mais recentes, basta lembrarmos-nos de Leão Tolstoi, o Cristo moderno, cujas palavras são o evangelho da redenção humana; de Kropotkin, o genial cientista e escritor que tem abalado os preconceitos sociais com suas produções literárias sobre sociologia; de Pietro Gori, o ilustre italiano cujo entusiasmo liberal se manifesta em seu verbo fluente e iluminado e em suas belas jóias literárias. Entre estes, também, podemos incluir o nome de Francisco Ferrer, o grande herói, cujas últimas expressões foram: “Viva a Escola Moderna!”...

E com isso, fez que se lhe ajustasse bem o conceito do poeta:

“Quem na luta cai com glória,

²¹³ COSTA, Zejo. Escola Moderna. In *A Plebe*, Periódico Libertário, SP, n. 17, 14/10/1917, p. 1.

²¹⁴ *A Plebe*, Periódico Libertário, SP, n. 17, 14/10/1917, p. 1.

Tomba nos braços da história!”
JOÃO PENTEADO²¹⁵

Francisco Ferrer y Guardia, em sua trajetória, teve perdas e teve ganhos. Apesar da perseguição que sofreu da monarquia espanhola e da igreja católica de sua época e tendo terminado com seu fuzilamento, a sua obra gerou frutos positivos em diversos países. Sua importância foi reconhecida enquanto ainda estava vivo e seu nome veio a ser ainda mais reverenciado depois de sua morte. Seus inimigos, portanto, não conseguiram vencê-lo.

Curiosamente, podemos dizer que o mesmo balanço de perdas e ganhos foi obtido pelas escolas modernas criadas pelos anarquistas no Brasil no início do século XX, baseadas nos ensinamentos de Ferrer. Estas escolas apenas puderam durar alguns anos, devido à repressão política que se abateu sobre os anarquistas, principalmente durante o governo de Artur Bernardes, e também da oposição empreendida pela igreja, que se opunha ao seu tipo de ensinamento. Os religiosos também tinham interesse em conservar o privilégio de oferecer o ensino de forma exclusiva, se possível. E, no entanto, a despeito de sua curta duração, a experiência das escolas modernas veio a influenciar educadores e pedagogos das gerações seguintes. Podemos destacar, como exemplo, alguns pontos essenciais defendidos no “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, datado de 1932. Redigido por Fernando de Azevedo, dentre 26 intelectuais, entre os quais Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Cecília Meireles. O Manifesto tornou-se o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país, propondo que o Estado organizasse um plano geral de educação, defendendo uma escola que fosse pública, laica, obrigatória e gratuita. Vemos aqui vários aspectos anteriormente defendidos e reclamados pelos anarquistas no seu projeto de educação libertária. E da mesma forma que o projeto das escolas modernas dos anarquistas, o movimento da Escola Nova ou Educação Nova, apesar de ter obtido mais sucesso, também sofreu pesada oposição da Igreja Católica, sempre uma forte concorrente do Estado na oferta de educação para a população e detentora de uma grande parcela das escolas da rede privada.²¹⁶

²¹⁵ PENTEADO, João. Ferrer. In *A Plebe*, Periódico Libertário, SP, n. 18, 21/10/1917, p. 2.

²¹⁶ <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>

Conclusão

Depois de pesquisar e estudar as experiências de pedagogia libertária postas em prática por inúmeros militantes e ativistas em diversos países no final do século XIX e início do século XX, ficou mais forte a nossa concepção inicial e o sentimento da importância de manter vivos os ideais libertários educacionais que inspiraram e ainda inspiram educadores em toda parte.

Ideais estes que, mesmo após o desmantelamento das Escolas Modernas criadas por militantes anarquistas desde os primeiros anos do século XX, continuaram norteando professores e pedagogos ao longo da história de nosso país. Como exemplo, podemos lembrar o movimento conhecido como Escola Nova, também chamada Escola Ativa ou Escola Progressiva, surgido anos depois, na década de 30, e alguns grandes educadores que dele participaram, tais como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando Azevedo. Estes professores, ao seu modo e em sintonia com o espírito de sua época, também propagaram ideias e práticas que concebiam um sistema de ensino público, livre e aberto como o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais do Brasil. Recordamos que o influente documento conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, firmado pelos três professores e pedagogos citados, dentre outros, defendia a universalização da escola pública, laica e gratuita, propostas que ressoam e repetem algumas das principais reivindicações daqueles educadores libertários que criaram as chamadas Escolas Modernas e Universidades Livres nas duas décadas anteriores.

Anísio Teixeira (1900-1971), além disso, foi o mentor de duas grandes universidades públicas do Brasil (a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, desmembrada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, e a Universidade de Brasília, da qual era reitor, quando aconteceu o Golpe Militar de 1964, que veio a perseguir o professor Anísio e dificultar seu trabalho). Anísio Teixeira também fundou a Escola Parque em Salvador em 1950, estabelecimento escolar que posteriormente iria inspirar o modelo dos Centros Integrados de Educação Pública, conhecidos como CIEPS, no Rio de Janeiro, na década de 1980. A Escola Parque idealizada por Teixeira foi considerada uma instituição de ensino pioneira no Brasil, graças à sua proposta então revolucionária de educação profissionalizante e em tempo integral voltada para as populações mais carentes. Entretanto, vemos que esta proposta, em seu cerne, já havia sido posta em